

Antonio Marmo da Cunha Oliveira

Dos Advérbios

Dissertação apresentada ao
Curso de Lingüística do Instituto
de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial
para obtenção do título de
Mestre em Lingüística.

Orientadora: Professora Doutora
Charlotte Marie Chambelland
Galves.

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem

1996

9619983

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	OL4a
V.	E.
T.	5729134
PREC.	GG7/96
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	26/11/96
N.º CPD	

CM-00095113-5

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

OL4a Oliveira, Antonio Marmo da Cunha
Dos advérbios / Antonio Marmo da Cunha
Oliveira - - Campinas SP [s.n.], 1996

Orientador Charlotte M. C. Galves
Dissertação (mestrado) - Universidade
Estadual de Campinas, Instituto de Estudos
da Linguagem

1. Sintaxe 2. Gramática gerativa. 3.
Língua portuguesa. I. Galves, Charlotte
Marie Chambelland II. Universidade Esta-
dual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título

Ch. Galves

Professora Doutora Charlotte Marie Chambelland Galves- Orientadora

Rodolfo Ilari

Professor Doutor Rodolfo Ilari

Aparecida C.R. Torres Moraes

Professora Doutora Maria Aparecida Correia Ribeiro Torres de Moraes

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por ANTONIO MARMO
DA CUNHA OLIVEIRA
e aprovada pela Comissão Julgadora em
29, 08, 96.

Profa. Dra. CHARLOTTE MARIE CHAMBELLAND GALVES

Dedicatória

a Carlos Drummond de Andrade

in memoriam

Agradecimentos

Há muitas pessoas às quais se deve a concretização deste trabalho. A começar quero agradecer aos professores Maria Aparecida Correia Ribeiro Torres de Moraes e Rodolfo Ilari e ao professor Jairo Moraes Nunes, convidados para a comporem banca como membros e suplente respectivamente, por aceitaram o convite dentro do menor prazo já visto talvez. Quero igualmente registrar meu maior agradecimento ao Professor Luís Carlos Cagliari e esposa cujo apoio tanto profissional quanto pessoal foi decisivo nessas horas de sufoco louco e que souberam compreender e explicar-me todo um lado difícil dos trâmites acadêmicos. Em especial reafirmo meu obrigado aos membros da banca de qualificação, os professores Rodolfo Ilari e Gládis Massini-Cagliari que tiveram abertura de espírito enorme para o debate e que leram os meus calhamaços de versões prévias em tempo escassíssimo. Quero agradecer também aos funcionários da pós-graduação e da informática pelo serviço exemplar que prestaram à mim e a todos os meus colegas de curso, funcionários cujos nomes não deixarei de mencionar: Rose, Rogério, Carol, Vânia, Wilson, Carlinhos e outros cujo o nome nunca consegui guardar nesses anos todos.. Não me cansarei de agradecer também à professora Cláudia Teresa Guimarães de Lemos pelo que ela me fez em certa época da minha vida. Quero agradecer aos meus amigos que me souberam compreender nos momentos mais difíceis, em especial a Renata e o casal Franchetti, Paulo e Susan. Quero também agradecer ao meu colega vindo da Bahia, o Max, por ter trazido a todos os textos de Cinque sem os quais este trabalho teria tomado outro rumo e por ter aqui vindo depois de mim, garantindo que essa gente não passará seu tempo sem um aluno mais ou menos do estilo "Marmo"¹. Fica meu agradecimento ao pessoal dos vários postos de xerox: Elton, Sérgio, Rita e outros mais que prontamente me atenderam todas as vezes e muitas vezes me deixaram pendurar a conta nesses anos todos de Unicamp. Devo dizer obrigado também a coletividade de todos os professores, funcionários e alunos do IEL que de uma forma ou de outra sempre me presentearam com seu profissionalismo e amizade. Agradeço também e com o mais profundo e sincero sentimento aos meus pais, Antonio e Mércia, que muito me apoiaram e me sustentaram quando sobreviver somente com uma bolsa de estudos seria impossível.

¹ Como ele não é narcisista não se reconhece em mim, mas sob certos aspectos sou ele amanhã.

Além dessas pessoas físicas, há a CAPES, órgão financiador da minha pesquisa, que jamais atrasou em
nenhum dia a minha bolsa: a ela minha gratidão igualmente.

Finalmente meu muito obrigado à amiga de longa data e professora desde a Graduação, minha
orientadora Charlotte que sempre acreditou neste projeto de pesquisa que culminou com a presente
dissertação. Ela que, além de ser a melhor portuguesa nascida na França e apaixonada por Souzas, me
atura e sabe ouvir-me até hoje.

Sumário

FOLHA DE ROSTO	1
<u>DEDICATÓRIA</u>	<u>3</u>
<u>AGRADECIMENTOS</u>	<u>4</u>
<u>SUMÁRIO</u>	<u>6</u>
<u>RESUMO</u>	<u>9</u>
<u>UM OUTRO CAMINHO</u>	<u>10</u>
<u>INTROÍTO: ALGUMAS PERPLEXIDADES ANTE UM VELHO PROBLEMA</u>	<u>14</u>
<u>PRIMEIRO CAPÍTULO: FRONTI NULLA FIDES</u>	<u>37</u>
SEÇÃO I. DAS CRENÇAS INFUNDADAS	37
SEÇÃO II. O EMBASAMENTO À ANÁLISE DO INTERIOR DOS SINTAGMAS ADVERBIAIS	39
SEÇÃO III. PALAVRA INFLEXIVA?	41
SEÇÃO IV. O MITO DA HETEROGENEIDADE	43
SEÇÃO V. DUBITANDO AD UERITATEM PERUENIMUS	49
SEÇÃO VI. O QUE SERÁ MENTE?	53
SEÇÃO VII. UM ADVÉRBIO MODIFICANDO OUTRO?	57
SEÇÃO VIII. SEMPRE O ESCOPO?	57
SEÇÃO IX. DAS POSITIVAS E NEGATIVAS E DEMAIS ILAÇÕES	60
<u>SEGUNDO CAPÍTULO: OS DADOS COMPARADOS</u>	<u>62</u>
SEÇÃO I. OS FENÔMENOS OBSERVADOS EM TRÊS IDIOMAS	62
SEÇÃO II. OS ADVÉRBIOS INGLESES	62
SEÇÃO III. OS ADVÉRBIOS FRANCESES	67

SEÇÃO IV. OS ADVÉRBIOS PORTUGUESES	71
SEÇÃO V. OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS	74
 TERCEIRO CAPÍTULO: A DIALÉTICA DOS ADVÉRBIOS	 75
SEÇÃO I. O PROBLEMA SINTÁTICO	75
SEÇÃO II. DO REQUISITO DA ADJACÊNCIA À L-RELAÇÃO	80
SEÇÃO III. A ANÁLISE DE ABE	81
SEÇÃO IV. CRÍTICAS POSSÍVEIS	84
SUBSEÇÃO 1. O ITEM DE <i>BARE PHRASE STRUCTURE</i> REPETIDO EM CHOMSKY (1995)	84
SUBSEÇÃO 2. OS PROBLEMAS DA ANÁLISE DE ABE	87
 ANTEPENÚLTIMO CAPÍTULO: OS CONTORNOS GERAIS DE UMA TEORIA DA FRASE	 89
SEÇÃO I. ALGUNS PRELIMINARES	89
SEÇÃO II. A TEORIA DAS CASCAS GENERALIZADA	89
SEÇÃO III. A ESTRUTURA FRÁSICA DAS LÍNGUAS EM QUESTÃO	94
 PENÚLTIMO CAPÍTULO: OS CONTORNOS DE UMA TEORIA DOS ADVÉRBIOS	 101
SEÇÃO I. DATA VENIA	101
SEÇÃO II. NENHURES E ALHURES	102
SUBSEÇÃO 1. AS DUAS HIPÓTESES OPOSTAS	102
SUBSEÇÃO 2. A PRIMEIRA HIPÓTESE	105
SUBSEÇÃO 3. A SEGUNDA HIPÓTESE	107
SUBSEÇÃO 4. OS LONGOS OBJETOS	112
SEÇÃO III. O BALANÇO	114
 ÚLTIMO CAPÍTULO: CONCEBER & CONCEITUAR	 115
SEÇÃO I. ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA TEORIA DOS ADVÉRBIOS	115
SEÇÃO II. OS HORIZONTES E OS VÉRTICES	117
SUBSEÇÃO 1. DAS IDÉIAS DERRUBADAS	117
SUBSEÇÃO 2. AS INDAGAÇÕES RESPONDIDAS	117
SEÇÃO III. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DIACRÔNICAS ADICIONAIS	119
SUBSEÇÃO 1. DO LATIM AO PORTUGUÊS	119
SUBSEÇÃO 2. DO PORTUGUÊS ARCAICO	121
SEÇÃO IV. QUESTÕES EM ABERTO	123
SUBSEÇÃO 1. X' VERSUS X'	123
SUBSEÇÃO 2. O MENOR ELO	124
SUBSEÇÃO 3. AS CLASSES DE ADVÉRBIOS APÓS O OCASO DO ESCOPO	125
SUBSEÇÃO 4. DEMAIS QUESTÕES	133
EPÍLOGO DA DISSERTAÇÃO	134

APÊNDICE: A SÍNTESE DO MODELO EMPREGADO	136
O MINIMALISMO E O MINIMALISMO	136
HISTÓRICO	137
ELEMENTOS NORTEADORES	143
UMA METÁFORA	143
OS NÍVEIS DE INTERFACE E O SISTEMA COMPUTACIONAL	144
AS DERIVAÇÕES E A ECONOMIA	145
A SINTAXE OCULTA E A EXPLÍCITA	146
A CONFERIÇÃO E OS TRAÇOS	147
ESTRUTURAS SINTAGMÁTICAS MAIS ECONÔMICAS	149
O MOVIMENTO DAS CATEGORIAS	152
A UNIFORMIDADE DAS CADEIAS	153
O ELO DA CADEIA É SEMPRE O MENOR	154
O PAPEL TEMÁTICO	156
NUNCA A SI	158
AS CATEGORIAS	158
O ARCABOÇO GERAL	160
GLOSSÁRIO TÉCNICO PORTUGUÊS INGLÊS	162
SUMMARY	169
BIBLIOGRAFIA	170

Resumo

Esta dissertação trata da sintaxe dos Advérbios, discutindo seu lugar no quadro das categorias e tentando explicar as semelhanças e diferenças de comportamento desta categoria em três Línguas: o Português, o Inglês e o Francês. O modelo teórico adotado é o do programa minimalista de Chomsky (1995). A análise demonstrou que os Advérbios não violam a condição do menor elo e que de fato se movem pela estrutura da frase.

Palavras-chave: sintaxe, gramática gerativa e Língua Portuguesa.

Prefácio

Um Outro Caminho

O prefácio, quero crer, é das partes de uma obra a mais informal. Nele cabem reconhecimentos, desagravos, desabafos e expressões de ordem mais subjetiva, além de temas acadêmicos que ladeiam a própria obra.

Vem este abrir o trabalho presente antecipando espantos e outras admirações. O que se fez no trabalho que se segue foi algo que difere muito e muito mesmo de trabalhos anteriores. É um escrito em boa parte devotado a desfazer certos mitos. Este prefácio falará um pouco sobre um trabalho cuja investigação tentou percorrer outro caminho.

Essa investigação procedida concluiu entre outras coisas que não se podia confiar em algumas idéias baseadas em uma primeira percepção dos dados, principalmente quando estes parecem contradizer-se.

Essa dissertação primeiro investiga a morfologia e a sintaxe interna dos Sintagmas Adverbiais e desta vai à sintaxe externa, para acabar vendo não só o que se passa com os Advérbios mas com as demais categorias no esquema geral da frase.

Isso há de causar muita consternação para alguns entre os que lerem esta dissertação e que já tiverem uma bagagem pesada de leitura no assunto. As idéias arraigadas nessa literatura condicionam muito a visão das pessoas e dar-se conta da sua imprecisão é algo difícil. Mais cedo ou mais tarde, todavia, há de alguém desmascará-los. Entre outros mitos que caem com ela, por exemplo, essa dissertação marcará provavelmente o fim do reinado do escopo, se ouvida sua voz no eco da história.

Outro ponto capital nesse trabalho será o encolhimento da categoria dos Advérbios que a partir de alguma altura se verá reduzida a dois itens. Contudo, esse encolhimento não quererá implicar necessariamente que tudo o que se escreveu antes a respeito de Advérbios seja falso por às vezes se terem incluído Pseudo-Advérbios. Antes, muitos desses trabalhos ganham maior generalidade, isto é, ficam com uma dimensão maior do que supunham ter originalmente, pois o que dizem a cerca dos Advérbios não vale somente para estes mas para muitas outras categorias confundidas com Advérbios. Isso é-lhes um mérito, visto que estabelecer generalizações para várias categorias é mais difícil do que para itens de só uma categoria. Muito da literatura prévia se deverá, pois, reentender como obras sobre adjunção ou adjuntos em geral e não apenas sobre Advérbios.

Para além dessas revelações que deixarão alguns estupefactos, o estilo afastar-se-á do que se encontra às vezes em trabalhos gerativistas feitos no Brasil. É que alguns dos gerativistas não escrevem de um modo muito ortodoxo em Português, ou pelo menos de um modo mais heterodoxo que o meu. Este trabalho procurou livrar-se dos vezos dessa literatura e nisso o estilo aproxima-se do que se pode ler nas obras dos historiadores, escritores e outros intelectuais e humanistas brasileiros. Porém, não se aproximará de todo, visto que há a marca da individualidade do autor que se há de preservar, ficando aqui reivindicado o direito de existir e persistir ao longo do texto o estilo próprio de cada um. De resto, como há uma nova teoria, por vezes houve a necessidade de se inventar ou reinventar todo um vocabulário para passar as idéias minimalistas à expressão portuguesa sem cognatos falsos nem anglicismos demasiados. Por fim, deve-se alertar o leitor que mesmo havendo preocupações de ser mais didático ou claro em determinadas alturas do texto, jamais encontrará nele o critério de preferir palavras ou construções mais fáceis a mais difíceis e isso por dois motivos entre outros: primeiro porque a dificuldade ou familiaridade com uma determinada palavra ou construção varia de indivíduo para indivíduo, segundo porque é uma ilusão achar que o texto científico usa ou pode usar o registro do chamado homem comum ou leitor mediano. Provavelmente o idealizado homem comum ou leitor mediano atrapalhar-se-ia só de esbarrar em palavras como *sintaxe*, *morfologia*, *advérbio* etc... Certamente, além disso, esse leitor jamais preferirá ler uma dissertação da Unicamp a uma edição domingueira de jornal ou uma revista de moda e portanto não pode ser o público alvo do presente trabalho. Por esses motivos e por outros mais o critério de prioridade às palavras e construções mais fáceis é mera ilusão.

A parte que eu considero mais óbvia, fácil e tranqüila é a seção do primeiro capítulo que trata do escopo. A parte que eu menos gosto dessa dissertação é a subseção do último capítulo que retoma esse problema outra vez e outra vez fala das diversas classes de Advérbios. Não era para existir essa parte. Foi-me uma experiência dolorosa tentar explicar e esmiuçar uns detalhes. Porém, o que é óbvio para uns não será para outros, além do que, a literatura prévia existente condicionou tanto as pessoas que fui obrigado a escrever a tal subseção por força de certas insistências e em consideração ao meu próximo que já sofrerá muito com essa dissertação toda. Tomara que para outros seja esclarecedora, se é que eu consegui realizar parcialmente essa missão impossível. É mais provável, contudo, que baldo tenha sido meu intento ao escrevê-la. Fi-la e agora feita é conformar-se.

Alguns ou mesmo muitos falantes do Português talvez poderão discordar de alguns dos julgamentos a seguir, eles refletiam a minha intuição por quando fiz a dissertação. As frases do Inglês e do Francês dadas trazem consigo os julgamentos dos autores que consultei.

Outras celeumas ou impactos que puder causar este trabalho não se mencionarão neste prefácio por que, afinal, nem tudo se antecipa nem se amortece.

No texto haverá um sem número de citações de autores diversos. Alguns textos consultados se encontravam no original outros eram traduções ao Português. Todas as citações, não obstante virão em Português. Quando na bibliografia não houver indicado que a obra foi traduzida para o Português, a tradução do trecho citado é de minha inteira responsabilidade. No tocante às citações preciso fazer justiça aos meus citados, entre os quais se incluem não-gerativistas e autores antigos: devo declarar que tenho o maior orgulho em citar figuras como Rodolfo Ilari, Celso Cunha e outros mais. São autores que escreveram e alguns ainda escrevem várias obras e sempre tentam publicá-las, procurando enriquecer a ciência e a cultura do país. Admiro-os pela sua competência comprovada e dinamismo patente e não somente eu, mas todos os gerativistas sérios do Brasil têm muito respeito e consideração para com a obra deles: citá-los só poderá melhorar um trabalho de pesquisa.

O trabalho presente foi inicialmente sugestão de dois professores de intuições distintas que, entretanto, não participaram mais do prosseguimento dele por problemas de distância, quer geográfica quer temática: foram eles o professor João Wanderley Geraldi no último semestre de graduação que considerou haver em outro trabalho meu sobre a palavra *então* material para início de uma pesquisa e o professor Eduardo Raposo que visitando a Unicamp sugeriu o tema da presente dissertação. A sugestão foi aceita não só por este autor, mas pela professora Charlotte Marie Chambelland Galves que, considerando-a boa, se dispôs a orientar o trabalho. Além das contribuições pacientes da orientadora, somaram-se a este trabalho sugestões e observações valiosas feitas por membros da banca de qualificação. A começar pelas de um dos professores mais antigos do departamento: Rodolfo Ilari que foi o leitor mais atento que já tive e que zelosamente comentou minúcia por minúcia do trabalho, melhorando em muito seu formato, além de ser um interlocutor democrático e aberto ao diálogo. Já começara ele a contribuir para a pesquisa muito antes de lê-la com seus importantes artigos sobre os Advérbios, os quais, aliás, vem sendo amplamente citados na produção científica brasileira recente. Também deve-se mencionar a professora Gládis Massini-Cagliari, outro membro da banca, que aduziu outros comentários e incentivou muito a manter a qualidades principais, também jogando luz em abismos de densas trevas.

Este trabalho beneficiou-se igualmente de contribuições diretas ou indiretas de pessoas que não fizeram parte de nenhuma das bancas, como as idéias manifestas em cursos e em escritos da professora Mary Aizawa Kato. O Brasil tem saído a frente de outros países ao ser um dos primeiros a estudar e tentar aplicar as idéias do Minimalismo lingüístico. Essa dianteira deve-se muito a três pessoas que vieram aqui explicá-lo e difundi-lo, uma delas é o supracitado professor Eduardo Raposo e as outras duas são os professores Juan Uriagereka e Jairo Moraes Nunes, este último convidado para suplente da banca de defesa desta dissertação. Por fim, poder-se-á notar nas páginas a seguir a presença ainda que de passagem de argumentos de ordem fonética e/ou fonológica, colocados de uma maneira mais explícita do que

ordinariamente ocorre em trabalhos de Sintaxe. Essa presença promana de uma forte formação fonética e fonológica que teve este autor e que se deve principalmente a dois grandes foneticistas brasileiros: os professores Eleonora Cavalcanti Albano e Luís Carlos Cagliari, o último tendo sido orientador deste autor na graduação.

O trabalho de pesquisa científica presente foi também enormemente viabilizado graças a uma política geral de apoio ao estudante da Unicamp e dos governos Estadual e Federal que vai desde o restaurante universitário subsidiado até a bolsa de estudo recebida, sem falar nas bibliotecas, nos computadores e outros elementos que facilitam o trabalho.

É ainda um desejo terminar este prefácio fazendo uma breve porém justa defesa da universidade pública que vem sendo atacada por setores obscuros da sociedade. Se há algo para se alterar nas nossas universidades é o caráter passional de certos tipos de relação, caráter advindo não da instituição acadêmica mas do modelo de sociedade e de governo. De resto, não se deverá mudar a orientação principal dela: ser uma instituição pública, autônoma, voltada para a pesquisa e o ensino e financiada pelos impostos dos cidadãos e não por mensalidades cobradas. É assim que vem sendo e é assim que tem dado certo a universidade pública paulista, expoente de eficiência em contraste a tantos cancros de inépcia nas instituições públicas latino-americanas. Aos que defendem a privatização dela só se pode dizer que o caminho não é por aí.

Campinas agosto de 1996.

Intróito:

Algumas Perplexidades Ante Um Velho Problema

*Não pode o bardo revelar segredos
Que levaram ao céu as ternas sombras(...)
(Álvares de Azevedo Lira dos Vinte Anos)*

*Traz-se por ventura a candeia para ser colocada debaixo do alqueire ou debaixo da cama?
Não é para ser posta no candeeiro? Porque nada há oculto que não deva ser descoberto, nada secreto que não deva
ser publicado. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.
(Marcos, Capítulo IV, versículos 21 a 23).*

Um Caso Pendente

1. Principia-se este trabalho introduzindo-se o assunto de que se há de tratar antes mesmo de apresentar suas linhas gerais já que o motivo sempre antecede a obra. O assunto é algo, senão esotérico, pelo menos impressionista.
2. Baldos e indesejáveis não obstante, também arcanos na ciência existem, por vezes do modo de inquirir por outras das questões insolúveis que se levantam meio às muitas introspeções advindos. Mais analisadas certas entidades, mais restam outras sobre as quais pouco ou nada se reflete, cairão de lado e virando verdadeiras dições esotéricas os seus nomes.
3. Um exemplo disso na Matemática é o termo *infinitésimo* que designa um número menor do que qualquer outro. Ora, intuitivamente o menor dos números é o zero, mas os que falam em infinitésimo não o usam, distinguindo-o do infinitésimo em si. Em Burington & Torrance (1939), por exemplo, *infinitésimo* se define de modo igual à definição de limite:
 - a) *Se o valor de uma variável se aproxima de zero, então a variável às vezes é chamada um "infinitésimo".*
4. Por longo tempo na Biologia também se falou na distinção animal versus vegetal, mas sem se perguntar muito a exatidão da mesma. O estudo de seres microscópicos como a euglema obrigou os Biólogos a tornarem os termos menos impressionistas.

5. O que se vem fazendo na Linguística desde o advento da Gramática Gerativa é supor-se que há um conjunto de entidades primitivas sem definição e então elaborarem-se as análises complexas. Por exemplo, pega-se uma frase como:

a) A Sra. Hambúrguer tem dó do vírus Ebola por que ninguém o quer.

e passa-se a analisá-la o mais explicitamente o possível. Entretanto, não se faz uma análise omnímoda. Privilegiam-se alguns aspectos e não outros, põe-se reparo mais em certos itens lexicais e certos processo do que outros, etc... Haverá, pois, termos simplesmente etiquetados que após receberem um nome técnico se esquecem pelo restante da análise. Por exemplo, *por que* recebe o rótulo de Complementador, explica-se como se move de sua posição inicial para algures em C'' e daí quase nada mais se discute. Qual é a definição exata de Complementador normalmente não se diz nem se indaga nem via. Normalmente tomam-se categorias como primitivos sem definição. Isso poderá ser ruim ou bom para alguns, mas certamente indicará uma delimitação da análise.

6. Então há que se aclarar o que exatamente se quer dizer com determinada etiqueta, que se desvendar qual é de fato a natureza de uma Categoria misteriosa, principalmente de uma que vem servindo de coringa, de cujo rótulo se abusa². Ou melhor, o cientista ao não fazer uma análise omnímoda, coisa bem humana, lega à posteridade as questões das quais se descurou por razão ou outra. Chegou a vez de se atentar a um detalhe já há muito se deitou de lado, que se considerou secundário.

7. É a dos Advérbios uma categoria das mais discutíveis e problemáticas das muitas teorias linguísticas. Já na Gramática Tradicional o Advérbio aparece como um rótulo etiquetado a coisas muito diferentes. Classificava-se como Advérbio o que não se sabia. Na Linguística Gerativa falta uma teoria específica sobre os mesmos. O que há são alguns poucos e diferenciados artigos, honrosas exceções à despreocupação geral com os Advérbios e sobre os quais se há de falar mais à frente, ainda que brevemente. Mas, tente-se expor melhor essa lacuna pouco mencionada.

8. Uma das propostas atuais de se fazer um classificação dos itens lexicais e morfemas de uma língua em categorias e tipos de categorias é a seguinte:

a) Categorias Funcionais

i) Tempo

ii) Concordância³

² Tal esclarecimento não precisa ser necessariamente via uma definição como se verá a seguir. Poderá ser por exemplos ou mesmo por eliminação lógica de elementos que ou não se encaixem em uma etiqueta ou se encaixem melhor em outra.

³ A existência de uma categoria de Concordância já foi proposta como desdobramento da Flexão. Contudo, já se adota uma abordagem segundo a qual a Concordância é uma relação derivada da conferição dos traços ê. Há propostas também que incluem os Clíticos e Determinantes em uma mesma categoria. Assim, esse quadro das funcionais vem-se reelaborando ao longo dos últimos anos.

- iii) Complementador
 - iv) Determinante
 - v) Clítico
 - vi) Exo-verbo
 - vii) Aspecto
 - etc...
 - b) Categorias Lexicais
 - i) Adjetivo [+N +V]
 - ii) Preposição [-N -V]
 - iii) Substantivo [+N -V]
 - iv) Verbo [-N +V]
9. As categorias lexicais definem-se pelos traços $[\pm N]$ e $[\pm V]$, resultando somente as quatro possibilidades acima mencionadas. Neste quadro inexistem um espaço reservado aos Advérbios, sem haver traços categóricos que os definam, nem muito menos indicações de qual grupo, lexical ou funcional, os abarcaria. Necessita-se pois de diversas investigações que ou definam o lugar da Categoria Advérbio ou proponham sua extinção e ipso facto apresentem uma nova classificação dos itens atualmente etiquetados como Advérbios. Para tal, demanda-se pesquisar pontos importantes do problema. Uma pesquisa inicial que aclare em muito o problema pode tomar como ponto de partida a questão da ordem dos Advérbios na frase. Eis o tópico principal da dissertação a escrever-se.

Indagações Centrais

10. Do modo como se colocou a questão o problema em si não aparenta ser tão difícil nem tão crucial quanto o é. Seja geral ou seja sobre um aspecto específico da mesma, toda descrição de uma Língua deve tratar pelo menos da Gramática da mesma e apresentar o seu Léxico na medida do possível. Tanto o Léxico quanto a gramática implicam uma organização categórica e ipso facto é preciso um aparato de categorias o melhor definido o possível. Sob muitos aspectos, chamarem-se alguns itens de Advérbios foi uma solução ad hoc ou (meramente) provisória para fenômenos que permaneciam insolúveis. Manter-se o uso da terminologia "Advérbio" despreocupadamente é muito contraproducente ao nível dos estudos lingüísticos atuais. A fim de justificar o que se vem dizendo até aqui, desenvolvam-se um pouco três questões:
- a) a definição tradicional de Advérbio serve à Lingüística atual?
 - b) os Advérbios são uma Subcategoria dentro de uma maior?
 - c) os vários tipos de itens chamados Advérbios formam realmente uma só Categoria?

A Primeira Indagação

11. Pense-se na primeira pergunta e vejam-se algumas definições dadas pelos seguidores da chamada Gramática Tradicional e/ou da tradição filológica pré-saussureana:

- a) *O Advérbio assim se chama porque vai unido ao Verbo. Veja-se “bene lege”, “bene” é um Advérbio e “lege” um Verbo. Daí tal nome porque sempre se encontra junto do verbo. Sozinho um Verbo tem significado pleno como “scribo”. Já um Advérbio, como “hodie”, não tem significado pleno. Acrescentando-se-lhe um Verbo, contudo, completará seu significado como em “hodie scribo”.*

Santo Isidoro de Sevilha em *Etimologias*.

- b) *Advérbio é uma das nove partes da oração que sempre anda junta e coseita com o Verbo e daqui tomou o nome, porque “ad” quer dizer “cerca” e composto com “verbum” fica “adverbium”, que quer dizer “cerca do Verbo”.*

Foi esta parte muito necessária, ca por ela se denota a eficácia ou remissão do verbo, porque quando digo “eu amo a verdade” demonstro que simplesmente faço essa obra de “amar”, mas dizendo “eu amo muito a verdade”, por este Advérbio “muito” denoto a quantidade de amor que tenho à cousa. E se disser “amo pouco a verdade” desfaço toda a obra de “amar”.

Assim que tem o Advérbio este poder: acrescenta, diminui e totalmente destrói a obra do Verbo a que se junta e ele é o que dá aos Verbos quantidade ou qualidade accidental, como o Adjetivo ao Substantivo.

João de Barros em *Gramática da Língua Portuguesa*.

- c) *A vontade que têm os homens de abreviar o discurso ocasionou o aparecimento do Advérbio, já que a maior parte dessas partículas serve apenas para significar em uma só palavra aquilo que se não poderia indicar senão por uma Preposição e um Substantivo, como “sapienter” (sabidamente) por “cum sapientia” (com sabedoria), “hodie” (hoje) por “in hoc die” (neste dia).*

Arnauld & Lancelot em *Gramática Geral e Razoada* (ou de Port-Royal).

- d) *Tal termo se forma de “ad” (...) e (...) “vérbio” porque o Advérbio se mete geralmente ao lado do Verbo, (...) isso não impede que haja uns Advérbios que se refiram também a um adjetivo, ou particípio ou qualitativo (...).*

Em se enumerando os diferentes tipos de palavras que entram no discurso, eu coloco o Advérbio depois da Preposição, porque me parece que o que distingue o Advérbio de outras espécies de palavras é que este vale tanto quanto uma Preposição e um Substantivo, isto é, tem o valor de uma Preposição com seu complemento (...).

César Chesneau Du Marsais *Les Véritables Principes de La Grammaire et autres textes*.

- e) *Advérbio é uma palavra que modifica o Adjetivo, o Verbo e o mesmo Advérbio.*
O Advérbio é uma espécie de Adjetivo que tem por função característica modificar os Adjetivos e os Verbos. Modifica-os como o Adjetivo modifica os Substantivos.
Du Marsais considera o Advérbio como o Adjetivo do Verbo, do Particípio e do Adjetivo.
Domergue o denomina superatributo e Harris⁴ atributo de segunda ordem, porque exprime um atributo de atributo.
Ernesto Carneiro Ribeiro em Estudos Gramaticais e Filológicos.
- f) *Advérbio é um vocábulo determinativo do Verbo, do Adjetivo ou de outro Advérbio.*
Acrescenta a estourtras o conceito de tempo, lugar, modo, etc. que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem contudo exercer, como o acusativo, o dativo e o objeto indireto circunstancial função puramente complementar.
Said Ali em Gramática Histórica da Língua Portuguesa.
- g) *O Advérbio denota uma circunstância de lugar, tempo, modo, grau ou intensidade, negação, dúvida, etc. e serve de determinante ao Verbo, ao Adjetivo ou a outro Advérbio. É expresso por uma palavra invariável ou locução equivalentes(..).*
Said Ali em Gramática Secundária da Língua Portuguesa.
- h) *São palavras que se juntam a Verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a Adjetivos, para intensificar uma qualidade;*
Celso Ferreira da Cunha em Gramática da Língua Portuguesa.
- i) *É fundamentalmente um modificador do Verbo.*
Celso Ferreira da Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra em Nova Gramática do Português.
- j) *Um Advérbio é uma palavra ou termo usado para modificar o significado de um Verbo, ou de um Adjetivo ou um outro Advérbio, ou seja, é um adjunto do Verbo, do Adjetivo e de si mesmo.*
John Opdycke em Harper's English Grammar.
12. Como se vê, não há exatidão nenhuma nessas concepções tradicionais e divergem muito os autores e até o mesmo autor não se satisfaz com uma só definição. A idéia básica é a de que assim como o Adjetivo é o termo que qualifica ou modifica o Substantivo, o Advérbio é o que faz o mesmo com o Verbo. O conceito original de *elemento aduzido ao Verbo*, entretanto, perdeu-se pelo Século XVIII quando Gramáticos como Du Marsais apontaram para o fato de que os chamados Advérbios também se aduziam a outros elementos. Dessa altura para cá o conceito tradicional de Advérbio se

⁴ Não se pode identificar a qual Harris se referia o autor citado.

tornou mais liberal e muito mais vago. Se se recuperasse o conceito original, em uma versão da Teoria X-linha poder-se-ia rescrever tal definição dizendo-se que o Advérbio é o adjunto do Verbo, isto é, filho de V" (ou um V') e irmão de (outro) V'. Ora, várias Categorias ocupam a posição de Adjunto de Verbo, não só os rotulados de Advérbios como também Sintagmas Adjetivos e Preposicionados e até Orações Relativas. Assim, seguindo-se essa idéia de que Advérbio é todo e qualquer adjunto do Verbo, ter-se-ia propriamente uma noção de Advérbio e não uma Categoria de fato, como são noções as idéias de barreira, de c-comando e a própria idéia de adjunto. A estratégia da Gramática Tradicional tem sido insistir que se trata de uma Categoria e não noção, chamando os Sintagmas Preposicionados, orações subordinadas e outras entidades mais de "Locuções Adverbiais"(sic). Esta estratégia é imprópria dentro de um modelo sintático atual, porque não respeita o princípio de que todo Sintagma X deve ser expansão de um núcleo X da mesma natureza categórica. De resto, os Advérbios modificam também Orações, fato observável que escapa à maioria dos filólogos e gramáticos normativos. Aliás, definir os Advérbios como modificadores de X, Y ... e outro Advérbio é vicioso. Enfim as Definições tradicionais não se enquadram dentro dos princípios atuais de uma Gramática Gerativa, nem são definições verdadeiras de Categoria, nem dão conta da realidade empírica, nem são coerentes internamente. Ipso facto não servem a um modelo gerativo da Gramática de uma Língua, mesmo porque, como já se disse, a Gramática Gerativa toma as categorias como primitivos e não procura dar-lhes definições próprias.

13. Aliás, não se poderia esperar o contrário, isto é, de que as definições da Filologia Clássica ou da Gramática Tradicional se enquadrassem em um modelo gerativo, dadas as grandes diferenças de objetivos. É possível, todavia, ver se há nelas alguma intuição interessante que se possa traduzir dentro de uma terminologia atual ou se possa desenvolver a partir de outro ponto de vista teórico, no caso o gerativista. À primeira vista não há muito dessa intuição que se possa reaproveitar em um aparato teórico atual pelos motivos empíricos supracitados e mencionados mais adiante.

A Segunda

14. Pense-se agora na segunda questão. Vários linguistas defenderam a redução do número das categorias herdadas da longa tradição dos estudos gramaticais, propondo incluírem-se os Advérbios como uma Subcategoria dentro dos Adjetivos, isto é, como tipos de Adjetivos. Entre os gramáticos do Português, o primeiro a propô-lo foi Soares Barboza. Tal proposta esbarrou em problemas distributivos muito difíceis e evidentes.
15. Deveras, alguns dados dos Advérbios e Adjetivos dão a impressão de que estejam em distribuição complementar:
 - a) Um homem honesto.
 - b) *Um homem honestamente.

- c) Um homem vende carros honestamente.
- d) *Um homem vende carros honesto.
- e) Priscila é especial.
- f) *A Priscila é especialmente.
- g) %Ele anda rapidamente rápido.

Mas reparem-se alguns contra-exemplos:

- h) Ele anda rapidamente.
- i) Ele anda rápido.
- j) Realmente ele anda rápido.
- k) *Realmente ele anda rapidamente.⁵
- l) Ele anda realmente rápido.
- m) Na realidade ele anda rapidamente.
- n) Na realidade ele anda rápido.

16. Nas duas primeiras frases do último grupo de exemplos tanto um Adjetivo quanto um Advérbio ocorrem em mesmo ambiente em tempos diferentes quebrando a aparência de distribuição complementar. A idéia de variação livre não resolve essa co-ocorrência por causa tanto dos exemplos de (a) a(g), os quais mostram a impossibilidade de ocorrer variação livre com todos os Advérbios e Adjetivos, quanto dos de (h) a (o), que mostram nem é livre a opção entre "rápido" e "rapidamente", aliás, que indicam que não se trata do mesmo ambiente os lugares de "rapidamente" (um Advérbio) e "rápido" (Adjetivo). Outras evidências reforçam a idéia de que os Advérbios e Adjetivos ocupam ambientes diferentes mas não complementares:

- a) A Priscila é especialmente linda!
- b) * A Priscila é especial linda! (dois Adjetivos aparecendo juntamente).
- c) * A Priscila é especialmente lindamente!

17. Pelos dados acima, Adjetivos e Advérbios em Português podem ocorrer juntamente e não é de se esperar que co-ocorram dois itens de uma mesma Categoria em um mesmo ambiente ao mesmo tempo, de acordo com a idéia clássica de distribuição complementar. Os exemplos asteriscados mostram frases agramaticais onde aparecem dois itens de uma mesma Categoria. Logo ambos, Advérbios e Adjetivos, não estão em distribuição complementar. Do mesmo modo a coordenação entre ambos é impossível:

- a) *O rio jorrava especialmente e lindo!
- b) Ocorreram terremotos ontem e sempre.
- c) *Ocorreram terremotos ontem e freqüente!

⁵ Alguns falantes consideram-na aceitável, entretanto. Ver a respeito disso o penúltimo Capítulo.

- d) *Ocorreram terremotos hexterno e sempre!
 - e) Isso é fato hexterno e freqüente e não hodierno e raro!
18. Além disso, os sufixos que formam Adjetivos comportam-se de maneira bem diferente do "mente" que forma Advérbios e se comporta estranhamente para um sufixo, como mostram os seguintes dados:
- a) Um gatilho que dispara rápida e fulminantemente.
 - b) Real e recentemente.
 - c) *Realmente e recentemente.
 - d) Gostoso e espaçoso
 - e) *Gosto e espaçoso.
19. As evidências apontam para o fato de os Advérbios e os Adjetivos não serem uma mesma Categoria. Destarte ser difícil postular que os primeiros sejam uma subcategoria.

A terceira

20. Finalmente, tente-se responder a terceira pergunta.
21. Deveras, as classificações dos Advérbios na Gramática Tradicional em uma época mais antiga igualmente variavam sensivelmente de autor para autor e de obra para obra, no caso das obras de um mesmo autor. Os critérios então aplicados nada mais eram do que intuitivos. Pode-se mencionar, por exemplo, como trabalho representativo dessa era Bastin (1896): *Le verbe françois et les principaux adverbess*⁶.
22. Em uma época posterior gramáticos procuraram usar de critérios mais explícitos, considerando um número de propriedades fortes ligadas a fenômenos dos verbos. De fato fizeram observações judiciosas nessa busca. Destacam-se nessa época posterior o trabalho de Nilsson-Ehle de 1941, chamado *Les adverbess en -ment* e outros de outros gramáticos do século XX. Nilsson-Ehle diferencia-se dos demais por classificar os Advérbios segundo sua função e depois subdividi-los pelo valor semântico.
23. Um trabalho estruturalista fundamental do século XX, em Inglês foi o de Sven Jacobson publicado em 1964 e que se chamava *Adverbial Positions in English*. Sua obra fazia uma longa descrição e classificação em termos estruturalistas do comportamento dos Advérbios em Inglês, dando bastante detalhes e trazendo ao fim um dicionário cujos verbetes indicavam as possíveis posições de cada Advérbio em Inglês. Apesar de bem estruturalista, ainda era um trabalho muito influenciado pela tradição filológica precedente.

⁶ Apud Nölke(1990b).

24. O gerativismo ocupou-se dos Advérbios igualmente. O trabalho de Greenbaun de 1969, de título *Studies in English Adverbial Usage*, marcou época pelas bateladas de testes que fez, submetendo cada Advérbio a um exaustivo exame para depois classificá-los todos de acordo com suas funções sintáticas. Marcaram época também os trabalhos de Jackendoff (1972), Martin (1973 *Le mot puisque: notion d'adverbe de phrase et de présupposition sémantique*)⁷, Schlyter (1974 *Une Hierarchie d'adverbes et leurs distribution, par quelles transformations?*)⁸ e Bellert (1977 *On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs*)⁹. Por fim, em anos recentes encontram-se os trabalhos de Pollock (1989), Travis (1988) e Rochette (1991), além de Abe (1994).
25. A maneira de classificar os Advérbios, contudo, não foge muito da tradição filológica pré-saussureana e de propostas estruturalistas ou mesmo funcionalistas. Revejam-se as variadas classificações dessas escolas todas mencionadas.
26. A Gramática Tradicional nunca esteve de acordo sobre quais seriam as subcategorias ou tipos dentro da categoria Advérbio. Uma classificação¹⁰ mais sintática e abstrata, mas nem por isso pouco semântica, os biparte em
- a) nominais e
 - b) pronominais que por sua vez se quintam em:
 - i) relativos *também, então, assim*;
 - ii) demonstrativos *ali, lá, aqui, além*;
 - iii) indefinidos *alhures, algures, nenhures*;
 - iv) interrogativos *como, quando*;
 - v) reflexivos *mesmo, próprio*.
27. Já a Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue os seguintes grupos:
- a) de Afirmação *sim*;
 - b) de Dúvida *talvez*;
 - c) de Intensidade *pouco*;
 - d) de Lugar *lá*;
 - e) de Modo *sorrrateiramente*;
 - f) de Negação *nunca*;
 - g) de Tempo *hoje*.

⁷ Idem.

⁸ Ibidem

⁹ Ibidem

¹⁰ Para exemplos de taxinomias assim ver o *Compendio de Gramática Histórica* de José Joaquim Nunes e a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de Manuel Said Ali Ida, entre outros.

28. Esse tipo de classificação encontrara-se já em Gramáticas mais antigas como a de João de Barros.
29. A Nomenclatura Gramatical Portuguesa, por sua vez, adota os sete rótulos supraditos e reconhece ainda outros:
 - a) de Ordem *primeiramente*;
 - b) de Exclusão *salvo*;
 - c) de Designação *eis*.
30. Esse tipo de quadros já figurava nas Gramáticas antigas e medievais. João de Barros¹¹ reconhecia mais ou menos os mesmos que essas nomenclaturas, mas também incluía:
 - a) de Quantidade *muito*;
 - b) de Qualidade *bem*;
 - c) de Chamar *ó*;
 - d) de Desejar *oxalá*;
 - e) de Ajuntar *juntamente*;
 - f) de Apartar *afora*;
 - g) de Jurar *em verdade*;
 - h) de Despertar *eia e*
 - i) de Acabar *em conclusão*.
31. José de Oiticica¹² propunha que alguns deles fossem chamados "Palavras Denotativas" para conciliar ambas taxionomias, o que certamente só tornaria o quadro mais impreciso. Outros gramáticos propuseram outras como
 - a) de Oração *então*;
 - b) de Inclusão *até*;
 - c) Relativo *onde*;
 - d) de Realce *lá*;
 - e) de Retificação *aliás*;
 - f) de Situação *afinal*;
 - g) de Interrogação *como*.
32. Um quadro que é uma pequena variação dos anteriores também figura em algumas Gramáticas Escolares¹³:

¹¹ Os exemplos apresentados aqui são dos próprios autores citados, na maioria das vezes. Nem todos os autores citados aqui ou nas obras consultadas, todavia, forneceram sempre exemplos prontos ou claros dos quadros que propunham, motivo pelo qual alguns se omitiram.

¹² Apud Cunha & Cintra (1985).

¹³ Ver por exemplo Celso Pedro Luft et alii (1986).

- a) interrogativos de lugar *aonde*;
 - b) interrogativos de tempo *quando*;
 - c) interrogativos de modo *como*;
 - d) não-interrogativos de lugar *longe*;
 - e) não-interrogativos de tempo *amanhã*;
 - f) não-interrogativos de modo *assim*;
 - g) não-interrogativos de dúvida *quicá*;
 - h) não-interrogativos de intensidade *bastante*;
 - i) não-interrogativos de afirmação *certamente*;
 - j) não-interrogativos de negação *absolutamente*.
33. Tal visão também não difere muito de outra¹⁴ segundo a qual existem Advérbios:
- a) circunstanciais de lugar *abaixo*;
 - b) circunstanciais de tempo *dantes*;
 - c) circunstanciais de modo *adrede*;
 - d) circunstanciais de dúvida *acaso*;
 - e) circunstanciais de intensidade *quão*;
 - f) circunstanciais de afirmação *deveras*;
 - g) circunstanciais de negação *nada*;
 - h) interrogativos de causa *por que*;
 - i) interrogativos de lugar *donde*;
 - j) interrogativos de tempo *quando*;
 - k) interrogativos de modo *como*.
34. Alguns dos Gramáticos Tradicionais do Inglês ainda distinguem os Advérbios de tempo dos de frequência, os de direção dos de lugar e os de grau dos de intensidade. Em função de pesquisas recentes, aduziram também outros tipos que não estavam na tradição filológica mas que vieram com as correntes funcionalistas, estruturalistas e gerativistas:
- a) de foco *just*;
 - b) veritativos *undoubtedly*;
 - c) de Comentário *luckily*
 - d) de Opinião *frankly*;
 - e) de ligação *furthermore*.
35. Todas taxonomias são bastante semânticas e pouco precisas. Por exemplo: *certamente* pode ser analisado tanto como Advérbio de Afirmação quanto de modo. Igualmente numa frase como:

¹⁴ Exposta por exemplo por outros como Tersariol (1965).

- a) Mal me levantei.
fica-se em dúvida se "Mal" é de Tempo ou de Modo ou de ambos.
36. Algumas tentativas recentes de reclassificação tentaram ou precisar melhor ou enxugar o quadro herdado dessa tradição filológica e gramatical¹⁵. Por exemplo, uma classificação mais sintática compreenderia:
- a) Advérbios disjuntos ou de frase:
i) **Basicamente** eu não posso interferir no processo global... mas eu queria entender esse processo.
- b) Advérbios adjuntos ou de constituinte:
i) O Brasil diz-se **basicamente** subdesenvolvido e diz-se também que ele está crescendo.
- c) Advérbios conjuntos que funcionariam como as preposições e as conjunções.
37. Outras mais semânticas postulam a existência de:
- a) Advérbios de modo que ou modificam o Verbo ou funcionam como predicadores de predicadores;
- b) Advérbios orientados para o sujeito que funcionam como predicadores de dois argumentos
- c) e Advérbios orientados para o falante.
38. Outra classificação ainda diria que são três os grupos de Advérbios:
- a) os focalizadores:
i) É **justamente** disso que não precisamos.
- b) modalizadores:
i) Precisa **realmente** estar convencido.
- c) e aspectuais:
i) **De vez em quando** ele chega a necessitar de agrônomos.
39. Uma variação que incluiria e mesclaria idéias dos quadros anteriores colocaria que há:
- a) Advérbios frasais;
- b) Advérbios relacionais;
- c) Advérbios de modo
- d) e Advérbios de grau.
40. O quadro mais sintático e mais usado como referência inicial nos últimos anos, entretanto, é este:

¹⁵ Ver Quirk et alii (1972) e Jackendoff (1972), além de Bellert (1977) e Nölke (1983). Ver também uma exposição desses quadros classificativos em Castilho & Castilho (1992).

- a) Advérbios de Constituinte;
- b) Advérbios de Verbo;
- c) Advérbios de Predicado
- d) e de Frase.

Esse quadro é igualmente muito questionável. É claro que ele não tem aparecido assim nesse estado “puro” na literatura. O que tem aparecido são variações dele, ele mesmo é uma síntese delas. Outras propostas ainda desdobrariam itens desses quadros em vários outros.

41. Jackendoff (1972) foi uma exceção à regra geral propôs simplesmente um quadro mais baseado na distribuição sintática dos Advérbios. Para ele seriam os seguintes os grupos de Advérbios
 - a) o Grupo I inclui os Advérbios que figuram nas extremidades de uma frase ou antes (ou após conforme a Língua) do predicado sem alterar sentido com isso, por exemplo: *cleverly, clumsily, carelessly, happily*, e outros;
 - b) o Grupo II os que figuram nos mesmos lugares que os do anterior mas alteram o sentido conforme o local exato, por exemplo: *quickly, slowly, reluctantly, sadly, quietly, frequently* e outros;
 - c) o Grupo III os que figuram somente em início de frase e antes (ou após conforme a Língua) de predicado, por exemplo: *evidently, probably, certainly, unfortunately, naturally* e outros;
 - d) e o Grupo IV os que figuram somente antes (ou após conforme a Língua) de predicado e no final de uma frase, por exemplo: *completely, easily, totally, handily, badly, mortally* e outros.
42. Esses quadros recentes talvez sejam menos gratuitos visto que a Semântica que os escora se traduz e se compõe de elementos lógico-formais mais acurados que a longa tradição que lhes precede. Todavia, o dissenso da tradição filológica parece ainda governar os debates a respeito desse tópico. A maior virtude das taxionomias recentes, entretanto, foi encontrar novas categorias que melhor identificassem a natureza de certas palavras.
43. Em verdade muitos dos chamados tipos de Advérbios na Lingüística atual estão reclassificados como outras categorias. Por exemplo, vejam-se os de intensidade que hoje são reconhecidos como Quantificadores ou Intensificadores: *muito, quanto, tanto, tão, quão, pouco* etc... Os de negação, como *não*, reconhecem-se como categoria funcional dos Negadores, núcleo do Sintagma Negativo (em Inglês, *Neg Phrase*). E resta ainda lembrar que várias das chamadas *locuções adverbiais* são na verdade Sintagmas Preposicionados, como já se mencionou anteriormente. Mesmo a simples intuição do falante nativo de Português classificaria alguns Advérbios como conjunções, por exemplo então nas construções “se... então”. Há quem possa perguntar se estas propostas de reclassificação tem

fundamento empírico ou qualquer razão de ser, se não são apenas conveniências teóricas. é proveitoso então verificar empiricamente se existem razões para manter-se a classificação tradicional de unir coisas heterogêneas dentro da Categoria Advérbio. Faz-se isto do parágrafo seguinte em diante. Os mesmos argumentos distributivos que derrubam a idéia de se incluírem os Advérbios na Categoria dos Adjetivos, também solapam a unidade dos vários chamados tipos de Advérbio. Algumas evidências distributivas apontam para o fato de que não se tratam todos os chamados Advérbios de uma mesma categoria. Se se supõe que os vários itens de natureza heterogênea não são Quantificadores, nem Negadores nem outra Categoria qualquer, mas se se insiste na idéia tradicional de que são Advérbios, os exemplos a seguir não corroborarão esta hipótese:

- a) Ele fuma muito realmente.
- b) Ela cozinha muito bem.
- c) A Priscila vai bem demais.
- d) A Priscila é realmente bem bonita.
- e) Ontem realmente eu fui ao mercado.
- f) Infelizmente já disse não.
- g) Não totalmente assim devagar foi que pintou o carro.
- h) A Priscila é toda bem bonita.
- i) A Priscila é toda muito bonita.
- j) Priscila é toda realmente muito bonita.
- k) Priscila anda sempre toda realmente muito bem vestida.
- l) Ainda sempre antes quase já perfeitamente demais desfilava Mariane Heerdt nas passarelas de Campinas.
- m) A Mariane está agora hoje aqui assim lá toda muito mais elegantemente bem bonita de lingerie do que a Paloma Duarte.

44. Nesses exemplos vê-se que dois ou mais dos chamados Advérbios co-ocorrem numa mesma frase e que por vezes um Advérbio, como já observaram e disseram circularmente os Gramáticos Tradicionais, "pode modificar outro termo também aprioristicamente rotulado como Advérbio", sendo tanto Advérbios considerados, segundo a Gramática Tradicional, de tipos diferentes quanto de mesmo tipo. Não se verifica distribuição complementar em nenhum caso. Além do critério distributivo, a ordem dos chamados Advérbios também indica que não sejam uma mesma classe:

- a) Ele realmente fuma muito.
- b) Realmente ele fuma muito.
- c) Ele fuma muito realmente.
- d) Ele fuma muito.

- e) ?Ele muito fuma.
- f) ?Muito ele fuma.¹⁶
- g) O Popeye da Silva fuma espinafre na Marinha estranhamente.
- h) O Popeye da Silva fuma espinafre estranhamente na Marinha.
- i) O Popeye da Silva fuma estranhamente espinafre na Marinha.
- j) O Popeye da Silva estranhamente fuma espinafre na Marinha.
- k) Estranhamente o Popeye da Silva fuma espinafre na Marinha.
- l) *O Popeye estranhamente da Silva fuma espinafre na Marinha.
- m) *O Popeye da Silva fuma espinafre na estranhamente Marinha.
- n) *O Popeye da Silva fuma espinafre em estranhamente a Marinha.

45. Observe-se que a posição de *realmente* e *estranhamente* é quase livre mas a de *muito* é rígida, embora os três sejam considerados Advérbios. Portanto não é uniforme a possibilidade de colocação de todos os tradicionalmente chamados Advérbios: as dos terminados em *mente* que é bastante livre e a dos demais muito pouco, como corroboram os exemplos a seguir em sua maioria:

a) ainda

- i) O Luís conversou com o António ainda.
- ii) Ainda o Luís conversou com o António.
- iii) ?O Luís ainda conversou com o António. (com a mesma leitura das anteriores.)
- iv) *O Luís conversou ainda com o António. (idem)
- v) A Priscila ainda não saiu do banho.
- vi) Ainda a Priscila não saiu do banho!?
- vii) *Ainda a Priscila não saiu do banho.
- viii) * A Priscila saiu do banho ainda não.¹⁷
- ix) *A Priscila saiu ainda não do banho.
- x) *Ainda não a Priscila saiu do banho.
- xi) A Priscila não saiu do banho ainda!?
- xii) A Priscila não saiu do banho ainda.

b) assim

- i) Assim se faz a História.
- ii) Faz-se assim a História.
- iii) Pega o neném assim.(imperativa)

¹⁶ Estas frases apresentam diferenças estilísticas e em um registro mais literário ou musical, por exemplo, são perfeitamente possíveis.

¹⁷ Pode ser que em alguns dialetos do nordeste brasileiro essa frase seja possível.

- iv) Pega assim o neném. (imperativa)
- v) *Assim pega o neném. (imperativa)
- vi) Assim (ela) pega o neném. (afirmativa)
- vii) ?Ela assim pega o neném. (com a mesma leitura da anterior)
- viii) *Pega assim o neném. (afirmativa)
- ix) Pega o neném assim. (afirmativa)

c) bem, mal e muito

- i) A Priscila vai bem demais.
- ii) ?A Priscila vai demais bem.
- iii) *A Priscila demais vai bem.
- iv) *Demais a Priscila vai bem.
- v) A Priscila é bem bonita.
- vi) * A Priscila é bonita bem.
- vii) *Bem a Priscila é bonita.
- viii) Você mal me compreende.
- ix) Mal você me compreende.
- x) Você me compreende mal. (leituras diferentes obrigatórias às três últimas)
- xi) A Priscila é muito bonita.
- xii) *A Priscila é bonita muito.
- xiii) *Muito a Priscila é bonita.
- xiv) A Priscila é muito bem empregada.
- xv) *A Priscila é bem empregada muito.
- xvi) *Muito empregada a Priscila é bem. (no sentido de estar num emprego)
- xvii) *A Priscila é bem muito empregada. (idem)
- xviii) *A Priscila é empregada muito bem. (idem)
- xix) A Priscila está empregada muito bem. (idem)
- xx) *A Priscila é bem bonita muito.
- xxi) A Priscila é bem bonita realmente.
- xxii) *Realmente bonita a Priscila é bem.
- xxiii) *A Priscila é bem realmente bonita.
- xxiv) *A Priscila é bonita realmente bem.
- xxv) *A Priscila está bonita realmente bem.
- xxvi) *A Priscila é muito bem bonita.

d) devagar

- i) Ele anda devagar.
- ii) Devagar ele anda.
- iii) Ele devagar anda.
- iv) Anda devagar. (imperativa)
- v) ?Devagar anda.(imperativa)
- vi) ?Devagar anda!

e) então

- i) *O então que passou pelo peito do pobre romeiro devia de ser atroz.
 - ii) O que passou então pelo peito do pobre romeiro devia de ser atroz.
 - iii) *O que passou pelo então peito do pobre romeiro devia de ser atroz.
 - iv) *O que passou pelo peito então do pobre romeiro devia de ser atroz.
 - v) *O que passou pelo peito do então pobre romeiro devia de ser atroz.
 - vi) O que passou pelo peito do pobre romeiro então devia de ser atroz.
 - vii) O que passou pelo peito do pobre romeiro devia então de ser atroz.
 - viii) O que passou pelo peito do pobre romeiro devia de então ser atroz.
 - ix) O que passou pelo peito do pobre romeiro devia de ser então atroz.
 - x) Então o que passou pelo então peito do pobre romeiro devia de ser atroz.
 - xi) O que então passou pelo peito do pobre romeiro devia de ser atroz.
- (todas com o mesmo sentido)

f) inclusive, inclusivamente, exclusive e exclusivamente¹⁸

- i) Todos os moçambicanos, inclusive os mortos, gritaram diante da cara da Sra. Hambúrguer.
- ii) Todos os moçambicanos os mortos inclusive gritaram diante da cara da Sra. Hambúrguer.
- iii) Todos os moçambicanos, inclusivamente os mortos, gritaram diante da cara da Sra. Hambúrguer.
- iv) Todos os moçambicanos, os mortos inclusivamente, gritaram diante da cara da Sra. Hambúrguer.

¹⁸ É bem provável que atualmente *inclusive* seja mais usado no Brasil do que em Portugal, o reverso dando-se com *inclusivamente*. As formas *exclusive* e *exclusivamente* para muitos serão ainda mais estranhas ou pouco comuns. Mas, esses detalhes referentes à variação não fazem parte das preocupações do presente trabalho.

- v) Todos os moçambicanos, os mortos, gritaram inclusive diante da cara da Sra. Hambúrguer. (leitura diferente das anteriores)
- vi) Todos os moçambicanos, os mortos, gritaram inclusivamente diante da cara da Sra. Hambúrguer. (leitura diferente das anteriores)
- vii) Inclusive todos os moçambicanos, os mortos, gritaram diante da cara da Sra. Hambúrguer. (leitura diferente das anteriores)
- viii) Inclusivamente todos os moçambicanos, os mortos, gritaram diante da cara da Sra. Hambúrguer. (leitura diferente das anteriores)
- ix) A lei aplica-se em todos os casos, exclusive os cujos réus forem ricos.
- x) A lei aplica-se em todos os casos, os cujos réus forem ricos exclusive.
- xi) */%Exclusive a lei aplica-se em todos os casos.
- xii) */%A lei aplica-se em todos os casos exclusive.
- xiii) Convidamos os paisanos à festa, exclusivamente o puxa-fumo.
- xiv) Convidamos os paisanos à festa, o puxa-fumo exclusivamente.
- xv) */%Exclusivamente os paisanos foram convidados.
- xvi) Exclusivamente o puxa-fumo, todos os paisanos foram convidados.

g) *nunca, jamais*

- i) Tanto museu nós nunca mais visitamos.
- ii) *Tanto museu nós visitamos nunca mais.
- iii) Tanto museu nós não visitamos nunca mais.
- iv) Nem jamais poderão sabê-lo.
- v) ?Nem poderiam jamais sabe-lo.
- vi) Nem poderão sabê-lo jamais.
- vii) Não poderão jamais sabê-lo.
- viii) *Não jamais poderão sabê-lo.
- ix) Não poderão sabe-lo jamais.
- x) Os teus amigos jamais ficarão contentes.
- xi) *Os teus amigos ficarão jamais contentes.

h) *ontem*

- i) Ontem fui ao mercado.
- ii) *Você foi ontem ao mercado.
- iii) Você foi ontem ao mercado?
- iv) Fui ontem ao mercado.

- v) ?Eu ontem foi ao mercado.¹⁹
- vi) Eu fui ao mercado ontem.
- vii) Fui ao mercado ontem.

i) sempre

- i) Eu sempre gosto de biscoito de polvilho. (no sentido de *de qualquer modo*)
- ii) Sempre eu gosto de biscoito de polvilho²⁰. (idem)
- iii) Eu gosto de biscoito de polvilho sempre. (idem)
- iv) Eu gosto sempre de biscoito de polvilho. (idem)
- v) Eu sempre compro biscoito de polvilho. (no sentido de *todas as vezes*)
- vi) Eu compro sempre biscoito de polvilho. (idem)
- vii) Eu compro biscoito de polvilho sempre. (idem)
- viii) Sempre eu compro biscoito de polvilho. (idem)

j) somente/só

- i) Somente a Priscila eu amo.
- ii) Só a Priscila eu amo.
- iii) A Priscila eu amo somente. (sentido diferente das anteriores)
- iv) *A Priscila eu amo só.
- v) A Priscila somente eu amo.
- vi) A Priscila só eu amo. (Leitura diferente da anterior)
- vii) *A Priscila só eu amo. (Leitura igual a (v))

k) todo/toda

- i) Priscila está toda bonita.
- ii) * A Priscila á toda muito bem bonita.
- iii) A Priscila está toda realmente muito bonita.
- iv) A Priscila está toda realmente bem bonita.
- v) *A Priscila é muito toda bonita.
- vi) ?/*A Priscila é bem toda bonita.
- vii) A Priscila está toda muito bem vestida.

¹⁹ Talvez a diferença de aceitabilidade entre esta e a anterior se deva a uma questão de ritmo ou entoação.

²⁰ Alguns falantes poderão considerá-la má. Em alguns será difícil a leitura de *sempre* no sentido de *qualquer modo* como em:

- Vocês sempre vão para Portugal?

Também é discutível afirmar-se que em frases assim o sentido de *sempre* seja exatamente de *de qualquer forma*. Entretanto, esta parece ser a expressão mais próxima do sentido até agora encontrada. A expressão do Inglês *after all* também muito usada para traduzi-lo não é das mais exatas igualmente.

- viii) A Priscila está toda muito bem elegantemente vestida.
 - ix) A Priscila está toda muito elegantemente bem vestida.
 - x) A Priscila esta toda elegantemente muito bem vestida.
 - xi) A Priscila está elegantemente toda muito bem bonita.
46. Ou seja, tanto por razões bastante teóricas intrínsecas aos modelos propostos quanto por critérios quer distributivos quer semânticos quer posicionais, os vários tipos de Advérbios não parecem formar uma única Categoria, como ocorre com os Adjetivos, os Substantivos, os Verbos e as preposições. Eis que há uma lacuna muito grande no quadro categórico!
47. Por causa disso os Advérbios permanecem um problema pendente nos estudos de Sintaxe e de Gramática que muitos poucos tentaram resolver.

As Ordens

48. A tentativa de resolução tem de começar por um ponto, para não se perder na imensidade de coisas ainda por investigar. Um ponto crucial e ipso facto bom início é a questão da ordem dos Advérbios nas orações. Eis o ponto que a dissertação tentar desenvolver. A Dissertação que se introduz aqui, pretende examinar e descrever a questão da ordem dos Advérbios na Frase Portuguesa e post hoc tentar resolver em parte a questão dos Advérbios afim de formular uma Teoria Gerativa sobre os Advérbios, utilizando-se e confrontando-se conceitos vindos do Programa Minimalista no Âmbito da Sintaxe.
49. Dentre as diversas questões sobre as quais se debruçam o trabalho, adiantam-se algumas que lhe sejam capitais:
- a) Quais fatores determinam a ordem dos Advérbios?
 - b) As diferentes ordens indicam/refletem o fato do Advérbio estar como adjunto a Sintagmas Temporais, Sintagmas de Concordância, Sintagmas Verbais, etc.?
 - c) Por que alguns Advérbios têm ordem mais livre e outros mais rígida?
 - d) A possibilidade de alguns Adjetivos virem antepostos aos Substantivos e outros não, por exemplo:
 - i) Bela menina a Priscila!
 - ii) Menina Bela a Priscila!
 - iii) Velha briga a dos Montéquios e Capuletos!
 - iv) Briga velha a dos Montéquios e Capuletos!
- tem correlação com a maior liberdade ou rigidez da ordem dos vários Advérbios?
- e) Porque as ordens diferem nas Frases Afirmativas, Negativas, Interrogativas, Exclamativas e imperativas, se em Português, ao contrario de em Francês e em Inglês,

não se faz a distinção Afirmativa versus Interrogativa normalmente pela mudança de ordem?

- f) Valerá a pena multiplicar-se o número de Categorias para dar conta de questões distributivas e posicionais?
 - g) Até que ponto as diferenças de ordem dependem de diferenças categóricas e até que ponto dependem das condições de movimento de α ?
 - h) Quais traços definem a Categoria Advérbio?
50. Os Capítulos seguintes hão de responder tais questões de um modo ou de outro, mas não numa seqüência linear. Antes, contudo, adiante-se que os padrões de ordem dos Advérbios em Português decorrem antes do esquema geral X' e de princípios gerais mais abstratos que a teoria da Sintaxe vem esboçando. Fatos específicos de determinadas categorias obviamente podem influenciar em alguns detalhes no ordenamento das mesmas, mas não são os mais decisivos. Toda Língua segue ao esquema especificador, núcleo e complemento, como propora Kayne (1994) e aceitou Chomsky (1995). As aparentes diversidade de posição decorrem do jogo de movimentos de α . A ordem dos Advérbios resulta pois de sua posição no cômputo inicial e dos movimentos que fazem ao longo das derivações, bem como dos movimentos de outras categorias, cabendo a esta dissertação examiná-los.
51. Dois exames se farão: um referente à estrutura interna dos Sintagmas Adverbiais e à externa dos mesmos. O segundo exame partirá de uma comparação simples entre o Português, o Francês e o Inglês. Focar-se-ão basicamente os seguintes fatos:
- a) Do Francês
 - i) Suj. + V. + Adv. + Obj.
 - ii) *Suj. + Adv. + V. + Obj.
 - b) Do Inglês
 - i) *Suj. + V. + Adv. + Obj.
 - ii) Suj. + Adv. + V. + Obj.
 - c) Do Português
 - i) Suj. + V. + Adv. + Obj.
 - ii) Suj. + Adv. + V. + Obj.
52. Os dados acima esquematizados mostram que o Português aparenta ser uma "Super-Língua" com relação ao Francês e ao Inglês, pois permite exatamente o que cada um dos outros dois sistemas proíbe. Trata-se de fatos intrigantes, pois as mesmas razões de um sistema como o Francês permitir o que outro como Inglês proíbe (ou vice-versa) excluiriam a existência de uma Língua como o Português permitindo tanto (i) e (ii) dos grupos (a), (b) e (c) anteriores.

As Abordagens Várias

53. Afortunadamente nos últimos anos vem proliferando o número de trabalhos a cerca dos Advérbios em Língua Portuguesa. São trabalhos principalmente de caráter funcionalista. Com o Advento do Minimalismo os Advérbios ganharam também grande importância entre os Gerativistas. Ficou célebre o exemplo de Chomsky para explicar entre outras coisas o papel da condição do menor elo que envolve a presença de um Advérbio. Em Língua Portuguesa o trabalho mais marcante dos últimos tempos é o de Ilari et alii (1989).
54. Este Intróito deve encerrar-se apresentando os Capítulos vindouros após expor sucintamente o plano geral da dissertação presente. O primeiro Capítulo desfaz mitos tradicionais a respeito dos Advérbios, abordando a estrutura interna dos Sintagmas Adverbiais. O segundo cuidará de fazer uma exposição observacional dos dados sintáticos nas três Línguas sem muita discussão. O Terceiro, o Antepenúltimo e o Penúltimo cuidam da estrutura externa que envolve os Advérbios, tentando atingir o nível explicativo, situando a discussão dentro das preocupações do modelo minimalista mais mencionadas pelos autores que trataram dos Advérbios. Para além desses, o trabalho presente encerra-se com o último Capítulo que traz as conclusões finais com questões em aberto e um Apêndice que expõe o modelo minimalista na fase atual. Duas partes básicas haverá nessa dissertação: a primeira englobando esse Intróito e o primeiro Capítulo discute o que é e o que não é Advérbio, a segunda englobando o terceiro, o antepenúltimo e o penúltimo discutirá a sintaxe externa de tal categoria.
55. O leitor que já estiver familiarizado com o modelo minimalista passará bem sem ler o Apêndice. Entretanto, aconselha-se aos que ainda não o conheçam ou que tenham dificuldade de situar em que fase do modelo está essa dissertação a leitura do Apêndice antes do conjunto de Capítulos que vai do Terceiro ao Último. Partes do primeiro Capítulo, entretanto, e mesmo todo o segundo serão fáceis de ler para quem não conheça o Gerativismo nem muito menos o Minimalismo. Para além da novidade de conceitos há a de termos e não quando são termos difíceis de encontrarem seus correspondentes são cognatos falsos, havendo inclusive nomes novos para idéias já antigas. A correspondência mais apropriada entre a terminologia minimalista em Português e a em Inglês foi a que se adotou aqui e se encontra lista em um glossário final. Ao leitor que entendeu bem a parte deste intróito que fala das classes de Advérbio e a seção do primeiro capítulo que trata do escopo não precisa nem deve ler a subseção do último capítulo intitulada *As Classes de Advérbios após o Ocaso do Escopo*, ficando dela dispensado.
56. O texto a seguir será, logo, um trabalho em parte descritivo e em parte teórico e terá certamente as virtudes e os vícios de ambos os tipos. Aspectos semânticos e fonológicos ou fonéticos abordar-se-ão sem muita formalização na medida do que requerer a reflexão sintática, embora não de uma maneira exaustiva nem pelo menos haustiva. Em que pesem as colocações levantadas, haverá nelas

um conjunto de questões em aberto ou de entradas para outras reflexões sob outros referentes e que escapam às pretensões e disposições do presente texto.

57. Encerre-se o Intróito e inicie-se o primeiro Capítulo que trata dos mitos relativos aos Advérbios, para em seguida trazerem-se alguns dados observados e comparados no segundo Capítulo.

Primeiro Capítulo

FRONTI NULLA FIDES

-O caminho é por aqui, senhorita- disse o Verbo SER. Os senhores Advérbios moram no Bairro das Palavras Inflexivas, onde também moram as Preposições, as Conjunções e as Interjeições.

-Que quer dizer Palavra Inflexiva?

-Quer dizer palavra de queixo duro, que não muda nunca de forma, como fazemos nós, os Verbos. As palavras inflexivas são rígidas como se fossem feitas de ferro.

Monteiro Lobato, *Emília no País da Gramática*, Capítulo VIII A Tribo dos Advérbios.

SEÇÃO I. DAS CRENÇAS INFUNDADAS

58. Nada mais enganoso é do que a aparência das coisas. Por ela já se pensou que a Terra era plana e imóvel e que o Sol em torno dela se movia. Por conta das aparências já se afirmou que os negros e índios eram intelectualmente inferiores, que as gerações dos seres vivos surgiam de modo espontâneo, que os sapos eram répteis, que os músculos eram mecanismos pneumáticos, que o muro de Berlim jamais acabaria, que a Linguagem não era uma capacidade inata, que não se poderia construir um motor elétrico, etc. As pródigas descobertas das ciências ao longo dos séculos desmentiram tudo isso, constatando que nada é o que aparenta.
59. Quase tão enganosa quanto a aparência às vezes é a tradição. Por ela se perpetuam crenças antigas e bem arraigadas mas infundadas. A tradição ensinava a ler o Gênesis como um livro de biologia e fez muitos perseguirem Darwin. A tradição exclui do currículo das escolas a leitura de livros importantes mas fora dos cânones acadêmicos europeus e americanos e que em muito contribuiriam ao progresso de várias pesquisas. Boa parte da história da ciência consistiu em romper com tradições sem sentido.
60. Romper com as tradições e enxergar além das aparências depende em muito do uso de uma teoria consistente e coerente que revele as possíveis contradições em uma e em outra.
61. Dentro de um quadro teórico definido e bem formalizado, toda e qualquer ilação ou asserção tem de ser ex lege. O uso de idéias bem difundidas mas estranhas ao modelo constitui uma incoerência insolúvel. Além disso, nada deve ser compreendido pelas impressões que causar, mas segundo e dentro da conceituação empregada.
62. Seis são as crenças principais da visão tradicional (quer dentro da tradição filológica e normativa quer dentro da Linguística após Saussure) sobre os Advérbios:

- a) são palavras inflexivas, isto é, sem morfologia complexa, muito menos concordância;
 - b) existem diversos subtipos de Advérbios, tratando-se de uma categoria ampla e bem aberta, naturalmente anti-econômica, abarcando uma lista numerosa de itens;
 - c) certos grupos de palavras são Locuções Adverbiais porque correspondem ao sentido de um Advérbio;
 - d) em Português *mente* é um sufixo adverbializante;
 - e) um Advérbio pode até modificar outro;
 - f) a configuração da estrutura interna dos Advérbios tem de ver com seu escopo.
63. Uma a uma essas seis crenças se investigarão, provando-se o contrário de cada ser verdadeiro. De fato, nenhuma delas é ex lege dentro de um modelo gerativo. Todas serão objeto deste Capítulo.
64. Dever-se-á atentar ao fato de que ao longo do exame a seguir se redefinirão vários termos, portanto, o uso de certa palavra num senso ex nunc não se deve confundir com o ex tunc da mesma, o qual se vinha discutindo e se derrubara. Isso também é verdade para o Intróito ou qualquer Capítulo posterior. Por exemplo, se se discute se determinado grupo de itens lexicais é um Advérbio ou não, inicialmente poder-se-á referir ex tunc ao mesmo com não sendo Advérbios, empregando-se as dições em seus sentidos mais tradicionais. Contudo, provando-se que de fato se trata de um grupo de Advérbios, o termo Advérbio ganha um sentido ex nunc, de modo a abarcar tal grupo.
65. Obviamente, procurar-se-á caracterizar a categoria Advérbio e não a função de adjunto adverbial. Nem todo adjunto adverbial é um Advérbio e nem todo Advérbio é um adjunto adverbial.²¹
66. Contudo, antes de mais nada há de se perguntar o porquê de se começar um estudo sintático (ou morfossintático) pela estrutura interna. A seção seguinte explicá-lo-á. Em seguida passa-se ao exame das sobreditas crenças ao longo das demais seções.

²¹ Tome-se uma frase como:

- Emergiu da lagoa não o monstro **terrivelmente maléfico** do folclore, mas, coisa pior; a horrenda Sra. Hambúrguer.

Nela *terrivelmente maléfico* é um adjunto adnominal e não adverbial, apesar de ser constituído de um Advérbio e um Adjetivo. A caracterização da função se dá única e exclusivamente pela localização dentro de um indicador sintagmático, mudada essa posição, muda-se a função. Por outro lado, uma categoria há de se manter a mesma seja qual for sua posição. Um Substantivo adjunto ao Sintagma temporal desempenha a função de sujeito da frase e seria objeto se estivesse na posição de complemento do verbo. Mas em qualquer posição ou função, o Substantivo continua Substantivo. O reconhecimento das funções a serem desempenhadas por uma categoria auxilia o estudo da mesma, porém, nunca reduzirá uma função a uma categoria ou vice-versa.

SEÇÃO II. O EMBASAMENTO À ANÁLISE DO INTERIOR DOS SINTAGMAS ADVERBIAIS

67. Esta tese cuida de ambas estruturas onde há um Advérbio, isto é, da estrutura da Frase contendo um Advérbio e do interior do próprio Sintagma Adverbial. O último tópico é a matéria deste Capítulo. Por que estudar a estrutura interna dos Advérbios? Há que se considerar tal indagação um tanto. Afinal, há muitas coisas implicadas pela longa tradição dos estudos lingüísticos no estudo do interior de uma categoria, principalmente se se adota uma perspectiva gerativa. Faça-se agora um breve histórico das revoluções dentro da Ciência da Lingüística a fim de se responder a mesma pergunta.
68. A Lingüística tem segundo a visão Kantiana de, como a Física, determinar suas categorias com base na razão e em outras fontes. Dentro da Lingüística, as representações sintáticas e semânticas são o que Kant chama de pura, em contraposição às representações fonológicas que dependem da sensação. Entre o fonológico ou fonético que é o material e o sintático e semântico que é a forma, ambos no sentido Kantiano, existe uma terceira coisa que é a substância²², algo excluído ou não previsto pelo sistema Kantiano. Essa substância pertence ao Morfológico. A Morfologia por um lado parece menos universal do que a Fonética ou a Fonologia, já que lida com as irregularidades e idiossincrasias de cada Língua. Por outro, alguns dos traços substanciais que definem a natureza dos morfemas e das Categorias aonde se encaixam parecem ser rigorosamente universais.
69. Em primeiros momentos da Gramática Gerativa, a Morfologia bem como todo o microcosmo dos Sintagmas, outrora tão caros ao Estruturalismo, eram considerados algo pouco conveniente ao novo modelo. Entenda-se melhor essa passagem de visões aparentemente opostas.
70. A abordagem mais tradicional foi muito comentada ao Intróito pela sua inexactidão. Há de se distinguir em muito esta de uma menos antiga à estruturalista. Outrora pretendia-se antes prescrever ao invés de se descrever os fatos. Curiosamente, a parte de qualquer Gramática Tradicional referente aos Advérbios está mais a descrever do que prescrever, pelo menos em Língua Portuguesa. Difícil é saber o porquê disso. Talvez por serem os Advérbios justamente mais um recurso para se evitarem problemas taxionômicos.
71. Na Era Estruturalista o problema de se balizarem as categorias não tinha a mesma dimensão, dada a negação dos universais. Assim a descrição de uma Língua não teria de necessariamente falar em Advérbios por que estes não existiriam em todas.
72. Em seu texto *A Lingüística Estrutural e a Filosofia da Ciência*, Emmon Bach descreve e comenta a revolução pela qual passou a Lingüística com o advento do gerativismo. Bach tenta caracterizar o período pré-gerativista deste século com base em postulados por ele chamados de

²² Aqui *substância* está no sentido chomskyano de *universal substancial*.

implícitos (sic) e sem adoção de posições claras pelos vários autores que ele comenta, opondo em várias alturas a visão baconiana de ciência à popperiana. Diz ele que ao ano de 1957 com a publicação do livro *Syntactic Structures* de Chomsky, houve um abalo e iniciou-se um processo de ruptura com os postulados de então, baconianos em sua essência. De acordo com as pretensões programáticas do Estruturalismo, encontradas em autores influentes como Bloomfield, todas as generalizações sobre a linguagem deveriam ser sempre indutivas, passando-se das menores às maiores, sendo cada uma das línguas descrita em seus próprios termos e sem sistemas preconcebidos. O estudo da Língua deveria iniciar-se pela fonologia e gradativamente subir à morfologia e em seguida à sintaxe. Havia uma distinção radical entre teoria e descrição: uma descrição não seria uma teoria em nenhum nível.

73. O movimento que se chamou de gerativismo contestou em muito esses postulados. É fato que a Linguística não se fundamenta essencial ou primeiramente na observação e na experiência; embora haja a possibilidade de se proceder a ambos. Em uma abordagem Gerativa hipóteses ou teorias testáveis sobre as línguas que consigam explicar bem alguns fatos podem tomar-se como verdadeiras, pelo menos até que se consiga provar serem falsas as mesmas. Além disso, consideram os gerativistas que uma boa descrição de uma língua carrega pressupostos, faz hipóteses ou predições e tenta alcançar um nível explicativo para os fatos apresentados e que a distinção entre teoria e descrição não é assim radical: uma descrição interessante deve ser uma certa teoria sobre a língua descrita.
74. Uma outra diferença entre as abordagens gerativas e estruturalistas respeita ao fato de que não necessariamente o estudo de uma Língua comece na Fonética e sucessivamente suba até a Sintaxe. Não há como se falar em generalizações menores e maiores, porque uma generalização limitada não é generalização; nem será boa uma descrição fonológica que desconsidere a articulação desta com os níveis morfológico e sintático. Discorra-se um tanto a respeito disto, não sem antes se delinear melhor alguns aspectos do desdobre das teorias lingüísticas.
75. O tripé teórico da Fonologia, Sintaxe e Semântica não se pode descartar. O que se pode fazer é supor que ao menos a Sintaxe é o eixo entre os demais e que só existem dois níveis coordenados pela Sintaxe: o da Forma Lógica e o da Fonética. Mas em todo o processo de Derivação a Morfologia se encontra, já na escolha arbitrária dos itens no Cômputo Inicial e depois pelas transformações com a verificação dos traços e afixações, já no caminho até a Forma Fonética iniciada pela operação de Lida. Assim sendo, não há que se voltar aos antigos postulados estruturalistas que obrigavam a um exame de fundo para riba, se fosse a Forma Lógica o fundo, mas, pode-se e às vezes deve-se atentar bem à realidade morfofonológica conforme se enfoca uma questão. Um estudo começando aí pode ser bem revelador. Por outro lado, uma ausência de maiores ponderações à cerca da realidade interna de

um Sintagma, pode emperrar todo um estudo sobre a externa, isso quando não torna tudo um apanhado de impressões superficiais.

76. Deveras, dois assuntos intimamente ligados são o da caracterização de uma categoria e a dissecação da sua estrutura interna. Isso é mais verdade quando a Categoria em questão é a dos Advérbios. Sobre esses dois assuntos discorrerá esse Capítulo. A reflexão pende ora para o lado das precisões morfológicas, ora para o da economia do sistema de Categorias a se empregar.
77. Descrever sua estrutura interna não é usar de um componente dissociado dos demais. A estrutura interna estudar-se-á sintaticamente mas com ligações com a Morfologia, a Semântica e a Fonologia, embora não se abordem estoutros de maneira exaustiva.

SEÇÃO III. PALAVRA INFLEXIVA?

78. Uma fraqueza na postulação da existência de categoria dos Advérbios foi a falta de uma marca morfológica que os pudesse identificar. A terminação *mente*²³ encontra-se apenas em alguns mas não todos os itens que se consideram Advérbios segundo a tradição. Inexiste um morfema adverbial típico para tal tradição. Entretanto, ou há de se encontrar um grupo de morfemas adverbiais identificáveis ou há de se descartar a existência de uma categoria Advérbio. Nas páginas seguintes haverá um trabalho minucioso desdobrado em vários passos de identificação e delimitação da morfologia dos Advérbios.
79. Que morfologia será essa? Será rica ou pobre? Será flexiva ou inflexiva?
80. Tradicionalmente pensa-se que, para além de um eventual sufixo como *-ly* em Inglês, os Advérbios sejam palavras invariáveis, isto é, não tenham traços morfológicos relevantes como os Substantivos e Pronomes. Mesmo autores mais modernos ainda o consideram, como por exemplo Chomsky em seu artigo intitulado *Bare Phrase Structure*:
 - a) ...os Advérbios não parecem ter quaisquer propriedades morfológicas que requeiram movimento.
81. Mas as coisas não são exatamente assim. Não tivessem alguns traços flexionais, como autores brilhantes, tais como Soares Barboza, seguiram a inclinação de os incluir entre os Adjetivos que são uma classe de morfologia flexiva patente? Ainda algumas vertentes da Gramática Tradicional classificavam os Advérbios em nominais e pronominais²⁴, o que implica ver neles uma morfologia rica como a dos Substantivos, Adjetivos e Pronomes. Mais a mais, os Advérbios terminados em *mente*

²³ É provisório chamar-se *mente* de terminação. Mais adiante duvidar-se-á dessa pressuposição comum.

²⁴ Ver por exemplo Nunes, J.J. (1905) *Compêndio de Gramática Histórica*.

só podem vir de adjetivos femininos e nunca masculinos, por exemplo, coisa impossível em Português²⁵:

- a) *humanamente;
- b) *claramente;
- c) *genericamente;

82. Já adjetivos adverbializados²⁶ só podem vir na forma masculina:

- a) A Sra. Hambúrguer nunca bebe **direto** pinga, coa-a antes disso.
- b) *A Sra. Hambúrguer nunca bebe **direta** pinga, coa-a antes disso.

83. Em alguns casos, alguns itens que tradicionalmente se consideram Advérbios tem até de concordar com os termos dos quais são adjuntos:

- a) [A Sra. Hambúrguer mesma] comprou a cama em que mataram Tiradentes.
- b) A Sra. Hambúrguer [mesmo comprou a cama em que mataram Tiradentes].
- c) *[A Sra. Hambúrguer mesmo] comprou a cama em que mataram Tiradentes.
- d) *A Sra. Hambúrguer [mesma comprou a cama em que mataram Tiradentes].

84. A concordância entre o Advérbio e um outro termo é uma relação mais íntima do que, por exemplo, entre um Substantivo e um Adjetivo ou um Quantificador. Os exemplos anteriores e o seguinte revelam que um (item tradicionalmente classificado como) Advérbio *mesmo* só concorda com o Substantivo se estiver próximo ao mesmo e dentro do D^o:

- a) *A Sra. Hambúrguer comprou mesma a cama em que mataram Tiradentes.

85. Já um Adjetivo concorda com um Substantivo esteja onde estiver, idem aos Quantificadores, como se vê empiricamente:

- a) A Sra. Hambúrguer brava contrargumentou que a testemunha não a viu cometer adultério no motel porque seu amante apagara a luz do quarto antes do ato.
- b) A brava Sra. Hambúrguer contrargumentou que a testemunha não a viu cometer adultério no motel porque seu amante apagara a luz do quarto antes do ato.
- c) Brava, a Sra. Hambúrguer contrargumentou que a testemunha não a viu cometer adultério no motel porque seu amante apagara a luz do quarto antes do ato.
- d) A Sra. Hambúrguer contrargumentou brava que a testemunha não a viu cometer adultério no motel porque seu amante apagara a luz do quarto antes do ato.
- e) A Sra. Hambúrguer quer saber se todas as lojas maçônicas vendem compasso.
- f) A Sra. Hambúrguer quer saber se as lojas maçônicas vendem todas compasso.
- g) A Sra. Hambúrguer quer saber se as lojas maçônicas todas vendem compasso.

²⁵ Embora possível em Línguas como o Francês. Exemplos: *éperdument*, *goulûment*, *vraiment*, etc.

²⁶ Essa denominação também se modificará conforme avançar a discussão.

- h) A Sra. Hambúrguer quer saber se as lojas maçônicas vendem compasso todas.
86. Por tudo isto, não é simples nem óbvio dizer-se que os Advérbios não têm traços morfológicos relevantes a conferir. De fato, têm inclusive concordância, apenas ocorre que tal concordância se dá de forma um pouco diferente de outras categorias em Português.
87. Parece que numa Língua como o Português, o sistema de concordância rica impede que haja categorias sem concordância. Vejam-se as preposições que se tem de contrair aos Determinantes para como que assimilar a morfologia dos mesmos. Existe mesmo relação de concordância entre certos Complementadores e o Sujeito de uma oração subordinada:
- a) Morreu a Sra. Hambúrguer cuja mente só não era pior que a cara.
- b) *Morreu a Sra. Hambúrguer cujo mente só não era pior que a cara.²⁷
88. Talvez o que exista em Português seja uma escala de Categorias segundo sua concordância, isto é, de categorias de concordância mais forte por oposição a outras de mais fraca, ou de concordância mais íntima ou menos íntima, ou cuja a concordância seja apenas diferente, ou as três coisas ainda. Quem sabe seja o caso de existir uma concordância não-marcada. Seja como for, é provável que não haja nenhuma Categoria fora de uma escala ou sistema de concordância, isto é, puramente sem-concordância. Mas isso é apenas uma hipótese mais geral que se poderia verificar em outro trabalho e não na presente tese.
89. Se o Advérbio confere os traços de outra categoria ou se tem os seus conferidos por outra, eis uma questão que se responderá mais adiante. Por ora adentre-se a questão da suposta heterogeneidade.

SEÇÃO IV. O MITO DA HETEROGENEIDADE

90. Sejam quais forem os traços dos Advérbios, o problema da sua caracterização persiste até aqui e isso implica voltar a falar dos diversos subtipos de Advérbios e a refletir sobre sua estrutura interna e a natureza do elemento *mente*. Contudo, antes de mais nada urge balizar que tipo de Advérbio se quer sondar ou qual tipo de Advérbio o é de veras. Tal tarefa é parte conceitual parte empírica e envolve a exclusão e a inclusão de várias entidades.
91. A longa tradição dos estudos gramaticais nunca fora econômica. Tratando as Gramáticas como sistemas de regras não formalizadas, produziam-se compêndios longos que acabavam por listar mais exceções do que regularidades. Outrossim a visão tradicional dos Advérbios não era nada econômica. Se por um lado agrupava muitas coisas sob um mesmo rótulo, reduzindo a quantia de categorias, tinha

²⁷ Não se labore em pensar, tal qual sofismava a Gramática Tradicional, que Complementadores são espécies de “pronomes relativos”(sic). A natureza das palavras Wh, contudo, continua controversa. Aqui se adota taticamente a visão de que tanto os Determinantes quanto as palavras Wh têm traços $\pm D$, porém, as palavras Wh não são Pronomes nem Determinantes nem nada que seja um subtipo de Determinante, antes são Complementadores.

por outro de aumentar as subcategorias e descrevê-las de modo bem detalhado e exaustivo. Em Ilari et alii (1989) há o seguinte comentário a esse respeito:

- a) *As expressões que a Gramática Tradicional denominou “Advérbios” constituem uma classe extremamente heterogênea e caracterizam-se pelo caráter extremamente variado das funções sintáticas que exercem e dos ambientes sintáticos em que ocorrem.*

92. Anne Rochette em seu célebre artigo sobre o assunto parece corroborar a opinião tradicional de que se trate de uma categoria assaz heterogênea:

- a) *Entre as diferentes categorias gramaticais, a do “Advérbio” é sem dúvida a que reúne sob uma mesma etiqueta o maior número de elementos dotados de características muito variadas. Contrariamente ao que a denominação “Advérbio” deveria deixar entender, é freqüente verem-se atribuídos a esta categoria não só a classe dos elementos que modificam o Verbo, mas também as dos Advérbios de oração, de tipo ilocutório, dos de grau, etc. Malgrado essa confusão terminológica, resta que certos Advérbios, no caso os de oração e de verbo, compartilham certas características que os distinguem dos outros tipos e que demandam um tratamento uniforme de seu comportamento.*

93. Entenda-se bem o que Rochette chama de *confusão terminológica*. Não se refere ao caráter heterogêneo em si que se supõe terem os Advérbios. Mas se refere aos morfemas dentro do nome da categoria *ad* e *vérbio* que dão sempre a idéia de “ao verbo”, “junto do verbo”. A confusão para ela consiste apenas nisso, isto é, que o nome sugere referir-se ao que se adjunge ao verbo e aplica-se aos adjuntos de outras categorias além do verbo. Quiçá para ela a confusão terminológica acabaria com a simples mudança do nome da categoria para algo como “Adtudo” ou o que equivalha.

94. Este trabalho não endossará a opinião tradicional de que existem diversos subtipos de Advérbios, tratando-se de uma categoria ampla e bem aberta, naturalmente antieconômica. Ora, é óbvio que em si é contraditória a visão tradicional. Pensar-se numa classe extremamente heterogênea já é negá-la em si. O caráter variado indica que há mais de uma classe em questão.

95. Ao Intróito viu-se que o Advérbio não é uma subcategoria dentro de nenhuma outra. Isso concorda com o que já dissera Jackendoff em sua obra mais citada e datada da década de setenta ao demonstrar que os Advérbios não eram Adjetivos em orações transformadas, tendo-se em mente o que à época era o conceito de transformação. Viu-se igual ao dito Intróito que nem os diversos tipos de Advérbios constituem uma categoria só. Poucos são os verdadeiros Sintagmas Adverbiais. Pense-se nos chamados Advérbios ou Locuções Adverbiais de:

- a) Afirmação,
b) Dúvida,
c) Intensidade,

- d) Lugar,
- e) Negação e
- f) Tempo.

na verdade são melhor classificados como Sintagmas

- g) Negadores,
- h) Afirmadores,
- i) Dêiticos,
- j) Quantificadores, etc...²⁸

96. Somente os de Modo parecem ter natureza adverbial de fato. Essa não é uma afirmação gratuita, mas não promana de um conceito de Advérbio, entenda-se. Uma definição de Advérbio qualquer que seja não o isola das outras categorias. Na verdade, a identificação e a delimitação da categoria dos Advérbios faz-se por meio de testes que obrigam à restrição. Assim, dizer-se que somente os de Modo parecem de fato ser os genuínos Advérbios é uma questão de exclusão e não de definição, sendo a exclusão forçosa diante de fatos empíricos e dentro de uma coesão teórica maior.

97. Entre os de Modo incluem-se os que ex tunc se denominaram Adjetivos Adverbializados. Já ao Intróito se mostrou isso tudo. Mencione-se e relembre-se, por exemplo, que não se pode coordenar um Dêitico e um Advérbio ou mesmo o que ex tunc se chamava de Adjetivo Adverbializado:

- a) A dona. Hambúrguer declarou que George Sand foi um grande homem ontem e sempre!
- b) *A dona. Hambúrguer declarou que George Sand foi um grande homem ontem e constante!
- c) *A dona. Hambúrguer declarou que George Sand foi um grande homem hexterno e sempre!
- d) *A dona. Hambúrguer declarou que George Sand foi um grande homem ontem e constantemente!

98. Já um Advérbio de Modo e um suposto Adjetivo Adverbializado se podem coordenar:

- a) A dona. Hambúrguer declarou **alto e claramente** que George Sand foi um grande homem!

99. Nem se coordenará um Negador e um Advérbio (de Modo):

- a) Depois de bem refletir, a Sra. Hambúrguer concluiu que fácil esquecer-se do nunca e jamais se aprendeu.
- b) *Depois de bem refletir, a Sra. Hambúrguer concluiu que fácil esquecer-se do nunca e negativamente se aprendeu.

100. Abundam outros exemplos que corroboram tal percepção e no Intróito deste trabalho há uma pletora deles que não se precisa repetir aqui. Destarte, doravante o termo Advérbio referir-se-á somente aos de Modo (incluídos os até há pouco chamados Adjetivos Adverbializados). Não sendo

²⁸ O remanejamento moderno multiplicou as categorias, mas deu cabo de muitas subcategorias, o que em compensação preserva a economia em certa medida.

uma subcategoria dentro dos Adjetivos, o Advérbio não se inclui entre as categorias lexicais que são apenas quatro, a saber: Substantivo, Adjetivo, Verbo e Preposição, essas definidas pelos traços $[\pm V]$ e $[\pm N]$ conforme já se mencionou no Intróito. Todas essas considerações juntas forçam à conclusão de que os Advérbios constituem uma categoria funcional à parte e bem reduzida.

101. Note-se o seguinte: toda categoria lexical é plena de sentido, mas pouco ou nenhum papel exerce na Gramática de uma Língua. Já uma categoria funcional tem um sentido bem reduzido, isto é, muito fraco e vago, mas em compensação tem um papel relevante dentro da Gramática. O sentido de uma categoria funcional é pálido. Veja-se o caso do modal *haver* em Português. Ao contrário do verbo homônimo que dá sentido de existência ou do seu significado antigo que também exprimia posse, o modal *haver* exprime uma idéia muito geral de futuro do presente e serve para construir os futuros em Português, tendo forma enclítica ao verbo principal.²⁹ Não somente palavras, mas também afixos podem ser de natureza funcional ou lexical, comparem-se o sufixo de plural *-s* com o *-ismo* que forma nomes de ideologias e correntes partidárias. O *-s* simplesmente quer dizer qualquer número maior do que o singular, seu significado é vago, portanto. Já o *-ismo* tem um significado muito mais preciso.
102. O que se passa com o (suposto) sufixo *-mente* de alguns Advérbios não é muito diferente, por exemplo. Pode veicular quase qualquer significado dependendo do Adjetivo que o acompanhe, porque de fato em si não tem quase nenhum. Isso é algo bem característico de categorias funcionais.
103. É claro que assim como existe homofonia entre itens de categorias diferentes, também pode existir homofonia entre alguns Advérbios e itens de outras Categorias que a tradição confundia com os Advérbios. Vejam-se as seguintes homófonas:
 - a) *Verde* substantivo;
 - b) *Verde* adjetivo.
 O fato desses itens serem foneticamente iguais não implica que sejam uma mesma categoria.
104. Assim poder-se-ia admitir que exista um *lá* Dêitico que significa *naquele lugar* e *lá* Advérbio que significa *daquele modo, a seu modo, de uma maneira qualquer, de algum daqueles modos*. As frases a seguir mostrá-los-iam:
 - a) Lá jogavam peteca os banqueiros, mas com a mão ainda fechada. (*lá* Dêitico)

²⁹ O paradigma em questão é este
 Futuro do Presente
 Amar +hei
 Amar +hás
 Amar +há.
 Amar +hemos
 Amar +heis
 Amar +hão

b) A Sra. Hambúrguer começou a desconfiar que o Lénin fosse lá comunista. (*lá* Advérbio)

Tal homofonia pode ser comum em várias Línguas, mas, sobretudo dependerá de quão radical for a proposta de exclusão de alguns itens. A proposta mais radical por uma questão estratégica será a hipótese de trabalho aqui, excluindo-se não só os Pseudo-Advérbios como tudo que possa ser homófono dos mesmos.

105. Haverá entre os Advérbios chamados de Modo alguns que terminam em *mente* e outros não. Supondo haver uma terminação Ø para os Adjetivos adverbializados, a exclusão afetará também os Advérbios ditos de Modo que não derivam de Adjetivos, tais como *bem*, *assim* e outros tantos por estes poderem facilmente ser reclassificados como outras categorias. Já a terminação *mente* e sua homóloga Ø dificilmente poder-se-ão excluir de dentro da categoria dos Advérbios. Se se pudesse excluir toda a gama de elementos de dentro da categoria dos Advérbios, poder-se-ia esvaziá-la e dela dar cabo, reduzindo assim o quadro. Mas o processo de eliminação encontra essas duas gamas de elementos resistentes e daí a necessidade de se manter a categoria dos Advérbios e reafirmar-se a idéia desta tese de que a classe é restrita. Somente os Advérbios de Modo originados de Adjetivos são Advérbios de fato e a tal conclusão se chega via eliminação de candidatos a Advérbio e não por qualquer definição de Advérbio. Bem, o processo de eliminação terá prosseguir para garantir que todos as brechas para os itens indevidos estejam fechadas e os Advérbios genuínos continuem isolados.

106. Essas considerações e observações restringem bem a classe dos Advérbios e acabam com o mito da sua suposta heterogeneidade. Entretanto, falta balizar-se um pouco mais a fronteira da idéia de modo que se quer empregar aqui, ao dizer-se que só os Advérbios de Modo são os genuínos. Essa dição é por demais púvia.

107. De fato, não é porque se adota a idéia de que os Advérbios são sempre de Modo é que se poderá excluir uma relação que existe entre os Advérbios e a dupla de categorias Tempo e Aspecto, como já vários trabalhos notaram, entre outros Ilari (1992) e já antes Ilari et alii (1989). Os Advérbios parecem na maioria dos casos afetar de uma só vez tanto o Tempo quanto o Aspecto da frase, ao contrário de alguns Dêiticos que só afetam o Tempo. Veja-se o que ocorre com os exemplos a seguir:

- a) Ontem a Sra. Hambúrguer concordou com o seu patrão em adiar o dia do pagamento para a próxima encarnação.
- b) Ontem a Sra. Hambúrguer concordava com o seu patrão em adiar o dia do pagamento para a próxima encarnação.
- c) *Ontem a Sra. Hambúrguer concordará com o seu patrão em adiar o dia do pagamento para a próxima encarnação.

- d) *Ontem a Sra. Hambúguer concorda com o seu patrão em adiar o dia do pagamento para a próxima encarnação.
108. Nota-se perfeitamente que o Dêitico só impede que o Tempo não seja Pretérito, mas não impede que haja um Aspecto Perfeito ou Imperfeito. Por sua vez, os Advérbios afetam ambos o Tempo e o Aspecto:
- a) Antigamente a Sra. Hambúguer concordava com o seu patrão em adiar o dia do pagamento para a próxima encarnação.
- b) *Antigamente a Sra. Hambúguer concordou com o seu patrão em adiar o dia do pagamento para a próxima encarnação.
- c) *Antigamente a Sra. Hambúguer concorda com o seu patrão em adiar o dia do pagamento para a próxima encarnação.
- d) *Antigamente a Sra. Hambúguer concordará com o seu patrão em adiar o dia do pagamento para a próxima encarnação.
109. Não só o Tempo tem de ser Pretérito em frases com *antigamente*; o Aspecto tem de ser Imperfeito igualmente. Veja-se agora uns exemplos com *geralmente*:
- a) Geralmente o menino vai com o tio ao campo de futebol.
- b) *Geralmente o menino foi com o tio ao campo de futebol.
- c) *Geralmente o menino fora com o tio ao campo de futebol.
- d) Geralmente o menino tem ido com o tio ao campo de futebol.
- e) *Geralmente o menino irá com o tio ao campo de futebol.
- f) *Geralmente o menino iria com o tio ao campo de futebol.
- g) Geralmente o menino ia com o tio ao campo de futebol.³⁰
110. Veja-se que o Advérbio em questão impõe não somente um determinado aspecto, mas determinado tempo. O Advérbio descarta qualquer forma no Tempo Futuro e no Pretérito afasta qualquer Aspecto que não seja o Imperfeito. Seria um engano atribuir a agramaticalidade de qualquer uma dessas frases só ao Tempo ou só ao Aspecto.
111. Essa relação entre o Advérbio e o Complexo Tempo e Aspecto, entretanto, não é automática, nem vale para tudo sempre. Exemplo disso será uma frase perfeitamente possível como:
- a) Antigamente em São Paulo construíram-se casarões e edifícios altos³¹.
112. De qualquer forma, a ligação dos Advérbios como Tempo e Aspecto depende mais do Adjetivo do qual se deriva o Sintagma Adverbial do que do elemento *mente*. E em nenhum caso a noção de modo que se tiver em conta excluirá a relação com o Tempo e o Aspecto do Verbo.

³⁰ Esses exemplos adaptaram-se de Ilari (1992).

³¹ Exemplo arrolado por Rodolfo Ilari ao rever os originais desta dissertação.

113. Bem, adotando-se uma estratégia bem gerativista, considerar-se-á que Modo é um primitivo sem definição e ficam suspensas por aqui algumas implicações dessas considerações.

SEÇÃO V. DUBITANDO AD UERITATEM PERUENIMUS

114. A heterogeneidade, contudo, poder-se-ia sustentar dando-se como exemplos as chamadas Locuções Adverbiais. A seção presente desfará esse ledô engano.
115. Não se deve ficar confuso por causa do valor semântico de certas expressões. Não é porque, por exemplo, um Sintagma Quantificado ou um Preposicionado tem o mesmo significado que um Advérbio é que se dirá que o mesmo é Adverbial. Deste modo, o Sintagma Preposicionado marcado em negrito na frase seguinte:
- a) Também se põe cadeira na calçada **nos arrabaldes de Recife**.³²
 não é um adjunto adverbial de lugar, sejam quais forem suas propriedades semânticas.
116. Adverbial será apenas um Sintagma cujo núcleo for um Advérbio. São impossíveis seqüências como:
- a) $*W'' \rightarrow X^o$.
- Isso dado o princípio da endocentricidade, isto é, de que o Sintagma é da mesma natureza que o seu núcleo.
117. O termo *Locução* nada mais é do que um sinônimo de *Sintagma*. Empregá-lo de nada adiantaria. A idéia tradicional de que se uma palavra está pela outra então são de uma mesma categoria não se sustenta e numa abordagem gerativa não é ex lege. Aliás, como provara Jackendoff, nem sempre há correspondência de sentidos entre formas semelhantes de um Sintagma Preposicionado e um Adverbial. Por exemplo, o Sintagma Preposicionado inicial na frase seguinte não é sinônimo do Advérbio da outra frase:
- a) De certo a doutora Hambúrguer levou um ano para decidir-se a fazer-lhe um aborto.
 b) Certamente a doutora Hambúrguer levou um ano para decidir-se a fazer-lhe um aborto.
 Idem para os dois outros exemplos:
- c) O sapo beijava a baronesa Hambúrguer **com nojo**. ≠
 d) O sapo beijava a baronesa Hambúrguer **nojentamente**.
118. A Gramática Tradicional chega a falar em Oração Adverbial além de Locução. Para isso baseia-se em conjuntos de paráfrase possíveis entre certas Orações e Advérbios:
- a) Os três porquinhos construíam suas casas orgulhando-se do que faziam. =
 b) Os três porquinhos construíam suas casas e orgulhosamente faziam-no.
 Mas nem sempre haverá a possibilidade de tal paráfrase:

³² Dado coletado pela equipe do projeto N.U.R.C. Apud Ilari et alii (1989).

- c) A Sra. Hambúrguer desmaiou antecipando a revelação das suas fotos. ≠
 - d) A Sra. Hambúrguer desmaiou antecipadamente à revelação das suas fotos.
119. Os paradigmas de paráfrase também normalmente tomam exemplos nos quais aparecem um Adjetivo equivalente ao Sintagma Adverbial, assim:
- a) Foi fácil à Sra. Hambúrguer quebrar o espelho com sua cara apenas. =
 - b) A Sra. Hambúrguer quebrou facilmente o espelho com sua cara apenas. =
 - c) A Sra. Hambúrguer quebrou de um modo fácil o espelho com sua cara apenas.
120. Mas também esse procedimento parafraseador não é verdadeiro para todos os casos. As frases a seguir não são paráfrases umas das outras, como se vê evidentemente:
- a)
 - i) A dona Hambúrguer antigamente criava morcegos, mas logo eles fugiam dela. ≠
 - ii) A dona Hambúrguer de maneira antiga criava morcegos, mas logo eles fugiam dela.
 - b)
 - i) A Sra. Hambúrguer finalmente descobriu a cor do cavalo branco de Napoleão. ≠
 - ii) A Sra. Hambúrguer de modo final descobriu a cor do cavalo branco de Napoleão.
 - c)
 - i) A Sra. Hambúrguer definitivamente recusa-se a fazer omelete com ovos por causa do colesterol. ≠
 - ii) A Sra. Hambúrguer é definitiva ao recusar-se a fazer omelete com ovos por causa do colesterol. ≠
 - iii) É definitivo que A Sra. Hambúrguer se recusa a fazer omelete com ovos por causa do colesterol. ≠
 - iv) A maneira pela qual a Sra. Hambúrguer se recusa a fazer omelete com ovos por causa do colesterol é definitiva.
 - d)
 - i) A Sra. Hambúrguer se diz perfeitamente capaz de enxergar no escuro se a luz estiver acesa. ≠
 - ii) Diz a Sra. Hambúrguer que sua capacidade de enxergar no escuro se a luz estiver acesa é perfeita.
 - e)
 - i) A Sra. Hambúrguer está completamente equivocada como sempre. ≠
 - ii) %A Sra. Hambúrguer é completa ao equivocar-se como sempre.

121. Isso não só é verdade para o Português. Aduzam-se os exemplos dados pelo próprio Jackendoff (1977)³³:

a)

- i) The men were individually asked to leave.
Convidou-se separadamente³⁴ cada um dos homens a retirar-se.
- ii) *It was individual that the men were asked to leave.
Foi separado que se convidaram os homens a retirarem-se.
- iii) *The manner in which the men were asked to leave was individual.
O modo pelo qual se convidaram os homens a retirarem-se foi separado.

b)

- i) Ira readily accepted the offer.
O Ira prontamente aceitou a proposta.
- ii) Ira was ready to accept the offer. (significado distinto)
O Ira estava pronto a aceitar a proposta.
- iii) *The manner in which Ira accepted the offer was ready.
O modo pelo qual o Ira aceitou a oferta foi pronto.

c)

- i) Stanley completely ate his Wheaties.
O Stanley comeu todos³⁵ os seus flocos de trigo.
- ii) ?*Stanley's eating of his Wheaties was complete.
O comer dos seus flocos de trigo do Stanley foi total.
- iii) *The degree to which Stanley ate his Wheaties was complete.
O grau até o qual o Stanley comeu os seus flocos de trigo foi total.

d)

- i) Irving finally ran away.
O Irving finalmente fugiu.
- ii) *It was final that Irving ran away.
Foi final que o Irving fugiu.
- iii) *The event in which Irving ran away was final.
O evento no qual o Irving fugiu foi final.

e)

³³ Os julgamentos e o modo de notação são do próprio Jackendoff.

³⁴ Ao pé da letra: individualmente.

³⁵ Ao pé da letra: completamente.

- i) Tom absolutely refuses to go.
O Tomás recusa-se terminantemente a ir.
 - ii) *The degree to which Tom refuses to go is absolute.
O grau até o qual o Tomás se recusa a ir é terminante.
 - iii) *Tom is absolute in refusing to go.
O Tomás é terminante ao recusar-se a ir.
 - f)
 - i) Actually, John can't lose.
Realmente, o João não pode perder.
 - ii) *It was actual that John can't lose.
Foi real que o João não pudesse perder.
 - g)
 - i) I was merely³⁶ trying to help.
Estava somente tentando ajudar
 - ii) *The manner/degree in which I was trying to help was mere.
O modo/ grau pelo qual/ até o qual eu tentava ajudar era só.
 - h)
 - i) This data virtually shatters the transformational theory.
Estes dados virtualmente arrasam com a teoria transformadora.
 - ii) *The degree to which this data shatters the transformational theory is virtual.
O grau até o qual estes dados arrasam a teoria transformadora é virtual.
122. Há expressões cristalizadas em nossa Língua que não são mais Locuções como já se propôs, mas unidades que não se podem quebrar, nem ter seus termos invertidos e se usam como um todo. É o caso de *mal e mal*, coloquialmente [malema-~~o~~]:
- a) A Sra. Hambúrguer cozinha mal e mal.
 - b) *A Sra. Hambúrguer cozinhe mal e talvez mal.
123. Deveras, muitos dos Sintagmas Preposicionados, Quantificados, Intensificados e outros mais classificados equivocadamente como Advérbios são formas cristalizadas que na ortografia já estão representados como se fossem uma única palavra:
- a) talvez = tal vez;
 - b) devagar = de vagar;
 - c) deveras = de veras;
 - d) também = tão bem;

³⁶ Ao pé da letra: meramente.

- e) acaso = a caso.

124. Outros casos se poderiam elencar, mas esta tese não pretende ser um Dicionário de Advérbios e Pseudo-Advérbios. Basta dizer-se que muitos outros casos como o de mal e mal há. De qualquer forma, não haverá sentido em se falar de Locução Adverbial, não pelo menos no sentido da Gramática Tradicional.

SEÇÃO VI. O QUE SERÁ MENTE?

125. Restrita a gama de elementos analisáveis, expendo-se o quadro dos Advérbios de Modo, os únicos verdadeiros e verifique-se se estes em si não são caracterizáveis de alguma forma, isto é, se formam alguma Categoria legítima. Mas quais Advérbios de Modo?

126. Enumeraram-se dados mostrando que dois ou mais Advérbios de Modo se podem avizinhar:

- a) A Sra. Hambúrguer não age assim realmente, só está treinando para ser telejornalista.
- b) A Sra. Hambúrguer não age realmente assim, só está treinando para ser telejornalista.
- c) Por isso ela pensa assim devagar.
- d) Por isso ela pensa devagar assim.

127. Sabe-se que itens de uma mesma Categoria não se podem modificar, por exemplo os Determinantes:

- a) *Este o filho vive em Los Angeles.
- b) *A essa aquela mansão caiu com o um terremoto.

128. Exemplos como os sobrecitados levariam a crer que *assim*, *devagar* e *realmente* sejam Categorias distintas dos outros Advérbios de Modo. Já se verificou que de fato *assim*, por exemplo, apresenta uma possibilidade de ordens menor do que a dos Advérbios terminados em *mente*.³⁷ Assim sendo hão de se distinguir os diferentes tipos Advérbios como se distinguem os Verbos ou aceitar-se que nem todos os supostos Advérbios (chamados de Modo segundo a tradição) o são. Há de se adotar a segunda via, isto é, a solução que aparte de uma vez os Advérbios terminados em *mente* dos demais Pseudo-Advérbios, determinando-se afinal qual é a natureza de *mente* que dá essa propriedade genuína de Advérbio.

129. Como já se veio longamente explicando, isso requer um exame das estruturas interiores dos Sintagmas Adverbiais. Foque-se, pois, a atenção nos Advérbios terminados em *mente*. Há uma hipótese específica que se deve investigar para estes que advém da seguinte observação: *mente* não se comporta como um sufixo normal. Não será *mente* uma palavra? Relembrem-se alguns fatos:

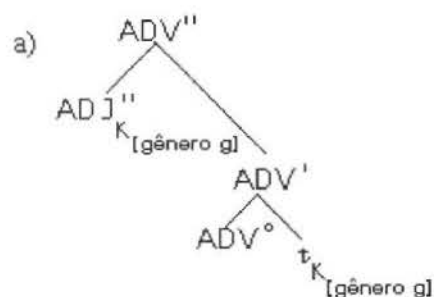
- a) A Priscila olha-me carinhosa e timidamente.
- b) *A Priscila tem um olhar fogo e carinhoso.

³⁷ Vide exemplos no Intróito.

- c) A Priscila tem um olhar flogoso e carinhoso.
d) Trata-se de um conceito genérico e teórico.
e) *Trata-se de um conceito genér e teórico.
130. Essas evidências sintáticas mostrando a coordenação de dois Advérbios e comparando *mente* com sufixos são suficientes para concluir-se que *mente* não é um deles como o faz parecer a ortografia. A tais evidências aduzam-se outras vindas de um dialeto Paulista:
- a)
- i) [mẽ] [tũ] [fũ] [kũ] [lũ] [nũ] [õ] [ã] [ɐ̃] [ĩ] [y] [ø] [œ] [ʊ] [ə] [ɘ] [ɤ] [ɜ] [ɞ] [ɠ] [ŋ] [ɴ] [ɲ] [ɳ] [ɽ] [ʎ] [ʝ] [ç] [ʂ] [ʑ]
- ii) [mẽ] [tũ] [fũ] [kũ] [lũ] [nũ] [õ] [ã] [ɐ̃] [ĩ] [y] [ø] [œ] [ʊ] [ə] [ɘ] [ɤ] [ɜ] [ɞ] [ɠ] [ŋ] [ɴ] [ɲ] [ɳ] [ɽ] [ʎ] [ʝ] [ç] [ʂ] [ʑ]
- b)
- i) [mẽ] [tũ] [fũ] [kũ] [lũ] [nũ] [õ] [ã] [ɐ̃] [ĩ] [y] [ø] [œ] [ʊ] [ə] [ɘ] [ɤ] [ɜ] [ɞ] [ɠ] [ŋ] [ɴ] [ɲ] [ɳ] [ɽ] [ʎ] [ʝ] [ç] [ʂ] [ʑ]
- ii) [mẽ] [tũ] [fũ] [kũ] [lũ] [nũ] [õ] [ã] [ɐ̃] [ĩ] [y] [ø] [œ] [ʊ] [ə] [ɘ] [ɤ] [ɜ] [ɞ] [ɠ] [ŋ] [ɴ] [ɲ] [ɳ] [ɽ] [ʎ] [ʝ] [ç] [ʂ] [ʑ]
- c)
- i) [mẽ] [tũ] [fũ] [kũ] [lũ] [nũ] [õ] [ã] [ɐ̃] [ĩ] [y] [ø] [œ] [ʊ] [ə] [ɘ] [ɤ] [ɜ] [ɞ] [ɠ] [ŋ] [ɴ] [ɲ] [ɳ] [ɽ] [ʎ] [ʝ] [ç] [ʂ] [ʑ]
- ii) [mẽ] [tũ] [fũ] [kũ] [lũ] [nũ] [õ] [ã] [ɐ̃] [ĩ] [y] [ø] [œ] [ʊ] [ə] [ɘ] [ɤ] [ɜ] [ɞ] [ɠ] [ŋ] [ɴ] [ɲ] [ɳ] [ɽ] [ʎ] [ʝ] [ç] [ʂ] [ʑ]
131. Na Fonologia desse dialeto é impossível ocorrer uma vogal meio-aberta em posição átona, mesmo que se derive esta palavra de outra cuja vogal tônica era meio-aberta. Da mesma forma, não há vogal central em posição átona ainda que seguida de uma consoante nasal. A vogal central só ocorre em posição tônica e se derivada uma palavra a partir de outra, ocorre a descentralização. No caso dos exemplos as derivações deram-se com afixação dos morfemas -*icie*, -*eza*, -*enta*. Vê-se pelos últimos exemplos que acrescentar *mente* a um Adjetivo não provoca nenhuma mudança parecida com a dos antecedentes: ambas as vogais meio-abertas e a central se mantém. *Mente* não age como um sufixo, logo não o é.³⁸
132. Enfim, tais argumentos apontam ao fato de *mente* não seja um sufixo mas uma palavra. Destarte *mente* é de fato e em si o Advérbio. Em verdade os Advérbios terminados em *mente* são seqüências do tipo:
- a) Adjetivo Feminino + Advérbio *Mente*.
133. A uma idêntica análise se pode proceder quanto aos ex tunc chamados Adjetivos Adverbializados. Na verdade são:
- a) Adjetivo Masculino + Advérbio Ø.

³⁸ Ver os trabalhos em fonologia de Massini-Cagliari (1995) e Lee (1995) que já vão nessa direção, embora de um modo um pouco diferente.

134. Porém, dizer que *mente* é uma palavra e não um afixo e que se trata de uma categoria funcional não aclara totalmente a estrutura interna dos Sintagmas que se consideram Advérbios. Carece-se de passar da contraposição entre palavra e afixo para a análise sintagmática propriamente dita.
135. Como se representará a estrutura do Sintagma formado pelo Advérbio *mente* e seu Adjetivo? Não poderá ser um Sintagma Adjetivo onde o Adjetivo tem *mente* como complemento, pois já se demonstrou que não se trata de uma estrutura adjetiva. Tem de ser uma estrutura adverbial genuína que expresse dois fatos diferentes:
- a) que o Advérbio seleciona de algum modo o seu Adjetivo;
 - b) que há concordância entre o Advérbio e o Adjetivo.
136. O fato de que $\emptyset$ e *mente* selecionam seus Adjetivos se evidencia com o não formarem Sintagmas com qualquer Adjetivo. Vejam-se os exemplos:
- a) *Picasso pintava azulmente.
 - b) Picasso pintava belamente.
 - c) *Ele vende carros honesto.
 - d) Ele navega rápido.
137. Tais exemplos comprovam o primeiro fato.
138. O último fato dentre ambos importa. Não fosse a concordância, poderíamos ter qualquer Adjetivo contíguo a *mente*, gerando então Sintagmas Adverbiais com Adjetivos Masculinos, por exemplo, coisa impossível em Português. Em sendo itens de uma categoria funcional, *mente* e $\emptyset$ podem ser conferidores dos traços de um Adjetivo. Propor-se-á, pois, para representar a estrutura adverbial o seguinte indicador:



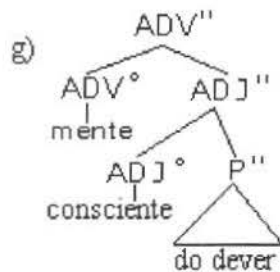
139. As estruturas representadas mais ou menos se assemelham ao que ocorre dentro do predicado com o Verbo e o Objeto. O Adjetivo no cômputo inicial vem como complemento de *mente* ou $\emptyset$ que é o núcleo do Sintagma Adverbial. O Adjetivo move-se até o especificador de ADV'' para conferir seus traços, exatamente como o objeto de um verbo para conferir o traço +D juntamente com a concordância de objeto.

140. Se se admitisse que houvessem outros tipos de Advérbios além de *mente* e $\emptyset$, o que os diferenciaria dos demais possíveis Advérbios seria justamente o fato de que o Sintagma Adverbial cujo núcleo seja um deles traz um complemento, podendo chamarem-se Advérbios Transitivos. Os demais Advérbios se existirem não terão complementos, sendo portanto intransitivos. Aqui a hipótese radical obriga a dizer que só existem os Advérbios transitivos.

141. Isso dito, como se explicarão os seguintes fatos:

- a) *A Sra. Hambúrguer anda roucamente de tanto chamar o elevador e o surdo dele não vir.
- b) *A Sra. Hambúrguer anda rouca de tanto chamar o elevador e o surdo dele não vir mente.
- c) A Sra. Hambúrguer anda rouca de tanto chamar o elevador e o surdo dele não vir.
- d) O médico barbudo não agiu consciente do seu dever de brasileiro.
- e) *O médico barbudo não agiu conscientemente do seu dever de brasileiro.
- f) *O médico barbudo não agiu consciente do seu dever de brasileiro mente.

E por que será então impossível um Cômputo Inicial com uma estrutura como:



142. De um cômputo inicial como o anterior não se poderia gerar nenhuma seqüência como as frases a) e c) anteriores porque por respeito ao requisito da uniformidade das cadeias não se pode mover somente o núcleo do Sintagma Adjetivo, mas sim todo ele para a posição de especificador. Entretanto, um cômputo inicial como g) poderia estar no começo de uma derivação que resultasse nas frases b) e f).

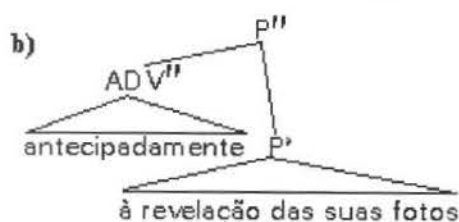
143. O problema com Sintagmas Adverbiais do tipo que aparecem em frases como b) e f) é que nenhures em sua estrutura se poderia verificar o conjunto dos traços do complemento do Adjetivo e qualquer movimento deste para fora do Sintagma Adverbial violaria a condição do menor elo e a da uniformidade das cadeias.

144. E como se explicará uma estrutura como a de um outro exemplo? Veja-se este:

- a) A Sra. Hambúrguer desmaiou **antecipadamente à revelação das suas fotos**.³⁹

³⁹ Esse tipo de exemplo seria agramatical para este autor, não fosse o fato de ter colhido em uma publicação frase semelhante.

No caso o que se tem é uma estrutura desta configuração:



145. De modo que o Sintagma Preposicionado não é um complemento do Adjetivo dentro do Advérbio, mas o todo o Sintagma Adverbial é especificador do primeiro.

SEÇÃO VII. UM ADVÉRBIO MODIFICANDO OUTRO?

146. Então já está claro por todos os motivos citados que não pode haver um Advérbio modificando o outro. Se dois elementos se modificam não são de uma mesma categoria.
147. Um argumento empírico para corroborar ainda mais a idéia de dois Advérbios nunca se modificam advém do fato de que o Português (ao contrário do Francês⁴⁰) não permite que se use nem o Advérbio Ø seguido de *mente* que é igualmente um Advérbio genuíno, nem vice-versa:

- a) *Ømente.
- b) *menteØ.

148. Esses fatos, entretanto, não servirão para corroborar a idéia já descartada de que os Pseudo-Advérbios sejam Advérbios genuínos. A impossibilidade de seqüências como:

- a) *assimmente;
- b) *muitamente.

149. Deve-se ao fato de que nunca os Pseudo-Advérbios servem como complemento de *mente* ou de Ø e por isso nunca sobem à posição de especificador dele.

SEÇÃO VIII. SEMPRE O ESCOPO?

150. Essa seção terá de falar contra o que recentemente vem sendo o tema mais comum na literatura a cerca dos Advérbios: as relações de escopo. Embora empiricamente detectável, essa relação de pouco ou nada ajuda a uma descrição do comportamento da estrutura dos Advérbios e muito menos a uma teoria gramatical, ao contrário do que normalmente se pensa. Os motivos para isso vem a seguir.
151. Normalmente diz-se que um Adjetivo modifica um termo do qual é adjunto. Embora ainda às vezes se diga o mesmo dos Advérbios, hoje em dia prefere-se falar em *escopo* mais do que em

⁴⁰ Segundo o que a Gramática Tradicional Francesa chama de Advérbio. Um exemplo seria: *quasiment*. Entretanto, ressalve-se que, em sendo verdadeira a presente análise, há de se rever futuramente o que se veio dizendo dos Advérbios Franceses.

modificação. Supor-se-á aqui que as duas não sejam necessariamente a mesma coisa, isto é, que há uma diferença entre modificar algo e tomar algo como escopo. Entretanto, não se deterá o trabalho em explicar tais diferenças.

152. Há uma pensão e uma expectativa a respeito da representação da estrutura dos Advérbios as quais concernem ao campo do escopo. São da ordem intuitiva ambas e o que reclamam é uma representação que no próprio indicador sintagmático sem mais outros recursos se explicita qual é o escopo do Advérbio.
153. É comum expressar-se a tomada de escopo pelo Advérbio com parênteses ou colchetes. Seria mais ou menos a idéia de que o Advérbio e o seu escopo estejam mais ou menos dentro de um mesmo Sintagma maior. Portanto, a relação entre o Advérbio e o seu escopo seria algo como que entre conteúdos e continentes.
154. Nesta seção argumenta-se que tal tipo de representação é impróprio à expressão da relação entre o Advérbio e o escopo. Na verdade tal relação nada tem de ver com as de continência, nem se consoma na estrutura sintagmática. Tome-se uma frase como:
- a) O Celso viajará ao Espírito Santo durante esse ano novamente.
155. Quatro leituras pelo menos a mesma frase admite e que se podem expressar por meio de índices:
- a) O Celso viajará ao **Espírito Santo_K** durante esse ano **nova_K mente**.
- b) O Celso viajará ao Espírito Santo **durante esse ano_K** **nova_K mente**.
- c) O Celso **viajará_K** ao Espírito Santo durante esse ano **nova_K mente**.
- d) O **Celso_K** viajará ao Espírito Santo durante esse ano **nova_K mente**.⁴¹
156. O uso de negrito acima é a ajudar a visão das leituras. Em todas as frases acima fica claro que primeiramente o escopo não é o do Advérbio, mas sim do Adjetivo que é especificador do Advérbio. Nem sempre o Adjetivo dentro do Sintagma Adverbial toma como escopo um termo do qual o Sintagma Adverbial é necessariamente um adjunto. Note-se igualmente que qualquer termo c-comandando o Advérbio ou cujo vestígio o Sintagma Adverbial c-comande é um candidato em potencial a escopo do Adjetivo do Sintagma Adverbial. Logo as relações de c-comando não predizem as entre um Adjetivo dentro de um Sintagma Adverbial e o seu escopo. Aliás, o Adjetivo que é o que

⁴¹ Ao leitor que por ventura não perceber as diferentes interpretações, eis aqui uma breve explicação:

- a) O Celso viajará ao **Espírito Santo_K** durante esse ano **nova_K mente**.
Quer dizer que o Celso estará uma outra vez no Espírito Santo.
- b) O Celso viajará ao Espírito Santo **durante esse ano_K** **nova_K mente**.
Quer dizer que o Celso fará a mesma ação mais de uma vez durante o mesmo ano.
- c) O Celso **viajará_K** ao Espírito Santo durante esse ano **nova_K mente**.
Quer dizer que o Celso fará mais de uma viagem.
- d) O **Celso_K** viajará ao Espírito Santo durante esse ano **nova_K mente**.
Essa última diz que quem viajará novamente será o Celso.

realmente toma um escopo só c-comanda *mente* ou $\emptyset$ e nenhum outro termo mais que estará fora do Sintagma Adverbial.

157. Inexiste uma estrutura sintagmática que as diferentes interpretações supraditas melhor explicite do que por meio da co-indexação. Se se adotasse uma abordagem sintagmática para se exprimir cada uma das diferentes leituras possíveis, recorrer-se-ia a uma série de esqueletos funcionais muito complicados, cheios de núcleos e uma pletora de movimentos supérfluos, isso se não se laborasse em se relacionar os elementos com galhos cruzados. Assim, a estrutura sintagmática dos Advérbios não exprime relações de escopo, seja tal estrutura interna ou externa. A relação entre o escopo e o Advérbio não depende necessariamente de que ambos estejam dentro de um mesmo continente, nem que um contenha o outro.
158. Além disso, o fato de o Adjetivo especificador de um Advérbio tomar algum item como escopo não implica que a frase terá sentido para o ouvinte, como mostram os exemplos abaixo:
 - a) %Ignorantemente_i a Ilha de França fica_i no Mediterrâneo.
 - b) %Ignorantemente_i a Ilha de França_i fica no Mediterrâneo.
 - c) %Ignorantemente_i a Ilha de França fica no Mediterrâneo_i.
 - d) %A Ilha de França fica_i no Mediterrâneo ignorantemente_i.
 - e) %A Ilha de França fica no Mediterrâneo_i ignorantemente_i.
 - f) %A Ilha de França_i fica no Mediterrâneo ignorantemente_i.
159. Normalmente diz-se que frases como as supracitadas apresentam Advérbio sem escopo. Isso é impróprio. O apropriado é dizer que qualquer termo poderia servir de escopo para o Adjetivo dentro do Sintagma Adverbial, ocorre que nenhum escopo possível que se tomar poderá dotar a frase de sentido.
160. Nenhuma das frases acima é agramatical, apenas não fazem muito sentido apesar de tanto serem gramaticalmente possíveis quanto de tomarem termos como escopo. O Adjetivo dentro do Sintagma Adverbial ter escopo não garante que a frase faça sentido. Portanto, fazer sentido e haver escopo são coisas bem diferentes.
161. Fatos como esses evidenciados pelos exemplos de outra forma e sobre outras categorias bem se investigaram ao longo da década de oitenta, sob as pensões e diretrizes da Teoria da Ligação. Chomsky eliminou o componente da Teoria da Ligação do Programa Minimalista. Uma razão para isto é que essa relação não é íntima como toda relação deve ser. Outra é que na verdade a co-indexação é uma operação de identificação entre objetos. Essa operação efetua-se em outro módulo ou sistema da mente e não é parte da faculdade da linguagem. Aclarar-se-ão mais outros aspectos de tais fatos no penúltimo Capítulo.

162. Em qualquer caso, a estrutura interna dos Advérbios nada terá de ver com tais fatos, como intuitivamente se poderia esperar.
163. Isso dito tem grandes repercussões sob um olhar minimalista. O que se está dizendo é que as relações entre os Adjetivos dentro de Sintagmas Adverbiais e os seus escopos não se consumam na estruturação sintagmática, nem são íntimas. Ora, em uma abordagem minimalista todas as relações têm de se consumir na estrutura dos Sintagmas e nenhuma delas é relevante a não ser que seja íntima. Numa abordagem destas uma representação por meio de índices, isto é, por co-indexação, não é de grande valia, nem sequer tem qualquer poder preditivo pelos motivos já mencionados. Portanto, nenhum problema relativo aos Advérbios terá de ver com seus escopos possíveis, nem o fato de se tomar A ou B como escopo influirá na determinação de qualquer fenômeno que ocorrer com os mesmos. Não for isso assim, então o modelo minimalista não servirá para se investigar a categoria em questão. Dadas, pois, tais opções, nesta tese preferiu-se a primeira, isto é, não é o modelo que não serve, é a tradição baseada no escopo que se tem de abandonar.
164. No penúltimo Capítulo voltar-se-á a falar da questão do escopo uma vez mais em duas seções, outras questões relativas ficam em aberto.

SEÇÃO IX. DAS POSITIVAS E NEGATIVAS E DEMAIS ILAÇÕES

165. Faça-se um balanço geral das presentes reflexões e análises.
166. Uma teoria sobre os diversos subtipos de Advérbios encontrada na Gramática Tradicional os dividia em nominais e pronominais. Por sua vez, os pronominais ainda se subdividiam em tantas variedades quanto os próprios pronomes, menos a dos pessoais, daí falar-se em Advérbio Pronominal Demonstrativo, etc... Como fosse muito abstrata tal classificação, o que se difundiu foi um quadro taxionômico mais simplificado e didático que se encontra hoje em qualquer gramática escolar e que foi justamente o quadro tradicional contestado aqui. Como Nunes (1905) notara, para efeitos mais semânticos ou práticas esses dois sistemas de classificação tradicionais não se excluem, daí poder-se dizer que pouco diferem.
167. O quadro que se adotou aqui a partir das reflexões anteriores é de que somente os Advérbios de Modo o são em si:
- a) Mente
 - b) Ø
168. Todos os demais confundidos com Advérbios são Pseudo-Advérbios.
169. Uma última colocação aparte, desta vez envolvendo um pouco a morfologia dos Advérbios em Português, pois respeita às construções comparativas e superlativas. Não têm os Advérbios

Portugueses mormente grau sintético como os Adjetivos. Ou têm graus analíticos de inferioridade e superioridade:

a) A Sra. Hambúrguer defendeu **mais firmemente** o uso de paralelepípedos de borracha para pouparem-se os amortecedores dos carros.

b) A Sra. Hambúrguer defendeu menos debilmente o uso de paralelepípedos de borracha para pouparem-se os amortecedores dos carros.

ou ocorre a manifestação dos graus dos Adjetivos dos quais derivam os Advérbios:

c) A Sra. Hambúrguer defendeu **firmissimamente** o uso de paralelepípedos de borracha para pouparem-se os amortecedores dos carros.

d) O Fitipaldi trocou-se rapidíssimo.

ou seja, é muito mais o grau do Adjetivo do que Sintagma Adverbial propriamente. Como já se viu o que há na verdade são umas estruturas como:

e) ADV"[ADJ]"[firmissima] ADV'[mente]].

f) ADV"[ADJ]"[rapidissimo] ADV'[Ø]].

170. Contudo; alguns poucos Pseudo-Advérbios possuem uma forma sintética própria para o grau de superioridade:

a) ruim/mal, pior, _____;

b) bem, melhor, _____.

171. Como se vê, em compensação são defectivos por outro lado, faltando-lhes seu próprio superlativo sintético. O que corresponderia pelo sentido aos superlativos sintáticos deles seriam Advérbios genuínos como:

a) pessimamente;

b) otimamente.

E alternativo a *melhor* existe:

c) melhormente

que deriva do comparativo de superioridade de *boa*.

172. Confrontem-se tais formas com:

a) *mais ruim;

b) *mais bem;

c) *mais mal;

d) *malíssimo;

e) *bemíssimo.

173. A análise da estrutura interna do mesmo pavimentará o percurso das reflexões seguintes, não sem antes se fazer uma descrição observacional dos dados no Capítulo a seguir.

Segundo Capítulo

OS DADOS COMPARADOS

SEÇÃO I. OS FENÔMENOS OBSERVADOS EM TRÊS IDIOMAS

174. No presente Capítulo há de se mostrar em um nível mais observativo ou descritivo a sintaxe dos Advérbios. Dos Capítulos deste trabalho, o primeiro discorreu sobre a questão da estrutura interna dos Advérbios e o terceiro Capítulo colocará as propostas feitas pelos diversos autores que abordaram o assunto e fará às propostas principais críticas. Antes disso, o Presente Capítulo tratará da ordem linear dos Advérbios em três Línguas distintas: o Português, o Francês e o Inglês, desconsiderando a representações mais detalhadas das frases e os processos de derivação. Será uma primeira descrição observacional com pouca ou nenhuma elaboração teórica nem muitas explicações, procurando trazer à baila mais dados para fundamentar a discussão a seguir.
175. Comece-se pelo Inglês.

SEÇÃO II. OS ADVÉRBIOS INGLESES

176. Os fatos a seguir se podem encontrar em várias descrições do Inglês, inclusive gramáticas tradicionais e escolares. Consultaram-se alguns informantes cuja Língua Materna era o Inglês. Há razões para crer que seja um panorama empiricamente verdadeiro. Os exemplos colheram-se de gramáticas, dicionários e artigos científicos e livros recentes de lingüistas, além de outras fontes.
177. O Advérbio ao modificar um Adjetivo sempre o precede:
- a) Mrs. Hamburger is not fairly sexy.
A Sra. Hambúrguer não é razoavelmente sensual.
 - b) An other extremely important person was Henry Sewell, the first Prime Minister of New Zealand.
Outra pessoa extremamente importante foi Henry Sewell, o primeiro Primeiro-Ministro da Nova Zelândia.
178. Um Advérbio pode vir antes do Sujeito de uma Frase, no que parece ser uma posição de Tópico:
- a) Really, I can't say that I understand John Major when he is angry.
Realmente não posso dizer que entenda o John Major quando está bravo.
179. Um Advérbio pode vir após um Modal ou um Verbo Auxiliar.
- a) The police are certainly looking for people at this time.

- A polícia está certamente procurando gente agora.
- b) Newt can't really balance his budget.
O Newt não pode realmente equilibrar seu orçamento.
- c) The news will probably be out of date.
As notícias estarão provavelmente defasadas.
180. Havendo um Modal e um Verbo Auxiliar, o Advérbio pode ficar entre ambos:
- a) The shops will certainly be closing.
As lojas estarão certamente fechando.
181. Alguns Advérbios (tradicionalmente chamados) de Modo ou de Grau se colocam entre o Verbo Auxiliar e o Principal:
- a) We've been patiently queuing for tickets.
Nós pacientemente temos ficado em filas por causa dos ingressos.
- b) You could have completely spoilt everything.
Você⁴² podia ter completamente estragado tudo.
182. Para a intuição de alguns falantes, é difícil uma ocorrência gramatical do Advérbio entre o Sujeito e o Modal. Entretanto, o Advérbio pode vir entre o Sujeito e o Modal ou Verbo Auxiliar em frases negativas ou quando se a sílaba tônica saliente está no Verbo Auxiliar, ou se ainda for um Advérbio cujo sentido expressa medidas de periodicidade, intensidade, grau ou tempo indefinido e que a Tradição chama de Advérbios de Frequência, de Tempo ou de Grau. Isso também é verdade para alguns outros falantes em não havendo um Modal ou Verbo Auxiliar entre o Sujeito e o Verbo Principal: as condições para inserção do Advérbio aí parecem ser as mesmas, segundo intuem os falantes desse grupo. Para outros falantes é mais fácil colocar-se um Advérbio entre o Sujeito e o Verbo Principal do que entre o primeiro e um Modal ou Verbo Auxiliar. Em outros casos, será o tipo de Modal que permitirá a anteposição do Advérbio. Nos exemplos abaixo, quando se quer marcar a palavra com a sílaba saliente esta vem em negrito:
- a) *The news evidently will be out of date.
As notícias evidentemente estarão defasadas.
- b) It probably doesn't matter very much.
Isso provavelmente não importa muito.
- c) You really **are** serious, aren't you?
Você realmente está falando a sério, não está?
- d) He foolishly **locked** himself out.
Ele estupidamente trancou-se do lado de fora.

⁴² A tradução de *you* por *tu* ou *você* é aleatória aqui.

- e) We usually don't get up before nine on Sundays.
Nós normalmente não nos levantamos antes das nove aos domingos.
- f) You fairly drive me mad with your nagging.
Você quase me tira do sério com sua apoquentação.
- g) I recently went to Berlin.
Eu recentemente fui a Berlim.
- h) Many people greatly admire English gardens.
Muita gente admira muito os jardins ingleses.

183. Em tais casos a inversão do Modal ou Verbo Auxiliar da construção interrogativa não acarreta mudança da posição do Advérbio após o Sujeito:

- a) Why do you frequently get the worst jobs?
Por que você sempre arranja os piores empregos?
- b) Have you recently booked your tickets?
Reservaste tuas passagens recentemente?

184. Existem diferenças de sentido entre as frases com o Advérbio entre o Sujeito e o Modal ou Verbo Auxiliar e as com o primeiro após os dois últimos:

- a) They deliberately didn't leave the heating on.
Eles desligaram o aquecedor de propósito.
- b) They didn't deliberately leave the heating on.
Eles desligaram o aquecedor por engano.

185. Isso, entretanto talvez seja um caso parecido com frases do Português como:

- a) O Bigodudo propositadamente não foi ao encontro.
- b) O Bigodudo não foi ao encontro propositadamente.

Considera-se que em um caso assim cada uma das frases tenha uma leitura diferente respectivamente:

- c) O Bigodudo faltou ao encontro de propósito.
- d) O Bigodudo compareceu ao encontro por um acaso.

Mas de fato a segunda frase admite ambas leituras:

- e) O Bigodudo não foi ao encontro propositadamente. = O Bigodudo faltou ao encontro de propósito.
(se se entende que é o Sintagma Adverbial que modifica o Negador)
- f) O Bigodudo não foi ao encontro propositadamente. = O Bigodudo compareceu ao encontro por um acaso.
(se se entende que é o Negador que modifica o Sintagma Adverbial)

186. Portanto, no caso das frases em Inglês a questão não é que simples e puramente a ordem dos Advérbios mude o sentido. A questão é que a ordem do Advérbio permite ou não ser negado pelo elemento que expressa a negação da frase. Todavia, não há garantias seguras de que alguém não possa entender

a) O Bigodudo propositadamente não foi ao encontro.

como

b) O Bigodudo compareceu ao encontro por um acaso.

especialmente se se lhe dá uma entoação ou ritmo diferente:

c) O Bigodudo, propositadamente, não foi ao encontro.

Eis que nos casos exemplificados com *deliberately* o problema tenha mais a ver com a posição do elemento negativo do que com o Sintagma Adverbial em si.

187. Os Advérbios sempre se colocam antes dos Modais *ought to*, *used to* e *have to*:

a) The judge certainly ought to dismiss the case.

O Juiz certamente precisa encerrar/ impronunciar o caso.

188. Em interrogativas o Advérbio não acompanha o modal, nem se antepondo nem se pospondo a este:

a) Will you really listen to dr. Frankenstein?

Escutarás realmente o Dr. Frankenstein?

b) *Really will you listen to dr. Frankenstein?

c) * Will really you listen to dr. Frankenstein?

d) Do the students really like dr. Frankenstein?

Os estudantes gostam realmente do Dr. Frankenstein?

e) *Do really the students like dr. Frankenstein?

f) * Really do the students like dr. Frankenstein?

189. Mas, no geral vem um Advérbio após o Predicado, seja este um Verbo e o seu Objeto, seja um Verbo intransitivo. Principalmente se for um predicado com um Verbo Transitivo e um Objeto. Entre o Verbo e o Objeto Direto diz-se ser quase sempre impossível haver um Advérbio:

a) The sun still shone brightly on the quiet street.

O sol ainda brilhava resplendentemente na rua calma.

b) We continued our labours peacefully.

Continuamos nossos trabalhos pacificamente.

c) *We continued peacefully our labours.

Continuamos pacificamente nossos trabalhos.

d) I wrapped the parcel carefully.

- Embrulhei a mercadoria cuidadosamente.
- e) * I wrapped carefully the parcel.
Embrulhei cuidadosamente a mercadoria.
190. Curiosamente, a impossibilidade de se interpor um Advérbio a seqüência Verbo e Objeto Direto não é assim tão rigorosa. Se for um Advérbio curto e um Objeto longo, a interposição é viável:
- a) I wrapped carefully all the glasses and ornaments.
Embrulhei cuidadosamente todos os vidros e ornamentos.
- b) We could see very clearly a strange light ahead of us.
Podíamos ver bem claramente uma luz à nossa frente.
191. Num caso desses, também se admite o Advérbio entre o Sujeito e o Verbo, de forma que a posição entre o Verbo e o Objeto é opcional:
- a) I carefully wrapped all the glasses and ornaments.
Eu cuidadosamente embrulhei todos os vidros e ornamentos.
192. Quando o Sintagma Preposicionado é longo e um Advérbio é mais curto, vale o mesmo:
- a) They inspected the car thoroughly in a very officious manner.
Inspecionaram o carro minuciosamente de uma maneira mui oficiosa.
193. Se o Objeto for indireto a ocorrência do Advérbio entre este e o Verbo é possível e opcional:
- a) Larry Hagman reads frequently to Barbara Eden.
O Larry Hagman lê freqüentemente para a Barbara Eden.
Se no caso se tem mesmo um Objeto Indireto ou não é algo a discutir-se.
194. O Advérbio em posição final pode estar lá também porque é o dado novo ou o importante:
- a) There was a police car in front of us. I was going very slowly.
Havia um carro da patrulha em frente de nós. Eu ia muito devagar.
195. No caso de infinitivos o Advérbio vem depois de *to* e antes do Verbo em *si*:
- a) To completely hate Charles is normal.
- b) *To hate completely Charles is normal.
Odiar totalmente o Carlos é normal.
- c) I believe John to constantly sound sarcastic.
- d) *I believe John to sound constantly sarcastic.
O João constantemente soa-me sarcástico.
196. Considera-se normalmente que o Advérbio em Inglês também parece não poder estar muito longe do que se chamaria de seu escopo:
- a) George has read the book completely.
O Jorge leu o livro inteiro.

- b) %Completely George has read the book.
- c) They agreed_L immediately_L that the goods would be replaced.
Concordaram imediatamente que se trocassem as mercadorias.
- d) They agreed that the goods would be replaced_L immediately_L.
- e) %They agreed_L that the goods would be replaced immediately_L.
- f) %They agreed immediately_L that the goods would be replaced_L.

É claro que essas interpretações talvez variem de falante para falante em Inglês. Essa questão, contudo, já abordara suficientemente o capítulo anterior e nimamente a reabordarão os dois últimos capítulos. Entretanto, é obscuro nesses dados o que será longe e o que será perto, visto que as distâncias variam de exemplo para exemplo.

197. Segundo as fontes e os autores consultados, o que parece determinar a ordem dos Advérbios em Inglês são os seguintes fatores:

- a) fatores potencialmente ligados ao ritmo e à entoação ou outros aspectos prosódicos:
 - i) o local da sílaba de saliência na frase;
 - ii) a extensão do tamanho do objeto;
 - iii) se a frase é negativa, afirmativa ou interrogativa;
- b) o valor semântico dos Advérbios.

198. Note-se bem que se disse *fatores potencialmente ligados aos aspectos prosódicos*, visto que não é necessário, por exemplo, usar-se determinada entoação para produzir-se uma interrogativa. Note-se bem que se disse *parece determinar e segundo os autores consultados*. Se isso será de fato ou não assim é assunto para os próximos capítulos. Passe-se agora ao Francês.

SEÇÃO III. OS ADVÉRBIOS FRANCESES

199. Sob certos aspectos o Francês comporta-se ao inverso do Inglês. É perfeitamente possível colocar-se um Advérbio entre o Verbo e o Objeto, porém nunca entre o Sujeito e o Verbo:

- a) Madame Hamburger veut que le père Noël fasse personnellement les oeufs de pâques.
- b) *Madame Hamburger veut que le père Noël personnellement fasse les oeufs de pâques.

200. Ao contrário do que se passa com os objetos longos em Inglês, um sujeito longo não permite ocorrer um Advérbio depois de si e antes do Verbo:

- a) Vanessa Paradis, les jeunes filles de Campinas, Carré Othis, Brook Shields, Bruna Lombardi, Kim Basinger, Sharon Stone, Rebecca De Mornay, Wynona Rider, Demi Moore, Linda Evangelista, Mariane Heerdt, Vanusa Spindler, Elizabeth Taylor, Adriana Esteves, Nicole Kinderman, Nastassia Kinsky, Michelle Pfeifer, Erika Ellianake,

Claudia Schiffer, Catherine Deneuve, Ana Paula D'Arosio et Xuxa avec ses paquitas qui ont dansé hier ont perdu complètement la tête pour Antonio Marmo.

- b) *Vanessa Paradis, les jeunes filles de Campinas, Carré Othis, Brook Shields, Bruna Lombardi, Kim Bassinger, Sharon Stone, Rebecca De Mornay, Wynona Rider, Demi Moore, Linda Evangelista, Mariane Heerdt, Vanusa Spindler, Elizabeth Taylor, Adriana Esteves, Nicole Kinderman, Nastassia Kinsky, Michelle Pfeifer, Erika Ellianake, Claudia Schiffer, Catherine Deneuve, Ana Paula D'Arosio et Xuxa avec ses paquitas qui ont dansé hier complètement ont perdu la tête pour Antonio Marmo.

A Vanessa Paradis, as meninas de Campinas, a Carré Othis, a Brook Shields, a Bruna Lombardi, a Kim Bassinger, a Sharon Stone, a Rebecca De Mornay, a Wynona Rider, a Demi Moore, a Linda Evangelista, a Mariane Heerdt, a Vanusa Spindler, a Elizabeth Taylor, a Adriana Esteves, a Nicole Kinderman, a Nastassia Kinsky, a Michelle Pfeifer, a Erika Ellianake, a Claudia Schiffer, a Catherine Deneuve, a Ana Paula D'Arosio e a Xuxa com suas paquitas que dançaram ontem perderam totalmente a cabeça pelo Antonio Marmo.

201. Não se pode colocar o Advérbio entre o Verbo e o Sujeito nem quando há a inversão para a negativa. Nesse caso, o Francês aproxima-se um certo bocado do Inglês e do Português:

- a) *Savez réellement vous son nom?
- b) Savez-vous réellement son nom?
O senhor realmente sabe o nome dele?
- c) *Would really you eat a cake baked by Mrs. Hamburger?
- d) Would you really eat a cake baked by Mrs. Hamburger?
Tu comerias realmente um bolo feito pela Sra. Hambúrguer?
- e) *Sabes realmente tu seu nome?
- f) Sabes tu realmente seu nome?
- g) ?Pode realmente ele dizer que padre teve a coragem de casar alguém com a Sra. Hambúrguer?
- h) Pode ele realmente dizer que padre teve a coragem de casar alguém com a Sra. Hambúrguer?

202. No contexto entre o sujeito e o predicado a exclusão não é só do Advérbio, visto que o Francês neste espaço permite poucas categorias, a saber os Pronomes Clíticos e o Negador *ne*.

- a) Elle se comporte bien.
Ela comporta-se bem.
- b) Elle ne se comporte pas bien.

Ela não se comporta bem.

- c) *Elle hier/avec responsabilité se comporta bien.

Ela se comportou bem ontem/ com responsabilidade.

203. Já no contexto entre o Verbo Auxiliar e o Principal é possível haver um Advérbio, mas normalmente não um Dêitico nem um Sintagma Preposicionado:

- a) *Paul a hier vendu sa voiture.

Ontem o Paulo vendeu seu carro.

- b) *Paul a entre nous vendu sa voiture.

O Paulo vendeu seu carro entre nós.

- c) Paul a heureusement vendu sa voiture.

Uma exceção a essa generalização é:

- d) Pierre a encore oublié ses lunettes.⁴³

O Pedro esqueceu-se outra vez dos seus óculos.

204. Entre o sujeito e o predicado, alguns autores (como Cervoni (1990)) admitem a colocação de um Advérbio antes do Verbo Auxiliar desde que haja uma certa entoação especial, que na escrita se marca por meio de vírgulas:

- a) Paul, heureusement, a vendu sa voiture.

Essa quiçá seja uma intuição bem particular de determinados falantes nativos.

205. Os Advérbios em posição inicial ou final de uma frase francesa às vezes também se encontram:

- a) Naturellement, Charlotte se comporte bien.

Naturalmente, a Carlota se comporta bem.

- b) Charlotte se comporte bien naturellement.

A Carlota se comporta bem naturalmente.

- c) Charlotte se comporte bien, naturellement.

A Carlota se comporta bem, naturalmente.

- d) Charlotte se comporte bien, évidemment.

A Carlota se comporta bem, evidentemente.

206. Certos Advérbios em Francês também não podem suceder a uma forma negativa, já *ne* já *pas*:

- a) *Paul n'a pas malheureusement vendu sa voiture.

- b) *Paul ne malheureusement a pas vendu sa voiture.

E mesmo alguns falantes considerarão más as frases como:

- c) *Paul n'a malheureusement pas vendu sa voiture.

O Paulo não vendeu o seu carro infelizmente.

⁴³ Exemplo dado por Rodolfo Ilari.

Enquanto outros hão de considerá-la boa.

207. Nisso, o Português e o Francês um pouco se parecem:

a) *O Paulo não infelizmente vendeu seu carro.

Mas, nisso ambos diferem do Inglês que permite um verbo após o Auxiliar ou Modal mais o Negador:

b) They didn't deliberately leave the heating on.

Por outro lado, entre o Auxiliar ou Modal e o Negador não haverá nenhum Advérbio:

c) *They did deliberately not leave the heating on.

O Advérbio não parece poder preceder o Negador em Inglês qualquer que seja o verbo:

d) ?He is really not a student of astronomy.

Não é realmente um estudante de astronomia.

208. Outros Advérbios segundo alguns falantes poderão anteceder ou suceder ao *pas* desde que haja continuidade entoativa:

a) Paul ne viendra probablement pas.

b) Paul ne viendra pas nécessairement.

209. Em frases francesas do tipo *é-que* (clivadas ou pseudo-clivadas) se pode inserir um Advérbio, malgrado nem sempre façam sentido:

a) C'est calmement que Marie a répondu à toutes les questions.

Foi de uma maneira calma que a Maria respondeu a todas as questões.

b) %C'est franchement que Marie est arrivée la première.

%Foi de um modo franco que a Maria chegou em primeiro lugar.

210. A correspondência em Português não cai bem. Das três frases a seguir, duas são agramaticais (ou de gramaticalidade bem duvidosa) embora pudessem ter sentido e a última não faria sentido ainda que possível:

a) */??Foi calmamente que a Maria respondeu a todas as questões.

b) *É calmamente que a Maria respondeu a todas as questões.

c) */??Foi francamente que a Maria chegou em primeiro lugar.

Entre uma frase e outra há evidentemente o problema do tempo do verbo ser empregado. Essa realidade, entretanto, nada ou pouco tem de ver com os Advérbios mas com a natureza das frases clivadas em si.

211. Em construções com Verbos infinitivos os Advérbios podem precedê-los ou sucedê-los:

a) Complètement perdre la tête pour les belles étudiantes c'est dangereux!

b) Perdre complètement la tête pour les belles étudiantes c'est dangereux!

Perder totalmente a cabeça por alunas bonitas é perigoso!

- c) Énormément voir de films yougoslaves à Zagreb, c'est normal.⁴⁴
Ver muitos filmes iugoslavos em Zagrebe é normal.
212. Comportamento que se diferencia do dos Dêiticos e outros Pseudo-Advérbios:
- a) *Jean pensait demain rencontrer son patron à la Sorbonne.
b) Jean pensait recontrer son patron à la Sorbonne demain.
O João pensava encontrar seu orientador na Sorbona amanhã.
213. Passe-se agora aos Advérbios do Português.

SEÇÃO IV. OS ADVÉRBIOS PORTUGUESES

214. Ou mesmo nenhuma se calhar de acordo com a intuição e sob a ótica de alguns, poucas são as posições nas quais não possa ocorrer um Advérbio dentro da frase Portuguesa, observados tantos quantos dados se listam já ao Intróito já aos demais Capítulos deste trabalho.
215. Enumerem-se alguns entre os possíveis ambientes de ocorrência dos Advérbios:
- a) Adv + S + V + O
b) S + Adv + V + O
c) S + V + Adv + O
d) S + V + O + Adv
e) Adv + S + V_{auxiliar} + V_{principal} + O
f) S + Adv + V_{auxiliar} + V_{principal} + O
g) S + V_{auxiliar} + Adv + V_{principal} + O
h) S + V_{auxiliar} + V_{principal} + Adv + O
i) S + V_{auxiliar} + V_{principal} + O + Adv
216. Exemplos dessas ocorrências todas são:
- a) Igualmente o Garfield detesta o Gato Félix.
b) O Garfield igualmente detesta o Gato Félix.
c) O Garfield detesta igualmente o Gato Félix.
d) O Garfield detesta o Gato Félix igualmente.
e) Abertamente o Gato Félix vem criticando a carreira do Garfield.
f) O Gato Félix abertamente vem criticando a carreira do Garfield.
g) O Gato Félix vem abertamente criticando a carreira do Garfield.
h) O Gato Félix vem criticando abertamente a carreira do Garfield.
i) O Gato Félix vem criticando a carreira do Garfield abertamente.

⁴⁴ Dados de Pollock (1989).

217. Os Verbos auxiliares são uma categoria mui distinta dos Modais do Inglês e por isso não há termos de comparação entre as posições em predicados compostos do Português e os simples com Modal do Inglês.
218. Em interrogativas os Advérbios não podem preceder o sujeito nem uma palavra wh:
- a) *Realmente onde fica Catuçaba?
 - b) *Realmente você gosta disso?
 - c) *Realmente quem você viu?
 - d) Onde realmente fica Catuçaba?
 - e) Você realmente gosta disso?
 - f) Você gosta disso realmente?
 - g) Quem realmente você viu?
 - h) Quem você viu realmente?
219. A exceção a isso será se o Sintagma Adverbial estiver dentro da palavra-wh modificando-a:
- a) *Exatamente [onde] se plantam as flores?
 - b) [Exatamente onde] se plantam as flores?
220. As duas frases anteriores apresentam diferentes entoações.
221. O efeito Verbo + Sujeito das interrogativas em Português é periférico (pelo menos na atual fase da Língua), ao contrário do Inglês e do Francês cujos efeitos de ordem Verbo + Sujeito pertence ao cerne da gramática. Discutir agramaticalidade ou gramaticalidade nessas construções é muito difícil e não será muito produtivo fazê-lo neste trabalho.
222. Os Negadores têm relações diferentes com os Advérbios. As seqüências:
- a) Neg + Adv + V
 - b) Adv + Neg + V
- serão possíveis ou não conforme o Negador usado:
- c) O pavor diante da cara do Frankenstein não é injustificado, nem fatalmente será incompreensível.
 - d) *O pavor diante da cara do Frankenstein não é injustificado, fatalmente nem será incompreensível.
 - e) *O pavor diante da cara do Frankenstein não fatalmente é injustificado, nem será incompreensível.
 - f) O pavor diante da cara do Frankenstein fatalmente não é injustificado, nem será incompreensível.
223. Comparem-se esses exemplos com:

- a) O pavor diante da cara do Frankenstein não é injustificado, nem será fatalmente incompreensível.
 - b) O pavor diante da cara do Frankenstein não é fatalmente injustificado, nem será incompreensível.
224. Podem estes fatos, estas diferenças entre os Advérbios contíguos de *não* e *nem* advirem do contexto das frases mencionados que é de coordenação. Em outros tipos de frases ambos parecem comportar-se mais uniformemente:
- a) Nem eu francamente gosto desse monstro idiota.
 - b) *Nem francamente eu gosto desse monstro idiota.
 - c) *Eu nem francamente gosto desse monstro idiota.
 - d) Eu francamente nem gosto desse monstro idiota.
 - e) *Eu não francamente gosto desse monstro idiota.
 - f) Eu francamente não gosto desse monstro idiota.
225. Se o elemento negativo é o sujeito da frase, é certo que se pode prepor ou pospor o Advérbio:
- a) Realmente, ninguém conhecia o Frankenstein até darem-lhe o poder.
 - b) Ninguém realmente conhecia o Frankenstein até darem-lhe o poder.
 - c) Francamente nem eu gosto desse monstro idiota.
226. O caso das orações no infinitivo do Português difere do Francês e aproxima-se do Inglês:
- a) *Totalmente odiar o Carlos é normal.
 - b) Odiar totalmente o Carlos é normal.
227. Veja-se que nelas os Advérbios e os Pseudo-Advérbios não se comportam igual. Os exemplos a seguir confrontam-nos:
- a) ?Sempre andar emburrado é coisa de gente sem senso de humor como o Carlos.
 - b) Andar sempre emburrado é coisa de gente sem senso de humor como o Carlos.
 - c) ??/*Hoje ligar para a moça da rua Pigalle em Paris seria chato.
 - d) Ligar hoje para a moça da rua Pigalle em Paris seria chato.
 - e) O Ortiz parece definitivamente melhorar a cidade a cada novo mandato.
 - f) O Ortiz parece melhorar definitivamente a cidade a cada novo mandato.
 - g) %O Ortiz parece melhorar a cidade a cada novo mandato definitivamente.
 - h) O Ortiz parece sempre melhorar a cidade.
 - i) O Ortiz parece melhorar sempre a cidade.
 - j) O Ortiz parece melhorar a cidade sempre.
 - k) O Danilo parecia hoje estar mais feliz.⁴⁵

⁴⁵ Os juízos variam de um falante a outro. Haverá mesmo quem aceite as frases marcados com “??/*”.

- l) O Danilo parecia estar hoje mais feliz.

SEÇÃO V. OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS

228. Os dados comparados acima suscitam questões diversas. A mais óbvia é saber por que há as diferenças de uma Língua para outra no que tange a uma mesma categoria. Esta será a questão para os próximos Capítulos.
229. O próximo Capítulo mostrará em que pé anda a discussão minimalista a respeito do comportamento adverbial e o antepenúltimo Capítulo será como que excuro necessário para mostrar dentro da estrutura geral da frase. Uma vez feita essa hipótese geral de trabalho baseada em uma generalização das cascas larsonianas, passará o penúltimo a discutir duas hipóteses específicas opostas a cerca da colocação dos Advérbios.
230. O leitor poderá notar que nem todos esses dados pareceram relevantes aos autores que se citarão no próximo capítulo. Em parte porque não há uma resposta fácil para eles dentro da teoria. Em parte porque os juízos, as intuições em vários casos variam muito de falante para falante e discuti-los seria devotar provavelmente muito esforço de objetivação para coisas alta e irremediavelmente subjetivas. De fato, a análise que se proporá nessa dissertação traz outra explicação para aquilo que até que foi exposto. O que foi exposto aqui na verdade acompanha pequenas explicações dadas pelos próprios falantes nativos normalmente e que na verdade são meras intuições de onde poderia estar a resposta para cada fenômeno. Há muito nisso que é mera aparência.
231. O presente capítulo por ser uma descrição observacional é mais acessível aos leitores de um modo geral. Já o próximo capítulo demandará algum conhecimento a cerca do Minimalismo e ao leitor que o desconhecer aconselha-se consultar o Apêndice desta obra.

Terceiro Capítulo

A Dialética dos Advérbios**SEÇÃO I. O PROBLEMA SINTÁTICO**

232. O problema sintático geral dos Advérbios veio-se expondo empiricamente ao longo do Capítulo anterior, do primeiro Capítulo e do Intróito. Quiçá quem melhor traduziu esses problemas em uma indagação teórica clara foi Travis (1988). São as seguintes as questões que se formulou em tal trabalho:

- a) Como se legitimam os Advérbios?
- b) Porque os Advérbios verdadeiros gozam de uma liberdade de ordem maior do que os Pseudo-Advérbios?
- c) Porque a interpretação de alguns Advérbios varia de acordo com sua posição?
- d) Porque os Advérbios se podem incluir dentro dos Sintagmas Verbais se não são acessórios do verbo?
- e) Porque a ordenação relativa dos Advérbios é restrita?

233. Todas essas questões subjazem os dados apresentados no Intróito e no Primeiro Capítulo. Aliás, subjazem a todo e qualquer trabalho atual a cerca dos Advérbios, malgrado nem todos formularem-nas nos mesmos termos ou sob a mesma interpretação do fenômeno. O Minimalismo, contudo, estrategicamente preferiu reabordar o problema de um modo mais simples, ou seja, começando por questões bem mais simples e específicas. Essas questões já apareceram antes em trabalhos que se poderiam rotular como pré-minimalistas. Explicitem-se essas questões mais simples e específicas e o modo como foram tratadas em trabalhos pré-minimalistas.

234. Considerem-se os modelos de frases a seguir já apresentados na seção anterior:

- a) Inglês: *S + V + Advérbio + O
- b) Francês: *S + Advérbio + V + O
- c) Inglês: S + Advérbio + V + O
- d) Francês: S + V + Advérbio + O

235. Stowell (1981) chegou a propor que houvesse um requisito de contiguidade, isto é, a condição da adjacência para haver a atribuição de caso, de modo que o atribuidor e o recebedor não poderiam vir separados um do outro por um terceiro elemento. Na verdade, o requisito (ou condição da adjacência) foi empiricamente justificado pelo comportamento dos Advérbios e não propriamente elaborado para explicá-lo.

236. Diz Stowell (1981):

- a) (...) *O componente das regras categóricas não existe e seus efeitos empíricos capitais podem-se inferir a partir de outros da gramática. Particularmente supõe-se a atribuição de caso sintático observar o requisito da adjacência a qual desempenha um papel importante na determinação linear de certas combinações de complementos subcategorizados. Tal requisito interage com um princípio que impede certas categorias sintáticas de receberem caso para inferir um número de propriedades complexas associadas a uma variedade de estruturas de subordinadas. (...)*
- b) *Em uma configuração [α β ...] ou [β α ...] α atribui caso a β se:*
 - i) α *reger* β ;
 - ii) α *adjazer* β ;
 - iii) α *for* [-N].
- c) *O fato de o N'' dever aparecer adjacente ao verbo regente agora segue a interação do critério de atribuição temática(16) e condição(15)⁴⁶ à mesma com o requisito da adjacência(bii)⁴⁷. (...)*
- d) *A instância exata do requisito da adjacência varia um tanto de Língua para outra. Em Inglês o requisito interpreta-se bem estritamente de modo que um Advérbio de modo intrometido é suficiente para contrariá-lo:*
 - i) *Paul quickly opened the door.*
[O Paulo abriu rapidamente a porta.]
 - ii) *Paul opened the door quickly.*
 - iii) **Paul opened quickly the door.*
- e) *Em Italiano, entretanto, as frases correspondentes à iii)⁴⁸ são gramaticais:*
 - i) *Mario ha letto attentamente un libro.*
[O Mário leu atentamente um livro.]

237. Como se vê o problema da ordem dos Advérbios já fora enunciado em Stowell (1981), mas como uma restrição ao seu requisito da adjacência e não como um fenômeno ligado à condição do menor elo a qual, aliás, ainda não existia. Nessa etapa da teoria da regência e da ligação não parecia haver um modo eficaz de se parametrizar a adjacência se verdadeiro fosse o dito requisito. Em termos do Minimalismo atual poder-se-ia dizer que toda relação de atribuição de caso tem de ser mais ou menos íntima. Entretanto, Chomsky (1995) diz que:

⁴⁶ Segundo a numeração de Stowell(1981).

⁴⁷ Segundo a numeração do presente trabalho.

⁴⁸ Segundo a numeração do presente trabalho.

- a) *a abordagem geral é problemática para os pressupostos minimalistas. O modelo não comporta a condição da adjacência.*

238. À proposta Pollock em um artigo de 1989 propôs uma alternativa diferente, relacionando riqueza morfológica como papéis- θ . Diz Pollock(1989):

- a) *(...) Elas [as diferenças entre o Inglês e o Francês] deduzem-se (...) de um parâmetro abstrato que tem a ver com (...) a “opacidade” ou “transparência” da concordância em Francês e Inglês (Moderno).*
- b) *(...) a Flexão não se deve considerar como um constituinte com dois traços diferentes ([$\pm$ Tempo, $\pm$ Concordância]) (...), ao invés disso cada um desses traços é núcleo de uma expansão máxima, AGR” e (...) T”. (...) Tanto Francês quanto Inglês tem uma expansão máxima Neg”. Cada uma dessas tais expansões máximas mostrar-se-á uma barreira potencial para certos tipos de movimentos. (...) O Princípio das Categorias Ocultas (especialmente a Restrição ao Movimento do Núcleo de Chomsky (1986a, seção 11), a teoria θ e a da quantificação dispõem de todas ferramentas necessárias para o entendimento dos casos do cerne da sintaxe dos (...) Advérbios (...) nas duas Línguas estudadas. Os maiores idiotismos do Inglês provar-se-ão advindos da “opacidade” de sua concordância e de sua estrutura oracional. O Princípio das Categorias Ocultas, a teoria da quantificação e a θ não estão abertos à variação paramétrica e parecem virtualmente exigir que uma Língua com estas propriedades desenvolva um verbo auxiliar como o inglês “do” com todas as suas características específicas. (...)uma vez que o movimento do Verbo em infinitivos nunca é obrigatório, encontraremos seqüências bem formadas do tipo Adv + V + N” (...) que nunca emergem em orações finitas por que nelas se efetua obrigatoriamente o movimento do Verbo. (...)*
- c) *(...) Continuando-se a supor que não há regras de movimento de Advérbio, o processo (...) é facilmente balizado. Se os Advérbios nascem (...) em posição inicial do Sintagma Verbal, então deve haver uma regra (...) movendo o Verbo a uma posição intermediária antes do Advérbio negativo “pas”. Se nascem no final do Sintagma Verbal podemos obter a ordem dos elementos (...) através de uma [outra] regra movendo o objeto à direita(...).*

Há provas de que ambos processos existam em Francês. Primeiramente, uns Advérbios como “à peine” e “presque” ocorrem só em posição inicial dentro do V”, como mostram a agramaticalidade de:

- i) **Jean comprend la question presque.*

[O João quase entende a questão.]

ii) **Jean lit les journaux à peine.*

[O João lê os jornais com dificuldade.]

d) *Há também Advérbios como “hier”, “aujourd’hui” e “demain” que nunca ocorrem no início do V”:*

i) **Jean pensait demain rencontrer son patron à la Sorbonne.*

ii) *Jean pensait recontrer son patron à la Sorbonne demain.*

[O João pensava encontrar seu orientador na Sorbona amanhã].

e) *(...) Então os infinitivos em Francês (...) às vezes se (...) analisam como envolvendo uma regra de movimento do Verbo a uma posição entre (...) “pas” [ou seu correspondente afirmativo] e o Advérbio em posição inicial dentro do V”. Chama-se este de movimento “curto” do Verbo.*

f) *(...) Tivesse o Inglês também um movimento curto do Verbo sem restrições, [as duas] frases [a seguir] (...) seriam bem formadas e claramente não o são. Parece que o Inglês tem uma versão lexicalmente restrita de movimento curto:*

i) **To speak Italian hardly after years of hard work means you have no gift for languages.*

[Para tu falares Italiano com dificuldade depois de anos de esforço é que não tens dom para as Línguas].

ii) **To look often sad during one’s honeymoon is rare.*

[Parecer sempre triste na lua-de-mel de alguém é raro].

g) *Claramente se tomarmos a posição para a qual o movimento curto joga os Verbos como um núcleo diferente da Flexão e próximo ao Verbo (...) suporemos que o movimento curto é um do Verbo ao AGR” (...) a distinguir-se de Tempo que é o núcleo do que se veio chamando de Flexão.*

h) *(...) Observe-se que se pudermos arrumar uma explicação por que o passo (a) [do Verbo a AGRº] se restringe em Inglês (Moderno) a “have” e “be”, a restrição ao movimento do núcleo explicará porque só esses dois Verbos podem ir para Infl(=Tempo). Igualmente, a restrição ao movimento do núcleo explicará porque é livre o movimento do Verbo ao Tempo se pudermos arrumar uma explicação de porque o passo (a) não é lexicalmente restrito.*

i) *(...) Mais precisamente, suponhamos que em Inglês o AGR, ao contrário do em Francês, não é morfologicamente rico o bastante para permitir a transmissão dos papéis-θ do Verbo, em outras palavras, é “opaco” à atribuição de papel temático, diferente do*

AGR Francês que em sendo morfológicamente mais rico é transparente à atribuição dos papéis- θ .

- j) (...) *Um modo de se executar tal idéia é dizer que quando AGR é opaco, a grelha temática do Verbo não pode percolar à AGR. Como consequência, o infimo da cadeia, o vestígio dos amalgamados AGR+V não tem nenhuma grelha- θ para atribuir, violando assim o critério de atribuição temática.*
- k) *Para explicarmos as restrições do movimento de AGR para T em infinitivos franceses (...), precisamos somente supor que o Tempo infinitivo é opaco à atribuição de papéis- θ (...): estes movimentos também serão violações do critério de atribuição temática.*

239. A explicação de Pollock (1989) não se pode aproveitar brutaemente hoje em dia. Há de lapidar algumas de suas colocações e aproveitá-las de modo reinterpretado à luz do Minimalismo. Deveras, várias suposições hoje estão totalmente derrubadas, como a idéia de que pode haver um adjunto à direita ou à esquerda conforme um parâmetro outrora pensado de ordenação do núcleo. A riqueza morfológica terá a ver com a conferição de traços e não com papéis- θ que não são traços de espécie nenhuma.
240. Apesar de importantes e interessantes, os trabalhos de Pollock e Stowell não parecem ser os que mais influenciaram pesquisadores em anos recentes. A influência parece ser maior de Travis (1988) que vem figurando religiosamente em toda bibliografia dos trabalhos recentes a cerca dos Advérbios.
241. Travis (1988) ocupou-se com a legitimação dos Advérbios esperando com isso resolver questões da ordem dos Advérbios, questões que ela colocou como de distribuição. Sua proposta foi de que a legitimação dos Advérbios se faz por um traço do núcleo. Tal idéia se concebeu dentro de uma perspectiva pré-minimalista, quando se trabalhava com a regra de afetar- α que seria mais geral do que mover- α . Entretanto, a idéia de legitimação dos Advérbios por um traço nuclear continua extremamente atual e válida, visto que se insere na teoria da verificação, se não for a semente desta.
242. A proposta de Travis é de que os Advérbios não são expansões máximas⁴⁹ e que não são legitimados nem por atribuição temática nem por predicação mas por um traço do núcleo. Essa proposta é em parte inaceitável, em parte correta. Este trabalho concorda com Travis (1988) nas observações feitas, entre estas a de que os Sintagmas Preposicionados e outros Pseudo-Advérbios se comportam de maneira bem diferente dos Sintagmas Adverbiais verdadeiros. Entretanto, não há razões empíricas para se dizer que se trate de uma categoria que não se expande, como se viu anteriormente no primeiro capítulo. Além do mais, dentro do Minimalismo não há teoricamente nenhuma categoria que seja inerentemente máxima ou mínima, qualquer categoria se expande desde

⁴⁹ Diz o artigo: ... esta incapacidade de tomarem complementos indica que de fato os Advérbios não podem expandir-se para uma categoria sintagmática. Antes, permanecem simplesmente núcleos.

que efetuadas certas operações. A idéia de que haja legitimação por um traço nuclear no Minimalismo será das mais básicas e aceitas, embora pelo anos oitenta pudesse para alguns parecer uma excepcionalidade ou coisa mui extraordinária. Por essas e outras considerações, o Minimalismo retomou o caminho apontado por Stowell e Pollock, nadando na contramão das correntes de estudo dos Advérbios. Os autores que recolocaram o problema em termos mais básicos foram Chomsky e Abe.

SEÇÃO II. DO REQUISITO DA ADJACÊNCIA À L-RELAÇÃO

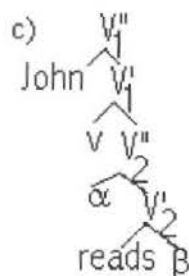
243. Chomsky (1993 & 95)⁵⁰ refez a explicação de Stowell (1981) em termos da condição do menor elo.
244. Para Chomsky um Advérbio como adjunto de V" em
- a) $v''[V_1 v''[V''[Adv'' V''[t_1 D'']]]]$
 estorvaria o movimento de D" para v".
245. Chomsky considera o Advérbio nesse contexto um acessório do Verbo, um elemento L-relacionado. O conceito de L-relação em Chomsky(1993) definia-se assim:
- a) Uma posição se L-relaciona a outra que tenha traço L se tiver com ela um relacionamento bem íntimo e esteja dentro do campo de conferição do núcleo dela.
246. A condição do menor elo dependia dessa L-relação, ou seja, em um caso como este a vez na fila seria do elemento L-relacionado que estivesse acima do objeto. O objeto do Verbo teria de esperar a vez do Advérbio subir, para depois subir e receber o caso acusativo. Sem se conferir o traço de caso do objeto a derivação colide. Ora, como o Advérbio não precisa subir, não subirá e o objeto ficará para sempre no mesmo lugar sem poder conferir seu traço de caso, o que causará a colisão. A subida do Verbo não criará um campo mínimo de um tamanho suficiente para superar essa restrição imposta pela condição do menor elo.
247. Chomsky enceta suas colocações ponderando que estruturas do tipo em que há um advérbio se poderiam derivar tanto por casamento quanto por movimento. A segunda possibilidade já se descarta pelo princípio da gana, visto que os Advérbios não lhe parecem ter nenhuma propriedade morfológica que requeira movimento. Há evidências empíricas de que também não formam cadeias. Deste modo, não se deduz que um advérbio em posição pré-I" advenha de outra posição mais baixa. A única opção, pois, é para ele o casamento.

⁵⁰ O trecho em que Chomsky comenta tais fatos apareceu antes em *Bare Phrase Structure*. Depois foi totalmente incorporado a Chomsky (1995) com poucas modificações.

248. Chomsky então toma o exemplo de *often* que discutivelmente pode ser um Advérbio. Siga-se o seu raciocínio. Supondo-se que *often* aparece em uma posição mais alta que o objeto do Verbo, a estrutura “subjacente” a umas frases como:

- a) *John reads often books
O João lê sempre livros
- b) John reads often to his children.
O João lê sempre para os seus filhos.

será:



Aqui V''_1 e V'_1 são expansões do Exo-verbo v e V''_2 e V'_2 são de *read*.

249. Suponha-se que α seja o (por Chomsky considerado) Advérbio *often*. Se $\beta = to\ the\ children$ então para Chomsky não há problema, pois supõe que o N'' receba caso dentro do P'' . Mas se $\beta = the\ books$ a derivação colidirá. Segundo Chomsky, o *books* não pode subir ao especificador de AGR para conferir o caso por causa do α intrometido. A violação da minimidade relativa não se pode superar pela subida de V , porque não criará um campo mínimo de tamanho suficiente, como já se disse.

250. Existem outras questões que o próprio Chomsky (1995) menciona e deixa de lado sem resposta. A maioria delas faz sentido somente dentro da reflexão que faz tomando-se os pressupostos sobre os Advérbios que ele tomou. A principal delas para o presente trabalho que ficou sem resposta na verdade de duas se consiste:

- a) Em que se baseiam as diferenças entre o Inglês e o Francês?
- b) Podem-se resumir essas diferenças ao alçamento do verbo?

251. O mérito da análise chomskyana até aqui é tentar re-explicar um problema anteriormente colocado em termos da condição de adjacência, condição esta que não tem lugar no programa minimalista. Os fenômenos por ela explicados bem se podem explicar de outro modo.

252. Tentar responder as duas questões supraditas é o que fez Abe (1994). Passe-se às suas propostas.

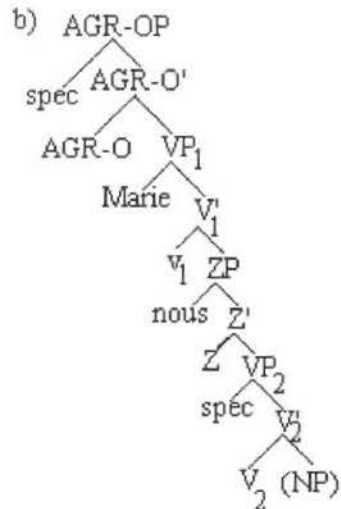
SEÇÃO III. A ANÁLISE DE ABE

253. Não obstante, a análise de Chomsky prediria incorretamente que em Francês igualmente as seqüências $V + Adv + O$ são agramaticais. Para tentar explicar essas diferenças entre o Francês e o

Inglês, Abe propôs a existência de um terceiro constituinte entre V e v que chamou de Z, um nome provisório e/ou alcatório para um Sintagma Clítico⁵¹. Abe faz a seguinte representação para uma frase como:

a) Marie nous connait.

antes da subida do Verbo:



254. Havendo a subida do Verbo ao núcleo de Z" os especificadores de V₂" e Z" tornam-se equidistantes do objeto. Daí o objeto poderia contornar o Advérbio e ir mais longe para se adjungir a AGR_O".
255. Meio obscura é a natureza desse Z". Abe propô-lo em reação às propostas tanto de Kayne (1975) quanto de Jaegli (1982) e Borer (1984). Segundo Abe, tal estrutura explica construções com duplo objeto ou dupla sínclise, fenômeno de Línguas como o Romeno e o Espanhol e de certos registros do Português⁵², além das proclíticas do Francês. Para ele, os clíticos franceses geram-se como adjuntos de Z" e este Z" é parte da casca larsoniana do predicado em Francês, de modo que lá o clítico recebe papel temático. Tal proposta contraria quase tudo o que está na literatura recente sobre clíticos e isso parece o maior problema dela, se for um problema. Contudo, não cabe aqui fazer-se uma digressão a respeito da discussão dos clíticos.
256. Abe de Pollock (1989) também discorda ao explicar a ocorrência dos Advérbios entre o sujeito e o predicado em Inglês, contrastando-a com a impossibilidade de ocorrer a mesma ordem em Francês. Argumenta que mesmo em se mantendo a análise pollockiana de alçamento do verbo esta não poderá

⁵¹ Para abordagens diferentes da de Abe, ver entre outros: Rouveret (1989), Pagoto (1993), Cyrino (1993), Moraes (1993) e Nunes (1993).

⁵² A dupla sínclise por muitos é encarada como forma inculta e por outros tantos como arcaizante. Um exemplo de construções assim é a famosa frase que aparece na tradução da Bíblia feita por João Ferreira de Almeida: "que te conheçam a ti".

explicar as diferenças entre essas duas Línguas. Segundo Pollock, o Advérbio nunca antecede o Verbo por que este sobe a AGR°. Entretanto, o verbo não sobe ao mesmo sítio em Inglês, daí antes do Verbo poder aparecer o Advérbio. Abe diz que os Advérbios neste contexto são Advérbios de Frase e estes geram-se fora do predicado, ou em T'' ou em AGR'', o que nada oporia à ocorrência de um Advérbio entre o Sujeito e o Verbo. Note-se que quando uma frase tem um Auxiliar em Inglês o Advérbio Frásico pode precedê-lo, ao contrário de um Advérbio de Verbo:

- a) *John completely has lost his mind. (julgamento do autor)
- b) John probably has made several mistakes.

257. Para Abe, Pollock não discute em detalhes as diferenças entre Advérbios de Frase e de Verbo, ainda que *en passant* as observe⁵³. O fato dos Advérbios de Verbo não ocorrerem antes do Auxiliar não explica o porquê de nem os Advérbios de Frase ocorrerem antes do Verbo em Francês.

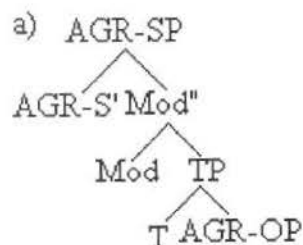
258. Então Abe recorre a Watanabe (1993), adotando a idéia de que a inteligibilidade do complexo Aux-AGR-T à Forma Lógica é opcional. Quando se opta pela ininteligibilidade à Forma Lógica acontece um movimento explícito para AGR_s e cunham-se frases como:

- a) George has probably read the book.

259. Por outro lado, quando este mesmo complexo é inteligível às operações que levam à Forma Lógica, o princípio da procrastinação estorva o movimento explícito do complexo Aux-AGR-T para AGR_s, dando frases como:

- a) George probably has read the book.

260. A análise de Watanabe difere em muito das análises de Chomsky nos seus últimos textos, principalmente no que tange às suas reflexões sobre o princípio alargado das expansões. Abe está ciente disso e prefere estrategicamente ignorar esses conflitos. Daí postulará a existência de um Mod'' acima do T'' para os modais em Inglês. Os Verbos Auxiliares do Inglês sobem para Mod° se lá não houver nenhum Modal. Os modais franceses, segundo Abe, geram-se em T° e só se não houver um Modal em T° os Verbos franceses sobem para T°. A representação de Abe para isso é estranha:



⁵³ Como se verá mais a seguir, Pollock estava correto ao desconsiderar essas classes de Advérbios.

261. O Modal permite um Advérbio como adjunto dentro do seu domínio que é também seu próprio Sintagma. Aliás, pode-se alargar o campo do modal se T sobe para AGRs com o Modal. Em sendo isso verdade, poder-se-ia representar uma dupla de pares de frases deste modo (na notação de Abe):
- a) $[_{AGR-SP} \text{ George } [_{AGR-S'} \text{ probably } [_{AGR-S'} \text{ has}_i [_{ModP} \text{ t}'''_1 [_{TP} \text{ t}''_1 [_{AGR-OP} \text{ t}'_1 [_{VP} \text{ t}_1 \text{ read the book}]]]]]]]$
 - b) $[_{AGR-SP} \text{ George } [_{AGR-S'} \text{ has}_i [_{ModP} \text{ probably } [_{Mod'} \text{ t}'''_1 [_{TP} \text{ t}''_1 [_{AGR-OP} \text{ t}'_1 [_{VP} \text{ t}_1 \text{ read the book}]]]]]]]$
 - c) $*[_{AGR-SP} \text{ Jean } [_{AGR-S'} \text{ probablement } [_{AGR-S'} \text{ aime}_i [_{TP} \text{ t}''_1 [_{AGR-OP} \text{ t}'_1 [_{VP} \text{ t}_1 \text{ la linguistique}]]]]]]]$
 - d) $[_{AGR-SP} \text{ Jean } [_{AGR-S'} \text{ aime}_i [_{TP} \text{ probablement } [_{T'} \text{ t}''_1 [_{AGR-OP} \text{ t}'_1 [_{VP} \text{ t}_1 \text{ la linguistique}]]]]]]]$
262. Portanto, resume-se a análise de Abe a saber
- a) se uma Língua terá ou não um Mod'' para os Modais
 - b) e se terá ou não um Z'' para os Clíticos.
263. Isso implicaria dizer que o Português têm ambos o que permitiria todas as possibilidades que das outras duas Línguas se excluem. Já há, pois, uma explicação para o Português. Tal explicação poderá não bastar, contudo, dadas as restrições possíveis à mesma.
264. Agora requer-se uma crítica de cada uma dessas duas propostas, já apresentadas as mesmas.

SEÇÃO IV. CRÍTICAS POSSÍVEIS

Subseção 1. O Item de *Bare Phrase Structure* Repetido em Chomsky (1995)

265. Viram-se na seção anterior soluções recentemente propostas por dois autores para o problema das diversas ordens nas Línguas. Elas reformulam questões trazidas na década de oitenta sob um outro prisma.
266. Doravante esta tese implicará puramente uma questão de satisfação. Se calharem as explicações acima são elas que valem e não há o que se discutir mais. Se, entretanto, houver um leitor que não se satisfaça com elas, a tese não terá acabado na seção anterior, antes terá apenas se iniciado após bastante elaboração. Havendo também quem se satisfaça com as soluções anteriores e mesmo assim queira ouvir outra opinião, então este alguém considerará que já leu a metade da tese. Esses dois últimos tipos de leitores encontrarão nessa seção e nos outros capítulos o que, senão for tranquilo, será uma polêmica interessante. Passe-se às críticas possíveis.
267. Uma das soluções apresentadas, ou seja, a de Chomsky dizia que a impossibilidade de uma sequência V+ Adv + Obj em Inglês se deve ao fato de que o Advérbio estorva o caminho do objeto

até o Exo-verbo. Segundo tal explicação, a presença do Advérbio faz com que o movimento do D^{objeto} ao v viole a condição do menor elo. Existem várias objeções possíveis a tal explicação:

- a) Chomsky tenta explicar a impossibilidade de uma estrutura “subjacente” V+ Adv +O, mas a evidência empírica para tal postulação não é “subjacente” mas “superficial”, de forma que a explicação ora parece falar dos Cômputos Iniciais ora da forma final ouvida;
- b) toma como Advérbios categorias que não o são;
- c) calca-se sobre o conceito de L-relação que não parece estar mais vigorando para explicar a condição do menor elo;
- d) o fato de não se poder colocar um Advérbio como adjunto do Verbo no Cômputo Inicial prediz incorretamente que a ordem V+Obj+Adv também é agramatical em Inglês;
- e) a vez na fila não é do Advérbio, portanto, a condição do menor elo de fato não se viola;
- f) não há uma explicação para o fato de que aos objetos longos Advérbios possam prepor-se;
- g) não explica fatos de outras Línguas cujos Advérbios se comportam diferentemente, tal qual o Francês;
- h) considera ainda como existente os AGR’s que mais tarde terá de descartar.

268. Todas essas objeções se amarram num mesmo fio de raciocínio. Pode-se encará-las como partes ou facetas de uma única e só grande objeção.

269. Expendam-se tais objeções. Em primeiro lugar, entenda-se o que ocorreria com um Cômputo Inicial como a mencionada. Veja-se o que resultaria de uma provável transformação:

- a) $V''[ADV'' V'[V^{\circ} D'']]$
- b) $V''[ADV'' V'[V_m^{\circ} D_k'']] \Rightarrow v''[D_k'' V'[V_m^{\circ} v^{\circ}[V''[ADV'' V'[t_m [t_k]]]]]]$

O Cômputo Inicial em (a) sofrendo a transformação em seguida causa a estrutura cuja ordem linear é

- c) V+O+Adv.

270. De forma que, pela explicação de que o Advérbio estorva o movimento do Objeto porque tal movimento viola a condição do menor elo, não só a ordem V+Adv+O seria impossível em Inglês, mas também V+O+Adv. Ocorre que esta última é perfeitamente possível.

271. De fato, Chomsky ao propor tal solução diz apenas que a ordem V+O+Adv não pode advir de uma outra “subjacente” V+Adv+O. Mas, não explica como se produz a ordem V+O+Adv.

272. Um as outras objeções são mais complicadas. Tenha-se em mente a condição do menor elo. Eis uma das várias definições possíveis da condição do menor elo:

- a) α c-comandando β e podendo conferir-lhe os traços, atraí-o a si, a menos que entre ambos haja um ζ móvel que c-comande β e cujos traços α possa conferir igualmente.
273. Essa é a concepção atual defendida pelo próprio Chomsky que em nada tem a ver com a velha na qual desempenhava grande papel o conceito de L-relação. O conceito de L-relação não parece ser mais importante na fase atual do modelo. A condição do menor elo não mais se define por termos L-relacionados.
274. Chomsky diz que os Advérbios não têm traços que precisem ser conferidos. Na verdade, viu-se no primeiro Capítulo que os Advérbios são conferidores de traços, mas não se disse ainda se são uma categoria cujos traços careçam de conferição. Em qualquer caso, para Chomsky o Advérbio será sempre imóvel, inserido por casamento e nunca movimento. Ora, se é imóvel, há de funcionar como um vestígio, isto é, não impedirá o movimento de outra categoria mais abaixo. Ele não está chegado a nenhuma categoria mais alta, porque nenhuma delas pode atraí-lo. Assim, ele não entra na fila dos termos a subirem, portanto, não toma a vez do objeto da frase. Assim, o movimento do D'' não viola a condição do menor elo.
275. Ainda que fosse isso um fato, isto é, que o Advérbio estorvasse a subida do Objeto para spec de v'', o fato do objeto ser longo não resolveria o problema. A condição do menor elo nada tem de ver com a extensão dos Sintagmas. Logo, a ordem Adv + O_{longo} deveria ser impossível e não o é. Se se estipulasse arbitrariamente que os objetos mais extensos não têm traços a serem conferidos e por isso não precisam subir, decorreria que a ordem O_{longo} + Adv seria impossível, enquanto que de fato não o é. Se se dissesse que os D''s extensos podem subir ou não ou que às vezes sobem e às vezes não sobem, estaria descartando-se uma das idéias centrais do Minimalismo que é de que uma operação só se efetua se obrigatória.
276. O mais grave da análise de Chomsky é deliberadamente chamar de Advérbios coisas que não o são (conforme já se explicou em outro Capítulo) laborando em uma inconsistência grave com todo o modelo proposto por ele mesmo e desenvolvido pelos gerativistas ao longo das décadas. Chomsky passa linhas e linhas explicando como se dão as expansões e de porque o Sintagma é da mesma natureza que seu núcleo e ao fim comete uma incoerência dessas⁵⁴.
277. Os leitores ficam ao fim de Chomsky (1995) com pelo menos duas dúvidas:
- a) o fim da categoria AGR altera em alguma coisa suas considerações sobre os Advérbios?
- b) o que é que a condição do menor elo terá de ver com o fato do objeto do verbo ser longo ou breve?

⁵⁴ Chomsky chega mesmo a dizer que *every day* e *last night* são Sintagmas Adverbiais. Ver essa afirmação na página 330 antes do exemplo (142), quarto capítulo de sua obra de 1995.

278. A questão da diferença entre o Francês e o Inglês é mencionada por Chomsky de passagem, mas explicitamente ele decide não a abordar.
279. Aliás, no raciocínio de Chomsky algo mais escapa: diz que *to the children* pode ser o objeto do Verbo *read*. Isso não é nada tranquilo nem claro.

Subseção 2. Os Problemas da Análise de Abe

280. Abe tentou resolver o problema da penúltima objeção:
- a) não explica fatos de outras Línguas cujos Advérbios se comportam diferentemente, tal qual o Francês.
- mas sua solução é igualmente problemática. Em parte por multiplicar categorias. Isso, todavia, não será muito mal, visto que o número de categorias propostas parece não bastar para explicar os fenômenos do mundo.
281. Enumerem-se algumas críticas que faz o trabalho presente à análise de Abe:
- a) Abe postula a existência de uma categoria entre o Verbo e o Exo-verbo, cortando a relação direta e íntima entre ambos;
 - b) sua explicação depende da existência de AGR's, coisa já descartada no atual Minimalismo;
 - c) supõe que existam Modais em Francês quando normalmente se pensa que não há esse tipo de categoria ou subcategoria em Francês;
 - d) coloca um Mod como gerado já abaixo de T° em Francês, a representação de um Mod dominado por um T° aparenta violar o princípio da endocentricidade;
 - e) mistura conceitos diferentes e conflitantes de diversos autores e de fases diferentes da teoria gerativa;
 - f) adota a visão chomskyana de que os Advérbios não precisem mover-se por não terem traços a conferirem-se, mas paradoxalmente admite que a presença deles num lugar ou não depende de ser um campo conferidor que os admita;
 - g) não explica por que tem de ser o Modal quem permite a presença de um Advérbio e não outra categoria;
 - h) não explica o caso dos objetos longos.
282. O pior da explicação de Abe pode ser a postulação de um Z'' entre o V'' e o v'', quando a idéia é de que na casca larsoniana não haja nada entre o Verbo e o Exo-verbo, de modo que a relação entre ambos seja direta e a mais íntima.
283. Toda a explicação dele depende em grande de haver AGR_s'' e AGR_o'' para o cálculo das equidistância. Todavia, já se reconhece que a Concordância não é uma categoria e sim uma relação. O

sistema de dupla de especificadores, isto é, a idéia de que cada Sintagma pode ter até dois especificadores parece já estar embutido em seus cálculos.

284. Não parece o Francês ter Modais propriamente ditos. O Francês parece ter Verbos Auxiliares (como os que há no Português) que são algo bem diferente dos Modais. Abe não diz que elementos são esses Modais. De qualquer modo, se um Modal é algo distinto do Tempo e dos Verbos Auxiliares, então não poderá ser o núcleo do Sintagma Temporal e se for o núcleo do Sintagma Temporal em Francês, então o Francês não terá uma categoria Modal, mas sim algum tipo de elemento pertencente à categoria Tempo. Nessa última hipótese, o Modal em Francês não será a mesma categoria que a em Inglês o que volta ao ponto zero: não há Modais em Francês.
285. Abe diz que é preciso haver determinada configuração de verificação para casar-se o Advérbio com outra categoria. Ora, o que está implícito nisso é que se pode conferir os traços de uma categoria por casamento. Quiçá essa idéia não se deseje dentro de um modelo minimalista. Há evidências empíricas de que o movimento faz parte do sistema e a explicação de porque há movimento consiste justamente na carência das categorias de conferirem seus traços. Se o casamento bastar para se conferirem traços, então poder-se-ia dispensar o movimento e já se gerarem as categorias nos sítios capazes de conferir todos os seus traços, coisa anti-empírica e indesejável.
286. Bem, poder-se-ia argumentar que isso dito não constitui uma grande crítica. Afinal Abe fala em “permitir” a presença de Advérbios, não necessariamente “conferir” estes. Ocorre que em se tratando de casamento a história é outra. Podem-se casar livremente categorias. Depois é que os conjuntos de derivações atuarão e mostrarão se as opções feitas estavam corretas. As opções erradas ou causam a colisão ou não deixam a derivação se completar. Então, qualquer explicação de porque os Advérbios não se casam em determinados lugares tem de enumerar que catástrofes esse casamento pode causar às derivações. Ou seja, não são os movimentos que permitem onde pode haver casamento, mas os casamentos que determinam ou não os movimentos e aonde se moverão as categorias.
287. Se se partisse dos pressupostos dele de que há um Mod” em Inglês e não em Francês, o lógico seria explicar não por que um determinado alçamento ao AGR° permite o casamento do Advérbio com o T ou o M ou o AGR, mas porque a presença de um Advérbio estorvaria a subida de um elemento ao núcleo do Sintagma de Concordância ou outra posição dentro deste.
288. Agora, se se considerasse que tudo é do jeito descrito por ele fica uma pergunta:
 - a) por que os Modais e não outras categorias é que permitiriam a presença de Advérbios?
289. Ademais, a solução por ele apresentada não soluciona o caso dos Advérbios antepostos a um objeto longo.
290. Essas foram algumas críticas à abordagem minimalista recente dos Advérbios.

Antepenúltimo Capítulo

Os Contornos Gerais de uma Teoria da Frase

SEÇÃO I. ALGUNS PRELIMINARES

291. Esta parte do trabalho traz elementos preliminares de natureza sintática que aliados aos do primeiro capítulo servirão na resolução do problema. O Capítulo seguinte tratará especificamente da estrutura dos Advérbios nas frases. Esse tratará da frase portuguesa e das francesa e inglesa de um modo geral.
292. A primeira metade desses elementos são desenvolvimentos e recolocações da teoria minimalista que se tornam necessários se se levam os pressupostos e afirmações teóricas do Minimalismo às últimas consequências.
293. A segunda são asserções gerais a respeito da realidade frásica das três Línguas focadas.
294. Portanto, a seção a seguir é, por assim dizer, mais de natureza teórica e a posterior mais empírica.

SEÇÃO II. A TEORIA DAS CASCAS GENERALIZADA

295. Antes de se abordar a questão da posição dos Advérbios na frase, tem-se de fazer três perguntas a respeito da estrutura sintagmática das Línguas:
 - a) onde se encontrarão as categorias casadas?
 - b) aonde irão os elementos movidos?
 - c) quais categorias estão no esqueleto funcional e são envolvidas no processo?
296. As duas primeiras se respondem por meio de uma breve exposição a respeito de quais posições criam os movimentos e a última com algo que será uma generalização das cascas larsonianas.
297. Podem-se casar dois elementos e se se toma o final como núcleo a expandir-se, o primeiro será o adjunto do Sintagma. Entretanto, não existe somente adjunção por casamento, há uma adjunção que será um movimento. Um primeiro movimento de adjunção cria somente uma estrutura do tipo $X''[\text{spec } X'[\text{adjunto } X']]$, sendo o especificador sempre mais alto do que qualquer adjunto anteriormente casado. Uma segunda adjunção introduz outro especificador mais alto, porque todo movimento de adjunção sempre causa uma expansão, criando uma nova $X''[\text{spec}_2 X'[\text{spec}_1 X'[\text{adjunto } X'[X^\circ]]]]$, sendo o segundo elemento movido o especificador mais alto. Destarte, o primeiro elemento movido é sempre o especificador mais baixo e o segundo o mais alto.

298. Agora pense-se quais são as categorias embutidas no esqueleto funcional. Se é verdade que há um Verbo (V) e um Exo-verbo (v) por que não se supor que haja um Tempo (T) e um Exo-tempo (τ)? Desenvolver-se-á tal tópico.

299. Chomsky (1995) propõe acabar-se com os constituintes AGR_s e AGR_o . Esta proposta seguir-se-á aqui, tomando a concordância não como uma categoria mas como uma relação. Todavia, por razões empíricas há aqui de inicial e provisoriamente se postular a distinção entre duas categorias: Tempo e Aspecto. Pelo menos a uma língua como o Português será verdade que ambas categorias ou sejam mui diversas ou pareçam sê-lo. Não parece evidente tal fato de cara. Isso porque é difícil segmentar-se em Português quais formas designam pessoa e número e quais as que designam tempo e aspecto. O Tempo é capaz de conferir o traço temporal do verbo e bem pronto atribuir caso nominativo ao sujeito e fazer o verbo concordar com o sujeito. Nesse caso, é de se esperar a empiricamente observada pouca distinção entre a desinência número-pessoal e a temporal. O aspecto, entretanto, não é assim tão distinto do tempo. Tomem-se os exemplos das conjugações:

- a) compraras
- b) compravas
- c) comprasses⁵⁵

300. Nesses exemplos os diferentes aspectos manifestam-se em diferentes morfemas, como é o caso nítido de *v* para o imperfeito do indicativo e *r* para o mais que perfeito. Mas neles ambos aparentemente já há a idéia de pretérito que não se expressa pelo *s* que aparentemente é a marca da segunda pessoa apenas. O que se proporá aqui é que na morfologia verbal portuguesa existem três sufixos que vem na seguinte ordem:

- a) aspecto + pessoa + tempo + número.

301. Eis que uma forma como *comprastes* se analisa assim:

- a) $\{koNpra\}$ [raiz e vogal temática] + $\{stis\}$
[kôpra] [sts]

sendo *stes* constituído de:

- b) $\{\emptyset\}$ [aspecto perfeito] + $\{s\}$ [segunda pessoa] + $\{te\}$ [tempo pretérito] + $\{s\}$ [número plural].
[s] [t] [s].

⁵⁵ Aqui provisoriamente se está usando a representação ortográfica. É claro que, todavia, não se está advogando que a forma ortográfica seja a morfológica, coisa absurda de se pensar. Para os presentes propósitos transcrições fonéticas aproximadas e representações morfológicas virão logo a seguir e bastará, não sendo necessárias nem uma representação fonológica nem uma transcrição fonética mais detalhada.

O mesmo para *comprara* ({koNprara}, [kõp◌a◌a]) e *compraram* ({koNpraraN}, [kõp◌a◌a◌◌]), cuja mesma raiz seguida da vogal temática *compra* ({koNpra}, [kõp◌a]) vem acrescida de:

- c) {ra}[aspecto mais que perfeito]⁺ {Ø}[terceira pessoa] +{Ø}[tempo pretérito] +{Ø}[número singular]
[◌a]
- d) {ra}[aspecto mais que perfeito]⁺ {Ø}[terceira pessoa] +{Ø}[tempo pretérito] +{N}[número plural]
[◌a] [◌◌◌◌]

302. Em sendo os traços de número e tempo conferidos pela mesma categoria, isto é, o Tempo, não é de se estranhar que o morfema temporal se intrometa justo entre o de pessoa e o de número, deixando-os descontínuos. Afinal das contas esses dois últimos formaram o mesmo conjunto que o núcleo T°. Já aspecto virá na ordem dos morfemas segmentados antes desses dois e separado deles⁵⁶. Nele estão a própria desinência aspectual e a pessoal. O que não tornara tão clara essa segmentação é o fato de em Português haverem muitos morfemas ou alomorfes Øs acompanhados de uma grande alomorfia, não se falando nas muitas irregularidades e homofonias e outros fatos pertinentes aos processos fonológicos que geram essas seqüências superficiais. Por exemplo, a marca {ti} de pretérito deve ser inicialmente [ti] e por conta de processos vários vira [t] diante de [s]. Entretanto, esses detalhes mais acurados fogem ao escopo desta tese.

303. Em Francês o Aspecto também é uma Categoria. Aliás, a realidade oral do Aspecto é muito mais patente do que a da concordância em si. O Aspecto em Francês tanto se manifesta nos verbos que estão sozinhos quanto nos auxiliares.

304. Em Inglês, por outro lado, não parece haver tal distinção. O Aspecto já muitas vezes vem no Modal que também marca o tempo. O Aspecto existe em Inglês, mas seu morfema não é distinto do de Concordância ou Tempo. Para entender-se o que ocorre entre o Aspecto e o Tempo em Inglês expendam-se um pouco mais o que ocorre com o Tempo.

305. A diferença entre o Inglês e as duas Línguas Românicas em questão é que os traços temporais em Inglês são inertes e os do Francês e do Português não. Todas as três Línguas têm traços de caso nominativo ativos. Assim, o verbo sobe até o Aspecto antes da Lida, mas não até o núcleo T em inglês. Se o verbo não se subisse ao Aspecto obter-se-ia ou uma seqüência SOV dada a subida do

⁵⁶ O fato do morfema de Aspecto vir antes do de Tempo na segmentação implicará que o Sintagma Aspectual é mais baixo que o Temporal.

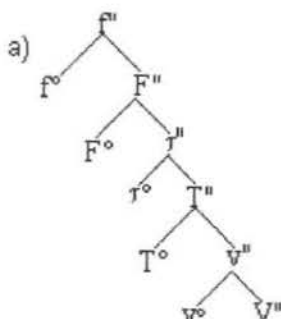
objeto a v” para receber caso ou pior a colisão da derivação, visto que o objeto posposto ao verbo não receberia caso. O movimento do Verbo ao núcleo do Tempo é procrastinado e por isso que a ordem resultante é Modal seguido de Verbo e não o contrário:

- a) *Bob write will a book.
- b) Bob will write a book.

Os verbos em Português e Francês sobem ao Aspecto e depois ao Tempo, contrariamente.

306. Ora, mas como isso pode relacionar o fato de que o Aspecto não parece ser muito distinto do Tempo em Inglês? Como pode isso tudo explicar que quando não há um Modal na frase o verbo recebe a marca de Tempo e Concordância ainda assim?
307. Até aqui a argumentação em prol de uma categoria chamada Aspecto se baseou em fatos empíricos e não muito em questões teóricas. Ocorre que é fácil postular-se a distinção entre categorias como Verbo e Tempo, por razões de ordem epistemológicas. Mas Tempo e Aspecto estão epistemologicamente associados e é difícil separar um de outro.
308. A postulação de uma categoria Aspecto acarreta os mesmos problemas que já havia quando se pretendeu desdobrar a categoria Flexão em Tempo e Concordância. Por exemplo, ter-se-á de discutir quem domina quem, Tempo ou Aspecto. Perguntar-se-á se em algumas Línguas Aspecto estará acima de Tempo e em outras abaixo do mesmo. Perguntar-se-á ainda mais se existirá Aspecto em todas as Línguas do mundo ou se haverá algumas que não o tenham.
309. Destarte, há tanto razões para se supor a existência de uma categoria de Aspecto distinta de Tempo quanto para se pensar o contrário. Como se resolver o impasse? A resolução estará num recurso não só útil como obrigatório: aplicar o princípio da consistência teórica, ou melhor, o princípio de que as representações linguísticas ou são simétricas ou anti-simétricas, mas nunca assimétricas.
310. Como qualquer Ciência, a Linguística procura e tem de procurar as regularidades e não as irregularidades. Mesmo que a aparência do sistema seja irregular, deve-se achar a regularidade por detrás dela. Postular-se somente a existência de um Verbo e um Exo-verbo seria irregular, pois em outras alturas da frase não se teria estruturas análogas de categoria e exo-categoria.
311. A aplicação dessa consistência, ou melhor, harmonia ou princípio de regularidade levará a supor que existam universalmente um T e um τ similarmente a que ocorre com V e v. O primeiro T é em Português o que aqui inicialmente se chamou de Aspecto e que será o Tempo. O segundo τ será em Português o que se chamou anteriormente de Tempo e que doravante será o Exo-tempo.
312. Pelo mesmo tipo de analogia deverá haver um Complementador e um Exo-complementador. Se se preferir chamar os Complementadores de Operadores Funcionais, então existirão um Operador

Funcional e um Exo-operador Funcional, a saber F e f. De forma que toda a estrutura frásica será de cascas larsonianas. Eis a representação do esquema:



313. Essa generalização das cascas larsonianas leva a uma outra consequência: definir as mini-orações como d''s, ou seja, Exo-determinantes. Obviamente, como algumas frases não têm um v'' dominando o V'', as passivas por exemplo, nem todo D'' complemento de Verbo será uma mini-oração.
314. Haverá opcionalmente no esqueleto um Neg'' entre dois Sintagmas nas negativas, conforme a Língua. Das frases negativas na subseção seguinte mais e com maiores detalhes se tratará.
315. Há de se perguntar agora se esta generalização será válida mesmo ou se só se aplicará ao Tempo e ao Exo-tempo, não havendo o Exo-operador Funcional. Bem, as provas empíricas dessa generalização são muitas. Já Roberts⁵⁷ foi um dos primeiros a falar de Línguas com dupla concordância, isto é, dois AGR''s. Inicialmente isso aplicava-se somente a um grupo determinado de Línguas. Depois generalizou-se que provavelmente todas as Línguas teriam AGR_{sujeito} e AGR_{objeto}. Não se postulavam esses núcleos a mais à toa. O que levou a postulação deles não foi somente uma necessidade teórica mais premente, mas a principalmente força dos dados que indicavam haver pelo menos um quarto núcleo no esqueleto funcional além de C, T e AGR₁: AGR₂. Indícios de haver ainda um quinto núcleo levaram a postulação de um Sintagma Focal, tratando-se o foco como uma categoria⁵⁸. Chomsky chegou a propor o fim das categorias AGRs, mas deixou de lado as muitas evidências e provas empíricas que levaram à postulação delas. Assim, a generalização das cascas larsonianas não é só uma necessidade intelectual: há indícios de que o esqueleto funcional nu tenha mais do que dois Sintagmas, a saber T e C. Os indícios levam a supor pelo menos quatro nós no esqueleto funcional nu, que, de acordo com a generalização das cascas larsonianas, são os já mencionados f, F, τ e T. Esses quatros mais o v somam cinco núcleos acima do V'' o que bate com as observações da existência de um quinto núcleo o qual já se chamou de Sintagma Focal. Do mesmo

⁵⁷ Ver Roberts (1993).

⁵⁸ Ver Raposo (1993).

modo existem indícios de haver mini-orações nas Línguas, um Sintagma cujo núcleo era algo obscuro, mas que fica claro com essa generalização.

316. A proposta de generalização das cascas larsonianas não exclui o sistema de duplas de especificadores de Chomsky.

SEÇÃO III. A ESTRUTURA FRÁSICA DAS LÍNGUAS EM QUESTÃO

317. Essas foram considerações de ordem mais universal. Passe-se agora às particularidades das Línguas em questão.
318. Em primeiro lugar tem-se de analisar um tanto a realidade morfológica de cada uma delas. Em uma escala de valores aferidos, parece que o Francês está entre o Inglês e o Português. Tanto o Inglês quanto o Francês não permitem a ocorrência de um sujeito oculto na frase, ao contrário do Português, por exemplo. Por outro lado, o Português e o Francês não têm Modais como o Inglês. A concordância de gênero em Inglês não aparece entre o Substantivo e o Adjetivo. Em Francês ela existe, mas raras vezes é ouvida. Em Português não só existe tal concordância como também se ouve a mesma.
319. Vejam-se agora os paradigmas das conjugações no presente do indicativo. Para isso tem-se de considerar a realidade fonética/fonológica dos mesmos e não mais ilusões da ortografia⁵⁹:

a) Inglês:

- i)  ♦ 
- ii)  ♦ 
- iii)  ♦ 
- iv) ♦  ♦ 
- v)  ♦ 
- vi)  ♦ 

b) Francês

- i)  ★ ♦        ★
- ii) ♦  ♦       ★

⁵⁹ Saussure bem explicava que a ortografia das Línguas evolui conforme a pronúncia até uma certa época. Após o que, a pronúncia modifica-se enquanto que a ortografia se cristaliza. Assim, a palavra *roi* em Francês já foi pronunciada assim como está escrita. A partir de uma certa época, a pronúncia mudou e ortografia deveria ter mudado também, isto é, deveria passar-se a escrever *rua*. Tal não ocorreu e a forma *roi* permaneceu mesmo com a mudança da pronúncia. A ortografia atual do Francês guarda resquícios de quando a Língua tinha um sistema morfológico mais rico, ou seja, é uma cristalização dessa época. De forma que se se olha para o paradigma das conjugações na escrita parece haver um conjunto de seis formas distintas. Essas seis formas distintas representam a Gramática que havia anteriormente na Língua. De forma nenhuma pode hoje representar sincronicamente a realidade da competência dos falantes, isto é, não reflete mais a Gramática da Língua. Portanto, um trabalho sincrônico sério e criterioso não se pode basear nessas peças que a ortografia prega.

- c) Portuguese
- i) M† ♦◊oelas†
- ii) ♦♦ ♦◊oelas.
- iii) G M ● † ♦◊oelas
- iv) ■②. ♦◊oelasℝ④s○†.
- v) ❖②. ♦◊oelasH†.
- vi) G M ● †. ♦◊oelasℝ④†

320. Em Inglês só existem duas formas fonética e fonologicamente distintas na conjugação. Em Francês estas são só três, apenas uma a mais que o Inglês. Em Português o número das formas foneticamente distintas existentes é o dobro do que há em Francês: seis⁶⁰. Assim, o sistema morfológico do francês é mais rico do que o do Inglês e evidentemente mais pobre do que o do Português.

321. Isso quer dizer que em Francês o número de movimentos explícitos é maior do que em Inglês e menor do que em Português.

322. Em Inglês o verbo move-se até T° e lá permanece enquanto se processa a lida. O τ° em Inglês têm inertes os traços que em outras Línguas atraem o verbo. Em Português e Francês o verbo vai τ e ali fica durante a lida. O τ° neles tem traços ativos que atraem o verbo.

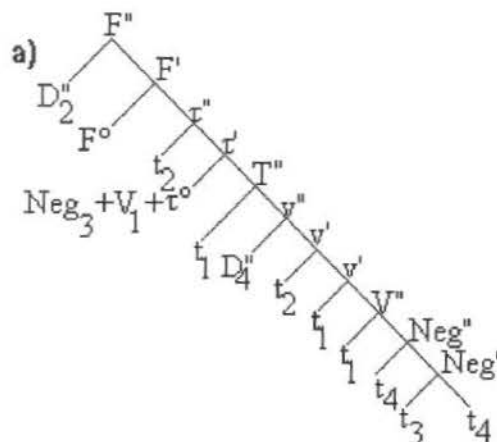
323. A subida do D''_{sujeito} diferirá, entretanto, colocando o Inglês e o Francês de um lado e o Português de outro. Chomsky(1995) coloca que tanto o Complementador (aqui chamado F) quanto Tempo (aqui redefinido como τ) podem ter traços ativos que confirmam os dos D''s. Redefina-se agora essa colocação em termos de cascas larsonianas generalizadas: em Inglês e em Francês τ tem traços ativos que conferem os traços do D''_{sujeito} e por isso o atrai. O D''_{sujeito} sobe até o especificador de τ e lá permanece. Mas, o D''_{sujeito} Português lá não fica. No caso, o F atrai o D'' e confere-lhe os traços de modo que o D''_{sujeito} não fica como especificador de τ , mas sobe para além de onde estão explicitamente os D''_{sujeito}s do Francês e do Inglês. O sujeito em Português está em sítio mais alto.

⁶⁰ Aqui não se levam em consideração variações dialetais dentro das Línguas, nem fatos mais estilísticos como que o *vós* em Português é praticamente restrito a Deus hoje em dia ou que o *vous* em Francês se usa como segunda pessoa respeitosa. Também não faz diferença para essa análise a existência ou não de uma segunda pessoa indireta. Para questões de variação dentro do Português com relação à concordância ver Galves (1983), (1989) e (1993).

324. Quais evidências empíricas existem para se afirmar que em Português o caso nominativo se atribuiu ao vestígio do sujeito no spec de τ'' e os traços do D'' se confirmam em spec de F''? Já se mencionou que a riqueza morfológica evidencia que mais movimentos explícitos deve ter o Português. A segunda evidência é o efeito Modal + Sujeito do Inglês ou Verbo + Sujeito do Francês. Nas interrogativas o F° atrai o Modal do Inglês ou o Verbo do Francês, antepondo um destes ao sujeito.
325. Como em Português o Sujeito estará no spec de F'' não haverá o efeito Verbo + Sujeito do Francês, ainda acontecerá algo a mais com as interrogativas do que em Francês ou em Inglês: um dos dois D''s subirá ao spec de f'', isto é, ou o sujeito ou objeto ou o adjunto. Os objetos/adjuntos wh subirão necessariamente ao spec de f'' (ou ao f°). Se a pergunta não contiver nenhum desses objetos ou adjuntos então subirá o sujeito. O Verbo português subirá a F° ou não dependendo do sujeito subir ou não. Se subir o sujeito ao spec de f'', o Verbo subirá ao F°. Se o objeto ou o adjunto wh subir, ficará o verbo em τ° .⁶¹
326. Há mais, contudo. O Modal de uma frase interrogativa em Inglês sobe antes de subir o sujeito e vai a F° e depois a f°, o sujeito então não ficará no spec de τ'' , mas subirá para o spec de F'' antes da lida, havendo ou não uma palavra wh. Assim, nas interrogativas do Inglês o Modal fica mais alto que o Verbo do Português e o sujeito inglês mais baixo que o português. O mesmo que se passa em Inglês se dará analogamente em Francês.
327. Abordem-se as negativas em Português. Pode ser verdade que numa Língua como o Francês a análise mais correta seja a pollockiana para se desvendar a estrutura das negativas. Há que se dizer algumas coisas, todavia. A lógica da fase atual do modelo é de que tudo o que se coloca à esquerda é o que se moveu e o que está à direita foi o destino do movimento. Se for verdade isso, pode-se dizer que o movimento ao núcleo seja sempre ou para um radical ou palavra movida receber um sufixo que seja o destino ou para um afixo se prefixar a uma palavra ou radical destino. É de se pensar que todo sufixo se coloca por casamento e não por movimento.
328. Se for verdade ainda a idéia de que alguns Negadores ou são ou podem tornar-se afixos, diferirá de Língua a altura do Neg'' e se é um sufixo ou um prefixo o elemento que denota negação, além do fato de que em algumas Línguas talvez os Negadores nem sejam categorias. É certo que nas três Línguas focadas, para além dos Negadores, o inventário de cada categoria engloba itens ou afirmativos e negativos, portanto, a denotar da negação não é exclusividade dos Negadores.
329. Em Português tomar-se-á como verdadeiro que o Negador fica entre o Verbo e o seu objeto é atraído para o núcleo τ° depois que o Verbo lá já subiu. O objeto subirá para especificador de Neg

⁶¹ Há um intrincado sistema de traços envolvido que não se discutirá muito aqui. Essas colocações são mais de ordem empírica.

primeiramente e se não for um Sintagma Quantificado negativo ou coisa que o valha não haverá compatibilidade entre os traços, ocorrerá um solecismo, visto que o Neg'' exige que seu especificador também seja negativo. Eis o esquema:



330. O sujeito da frase, contudo, terá de ser um D'' ou um Q'' afirmado ou a subida do Neg^o para o complexo $V^o + t^o$ não conferirá os traços, já que t^o não admite mais do que um elemento negativo, isto é, não tolera negativa dupla. Disso tudo decorre a agramaticalidade das frases:

- a) *Ninguém não comeu nada.
- b) *Nós comemos nada.
- c) *Eles não têm alguma razão para gostarem do Frankenstein.

em comparação com a gramaticalidade dessas outras:

- d) Ninguém comeu nada.
- e) Nós não comemos nada.
- f) Eles não têm nenhuma razão para gostarem do Frankenstein.

331. Haverá também um *nem* que é Negador e outro que é um Quantificador negativo *nem* que toma como complemento um D'' , tal qual em frases como:

- a) **Nenhum** ficou em casa depois que o cérebro da falecida Hambúrguer foi transplantado para o Frankenstein. (nenhum = nem um)
- b) **Nem eu** fiquei lá para ver o resultado do transplante.

O *nem* negador ao seu turno figura em frases como:

- c) Eu *nem* fiquei lá para ver o resultado.

332. As estruturas de coordenação *não... nem* ficarão de fora daqui.

333. As evidências para esse esquema de negação em Português são dados fortíssimos: o Português é uma Língua de dupla negação no predicado, mas não na relação sujeito-predicado. Em Inglês padrão não há dupla negação nem dentro nem fora do predicado. O *not* é sufixado ao Modal já no próprio léxico. Nada verdade, as seqüências *will not*, *won't*, *shall not*, *shan't*, *does not*, *doesn't* e outras já são

palavras, isto é, são Modais negativos que existem em contrapartida para *will, shall, do* e outros. O τ universalmente só tolera uma única forma negativa e se o seu núcleo já a contém, seu especificador não será negativo:

- a) *Nobody doesn't like dr. Frankenstein.

334. Sem o Neg^o o traço negativo do objeto será conferido após a lida. O movimento oculto do traço levará uma forma negativa para τ^o saturando sua tolerância a traços negativos, daí a agramaticalidade de predicados duplamente negados:

- a) *Dr. Frankenstein can not understand nothing.

ou mesmo de haver um sujeito e um objeto negativos:

- b) *Nobody sees nothing.

335. Por fim, veja-se o que se passará com as frases imperativas. Existe primeiro um fato pouco mencionado de que o sujeito nas imperativas tem de ser oculto, a não ser que se dê ênfase ao mesmo, isto é, que se queira sublinhar quem deve fazer o que. Daí frases como:

- a) *Por favor, pegue você sua arma e mate o Frankenstein.

- b) *Por favor, pegue você sua arma e mate você o Frankenstein.

- c) Por favor, pegue sua arma e mate o Frankenstein.

336. Das três as duas primeiras poderiam ser aceites apenas se o elocutor quisesse dizer que não era ele quem devia matar o Frankenstein, mas o seu interlocutor. Entretanto, a ordem normalmente exposta em todos os estudos sobre o imperativo é V + S, que é própria de um registro mais literário da Língua:

- a) Compre eu⁶²

- b) Compra tu

- c) Compra você/ele

- d) Compremos nós

- e) Comprai vós

- f) Comprem vocês/eles

Ordem, aliás que aparece nas mencionadas orações imperativas exclamativas onde o sujeito é enfatizado (ou focado):

- g) Por favor, pegue você sua arma e mate você o Frankenstein, que eu vou é dormir!

337. As imperativas derivam-se de um modo diverso das afirmativas e negativas em Português. Como se verá mais a seguir, nas imperativas puras o Verbo é atraído para até F^o e f^o, mas o sujeito permanece como especificador de F^o e o esqueleto funcional de uma imperativa exige que haja pelo

⁶² A conjugação do Imperativo na primeira pessoa é geralmente omitida pelos gramáticos por motivos de uma lógica que não é inerente ao sistema gramatical em si.

menos um especificador seja um *pro*. As construções imperativas com sujeito explícito são esdrúxulas embora gramaticais⁶³. Isso evidencia que a sua derivação é igualmente processada a partir de um cômputo inicial não muito comum em Português. Dir-se-á que uma imperativa com sujeito explícito é uma construção com duplo sujeito, sendo um deles um *pro* e o outro um D" explícito.

338. Fatos como esse dão-se também nas outras demais Línguas analisadas cujo sujeito, todavia, não pode ser oculto normalmente. Mas, nesses casos o Inglês também poderá ter um sujeito oculto:

- a) Come here.
Vem cá.
- b) Don't dare it.
Não o ouse!
- c) Wait a minute.
Espera um minuto.

Com a opção de explicitá-los nas negativas:

- d) Don't you dare it!

339. O que significa que a explicação do Português também seria de algum modo ou até certa medida válida para o Inglês. O Francês apresenta também frases imperativas sem nenhum sujeito audível:

- a) Arrête.
Pára.
- b) Laissez moi.
Deixe-me.

340. Contudo, não será o caso de haver uma mesma explicação para as duas outras Línguas. Na verdade, as imperativas em Português têm tempo que são basicamente seis distintos:

- a) Pretérito Imperfeito do Imperativo;
 - b) Presente Simples Afirmativo;
 - c) Presente Simples Negativo;
 - d) Futuro Composto Afirmativo;
 - e) Futuro Composto Negativo;
- desses tem-se os seguintes exemplos:
- f) Fizesses as tarefas.
 - g) Faze⁶⁴ as tarefas.
 - h) Não faças as tarefas.
 - i) Vai fazer as tarefas.

⁶³ Esdrúxula aqui refere-se ao registro delas, não à derivação que as produz.

⁶⁴ A pronúncia padrão brasileira é [faʒzi]. Entretanto, coloquialmente diz-se [fais].

- j) Não vás fazer as tarefas.
341. Já em Inglês o Imperativo não tem tempo, visto só haver uma possibilidade (afirmativa ou negativa) que é igual à forma do infinitivo:
- a) Be happy!
Sê feliz!
 - b) *Were happy!
Fosses feliz!
 - c) *Will be happy!
 - d) Vai ser feliz!
 - e) Go home.
 - f) *Went home.
 - g) *Will go home.
342. Assim como em uma frase passiva não ocorre um Exo-verbo no cômputo inicial, em uma imperativa inglesa não se encontram nem o τ'' nem o T'' . O v'' é encaixado diretamente dentro do F'' como complemento. O Verbo sobe então para o F^o e para o f^o e o sujeito vai para o spec de F'' enquanto que o objeto ou vai para o spec de v'' . O sujeito de uma imperativa em Inglês não é um *pro* mas sim um *PRO*.⁶⁵
343. No próximo capítulo expender-se-ão as estruturas infinitivas e imperativas.
344. O porque dessas coisas ocorrerem com imperativas, interrogativas e negativas em Português e nas duas outras Línguas se deve ao sistema complexo ou complicado de traços que há na Língua. Isso, entretanto, como demais partes da Língua, demanda investigação e explicação mais detalhadas⁶⁶. Alguns pormenores a mais desse sistema de traços se mostrarão na seção a seguir na altura e no tanto que convierem à análise.

⁶⁵ Não se discutirá aqui qual é a distinção formalmente mais adequada entre *PRO* e *pro*.

⁶⁶ Para uma abordagem das interrogativas um tanto diferente ver Mioto (1989).

Penúltimo Capítulo

Os Contornos de Uma Teoria dos Advérbios

Mas que gira, gira!

(Galileu Galilei, frase dita a um companheiro em 1633 após perante à Inquisição ter abjurado suas idéias de um universo heliocêntrico e de movimento da Terra).

SEÇÃO I. DATA VENIA

345. Viu-se ao longo do primeiro Capítulo a estrutura sintagmática dos advérbios tanto no âmbito do cerne da gramática quanto na periferia da mesma, expondo-se dos detalhes o máximo que se pode observar. Viu-se que a estrutura sintagmática nada tem de ver com questões de escopo, que há indícios de que os Advérbios sejam uma categoria flexiva e que são uma classe bem restrita, entre outras coisas.
346. O segundo Capítulo fez uma descrição no nível observativo para então entrar-se com a problemática sintática. Pelo apêndice desta tese espalham-se conceitos vários e gerais adotados nesta obra. São a base do que hoje geralmente pensam os aplicadores e teóricos de uma linguística gerativa, transformadora e minimalista. Há aqui umas posições próprias que se devem explicitar neste Capítulo e que pretendem em parte contestar certas explicações dadas e melhor solucionar o problema.
347. Viram-se no terceiro Capítulo soluções propostas por dois autores para o problema das diversas ordens nas Línguas. Uma delas dizia que a impossibilidade de uma sequência V+ Adv + Obj em Inglês se deve ao fato de que o Advérbio estorva o caminho do objeto até o Exo-verbo. Segundo tal explicação, a presença do Advérbio faz com que o movimento do D^{objeto} ao v viole a condição do menor elo. Existem várias objeções a tal explicação e dentre estas quatro se mencionam aqui uma vez mais:
- a) o fato de não se poder colocar um Advérbio como adjunto do Verbo no Cômputo Inicial prediz incorretamente que a ordem V+Obj+Adv também é agramatical em Inglês;
 - b) a vez na fila não é do Advérbio, portanto, a condição do menor elo de fato não se viola;
 - c) não há uma explicação para o fato de que aos objetos longos Advérbios possam prepor-se;
 - d) não explica fatos de outras Línguas cujos Advérbios se comportam diferentemente.
348. Exenderam-se tais objeções no Capítulo anterior. Abe tentou resolver o problema da última objeção, mas sua solução é igualmente problemática, pelos motivos já discutidos. Dentre estes, talvez o menos grave para alguns e o mais para outros seja o de que Abe tenha errado ao multiplicar categorias. Isso, todavia, não será muito mal, visto que o número de categorias propostas parece não

bastar para explicar os fenômenos das categorias do mundo. Será mal, sim, multiplicá-las sem se esboçar um arcaboço categórico um pouco mais geral e harmônico e nisso parece ele laborar.

349. A seguir testar-se-ão e discutir-se-ão duas hipóteses contraditórias a respeito de qual operação realmente se efetua para se criarem as diversas ordens dos Advérbios, mas não sem antes explanar-se uma hipótese mais geral sobre os edifícios das Línguas focadas nesse trabalho, coisa que se faz na seção consecutiva.

SEÇÃO II. NENHURES E ALHURES

Subseção 1. As Duas Hipóteses Opostas

350. Já se demonstrou que os Advérbios não são inflexivos. Todavia, fará uma enorme diferença entre dizer-se que eles são flexivos e que eles em si são uma espécie de flexão.
351. Veio-se supondo ao longo da literatura que de certa forma os Advérbios se colocam por meio de casamento e não movimento, dado que a hipótese é de que eles não tenham traços a conferir que motivem o movimento. Mas em Cinque (1996a) há a idéia de que os Advérbios se movem.
352. Cinque (1996a) interrogava-se a respeito dessa possibilidade:
- a) *Ou os Advérbios geram-se independentemente em dois “espaços” [baixo pré-V” e pós-complemento de V”], ou as duas posições relacionam-se por movimento. (...)*
 - b) *O movimento-wh quando possível parece poder subverter a ordem relativa entre dois Sintagmas Adverbiais. Então, por exemplo, apesar de “già” (já) ter de preceder os Sintagmas Adverbiais de Modo:*
 - i) *Tratta già male il suo assistente.*
Já está tratando mal o seu assistente
 - versus*
 - ii) **Tratta male già il suo assistente.*
[“già” pode vir após um Adv” de Modo se estoutro participou de um movimento-wh:
 - iii) *Quanto male tratta già il suo assistente?*
Ele já está tratando muito mal o seu assistente?
“Già” continua igualmente a tomar como escopo o Sintagma Adverbial de Modo o que sugere que é a posição do vestígio-wh que importa. (...)
 - c) *Mas o movimento dos Adv”s via movimento-wh não é o x da questão. A questão relevante é saber se um Advérbio se pode mover da sua posição de base para uma outra (não-wh). (...)*

353. À referida indagação a resposta dada por Cinque é afirmativa e seus argumentos baseiam-se no escopo de categorias que são Pseudo-Advérbios. Bem, já se viu que o escopo não ajuda muito um enfoque minimalista do assunto e Cinque não é minimalista em seu texto. Ademais, os Pseudo-Advérbios não são da mesma natureza que os genuínos e os termos de comparação talvez não sejam dos mais felizes. Por tudo isso, haverá ainda de uma abordagem minimalista considerar a mera hipótese dos Advérbios se moverem? Sim.
354. Alguns motivos aqui se enumerarão para se supor isso. O primeiro motivo é que a presença ou não de Advérbios não é obrigatória, é arbitrária. Ora, a idéia do Cômputo Inicial é a de que justamente toda e qualquer decisão arbitrária se tome nele e não em outra altura. Isso apesar de razoável não seria um argumento dos mais fortes, ou pelo menos seria dos mais radicais. Pode ser que, segundo uma postura menos radical, haja no esqueleto funcional ainda umas decisões arbitrárias para se tomarem. Ocorre que em qualquer versão as categorias lexicais todas se encontram primeiro no Cômputo Inicial e depois se encaixam no esqueleto funcional. No Cômputo Inicial poderão estar algumas das categorias funcionais também, mas, pelo menos, todas categorias lexicais têm de lá estar. Ora, os Sintagmas Adverbiais contêm Adjetivos que são categoria lexicais. Logo, os Sintagmas Adverbiais têm de vir no Cômputo Inicial e não alhures.
355. Se estão no Cômputo Inicial de duas uma: ou se inserem nos sítios por meio de casamento e só casamento e ipso facto nunca estão além de v", ou inicialmente se encontram abaixo de v" e depois sobem. Vejam-se algumas frases banais:
- a) Atualmente quase todo mundo acha que aquele médico legista é palheiro.
 - b) Onde atualmente o Fortunato poderá encontrar alguém que lhe dê crédito?
 - c) Os felinos constantemente fazem muita patranha.
 - d) A Susana Macróbia dificilmente poderia estar apaixonada por um homem como aquele tesoureiro desonesto e ladrão.
 - e) Será que ele acredita piamente nesse embuste?
 - f) Será que ele acredita nesse embuste piamente?
356. Se os Advérbios só se encontrassem em posições dominadas por v", das frases anteriores somente as últimas seriam possíveis, pois só nessas se poderia supor que a posição do Advérbio é algures dentro de v" ou V". Nas demais é totalmente impossível que a posição do Advérbio seja dentro do v" ou V". Logo, os fatos empíricos mostram Advérbios muito acima de v" o que leva supor que eles se movem.
357. Uma outra evidência empírica é de que não podem ocorrer dois Advérbios numa mesma frase, mas apenas dois Adjetivos dentro de um mesmo Sintagma Adverbial coordenados:
- a) *Eu realmente não gosto do Dr. Frankenstein inteiramente.

b) *Eu realmente não gosto inteiramente do Dr. Frankenstein.

c) Eu sincera e honestamente detesto o Frankenstein.

Entretanto, parece o Inglês permitir esse tipo de frase:

d) John evidently has carefully been concealing the truth.

e) Max probably has cleverly been trying to decide whether to climb the walls.

E mesmo alguns falantes de Português poderão aceitar as primeiras duas frases.

358. Se os juízos de agramaticalidade das duas primeiras frases acima forem corretos, eles batem com o que ocorre com o movimento-wh:

a) *O que disse a Susana na secretária-eletrônica o que?

b) *Onde está verdadeiro assassino onde?

c) *Quanto o médico cobrou quanto?

A agramaticalidade de frases assim deve-se ao fato de que os elementos-wh na posição inicial lá foram parar por se moverem e deixarem um vestígio na posição inicial. O vestígio deles impede que se coloque outro elemento no mesmo lugar:

d) O que₁ disse a Susana na secretária-eletrônica t₁?

e) Onde₁ está verdadeiro assassino t₁?

f) Quanto₁ o médico cobrou t₁?

359. De modo idêntico frases como:

a) *Eu realmente não gosto do Dr. Frankenstein inteiramente.

são agramaticais talvez porque se insere um outro Sintagma Adverbial em um lugar que provavelmente está um vestígio:

b) Eu realmente₁ não gosto do Dr. Frankenstein t₁.

360. Por outro lado, a extrema liberdade de posicionamento dos Advérbios sugere que este não se deve à operação de movimento, mas de casamento apenas.

361. O maior contra-argumento à idéia que haja o movimento deles tem sido de que são palavras inflexivas. Esse e outros mitos já se derrubaram ao primeiro capítulo desta tese. Entretanto, o que se provou é apenas que os Advérbios são uma categoria conferidora. Não se provou que careça também de verificar seus traços. Como isto ainda não se provou pode-se continuar a pensar que são imóveis. Se isto for provado, contudo, então ele terá de se mover. Resta saber como se provaria uma coisa dessas.

362. Como resolver o impasse? Há duas hipóteses em jogo:

a) ou os Advérbios se inserem por casamento,

b) ou ocorre o movimento do mesmo.

363. Para saber qual das duas hipóteses é a melhor o remédio é testá-las e ver qual delas explica mais fatos de modo mais acurado.

Subseção 2. A Primeira Hipótese

364. A primeira hipótese é a de que não se movem. Os Advérbios seriam portanto capazes de conferir traços de seus especificadores e não precisariam conferir traços.
365. Inserir-se-iam os itens dessa categoria mediante a operação de casamento. Vejam-se as possibilidades de casamento existente e o que resultariam para as ordens existentes.
366. O que ocorreria se o Advérbio fosse um Adjunto do *v* ou do *V*? Ora, o movimento do *D*" é para a posição de especificador de *v*. Recordem-se as diferenças básicas entre os adjuntos e especificadores:
- a) o adjunto é um termo acessório casado com um Sintagma *X*;
 - b) o especificador é um termo movido ao Sintagma *X* e está sempre mais alto que qualquer adjunto de *X*.
367. Sendo o *D*_{objeto}" especificador de *v*, estará acima de qualquer adjunto de *v* ou de *V*, inclusive se este adjunto for um Advérbio. Para um Advérbio estar acima do objeto, já atribuído o caso acusativo, é preciso que o Advérbio seja adjunto de um sintagma mais alto do que *v*". Em tal hipótese, casar-se-ia o Advérbio com o τ ou o *T*. Isso, entretanto, resultaria que o Advérbio fique anteposto ao verbo (que subiu para o Aspecto) e ao objeto da frase. Daí, não há um sítio entre o *T*^o e o *v*^o onde se possa casar o Advérbio com um Sintagma e a ordem resultante ser *V* + *Adv* + *O*. Logo, tal ordem é agramatical por exclusão devida ao próprio esqueleto funcional e ao jogo de movimentos.
368. Para que o Advérbio casado com o Aspecto ficasse entre o Objeto e o Verbo, seria preciso que o Verbo subisse para o Exo-tempo, coisa que não ocorre em Inglês. Mas tal se dá em Português e em Francês, daí ser possível em qualquer caso a ordem *V* + *Adv* + *O* em ambas Línguas Românicas.
369. E como se explicaria o fato de que em Francês não se encontre um Advérbio entre o sujeito e o Verbo? Se se casasse um Advérbio com τ ", o sujeito para ali subindo ficaria acima do adjunto o que resultaria a ordem *S* + *Adv* + *V* que é impossível. Poder-se-ia pensar que então há um traço em τ que não permita o casamento, mas a idéia central de casamento é a de que este é mais ou menos livre, somente depois através dos movimentos que se procede a verificação dos traços. Um casamento errado não é proibido mas, quando os movimentos ocorrem, causa a colisão ou pelo menos não deixa completar-se a derivação. Para se postular que o Advérbio como adjunto de τ " em Francês não pode haver, precisa-se explicar de que modo sua presença ali causa a colisão da derivação e como afetaria o jogo de movimentos. Ora, já se viu que o casamento dos Advérbios não pode afetar o jogo de movimentos se for verdade que os primeiros são imóveis. Logo, não pode estar nas operações de casamento e de movimento a razão da impossibilidade da sequência *S* + *Adv* + *V* em Francês. Ainda

que nessas operações ditas estivesse o motivo, restaria explicar porque tal sequência será perfeitamente possível em Inglês e Português.

370. A idéia de que a operação envolvida na ordenação dos Advérbios é o casamento somente pode explicar a impossibilidade das seqüências V + Adv + O em Inglês, por oposição à possibilidade deste mesmo tipo de ordem em Português e Francês. Não explicará porque não há um Advérbio em volta de um Modal anteposto ao sujeito em Inglês, nem fatos das interrogativas em Português, nem do objeto longo em Inglês, etc...
371. Se se mantiver a idéia da imobilidade dos Advérbios, idéia fortemente corroborada pela liberdade ampla de ordem dos Advérbios, então há de se considerar que fenômenos relativos ou pertinentes a outras operações também concorram para estabelecer as possibilidades e impossibilidades. Tome-se uma vez mais o caso da seqüência agramatical S + Adv + V do Francês. Existem estudos que falam da cliticização do Pronome sujeito em Francês, ou seja, que o sujeito em Francês é proclítico ao Verbo⁶⁷. A cliticização poderia então explicar o porquê dessa impossibilidade, mas ocorre que essa impossibilidade transcende às barreiras da sínclise francesa.
372. Poder-se-ia pensar que a cliticização do Pronome sujeito em Francês se deve a um fenômeno maior da operação de lida: a contração do sujeito com o Verbo. Eis fenômeno que não se dá por casamento ou movimento, mas que ocorre durante a operação da lida. Por esse motivo, as seqüências S+Adv+V tornam-se impronunciáveis ou cacofônicas. O Advérbio não pode estar numa contração entre o sujeito e o Verbo por um motivo básico:
- a) a contração entre *A* e *B* supõe que não haja um terceiro elemento ou a contração não será entre *A* e *B*, mas entre *A*, *C* e *B*, a contração exigida pela Gramática do Francês é entre o sujeito e o Verbo e não entre esses e um terceiro elemento.
373. A contração é um efeito da operação da lida, isto é, trata-se de um fenômeno fonológico essencialmente. Essa explicação é intuitivamente forte visto que nem mesmo uma pausa se pode interpor no referido contexto. Porém, transfere da sintaxe para a fonologia parte da resolução das questões aqui expostas. Obviamente, tal explicação não será assim tão simples na fonologia quanto enunciada aqui.
374. A hipótese de que os Advérbios se inserem nos diversos lugares que ocupam por casamento não é suficientemente ampla para explicar todos os fenômenos de ordem dos Advérbios, precisando de outras hipóteses mais específicas fora do domínio da sintaxe pura.

⁶⁷ Ver uma discussão disso em Dufresne (1993).

Subseção 3. A Segunda Hipótese

375. Pode-se imaginar que definitivamente eles se movam. O que poderia motivar os Sintagmas Adverbiais a subirem seria um traço qualquer por conveniência aqui chamado +M. Que categorias poderão conferi-lo? De início categorias que possam ter um especificador com um Substantivo dentro, isto é, categorias que confirmem o traço +D. Serão então o v, o T, o τ e o F. As evidências de que essas categorias confirmem um ou mais traços dos Advérbios são os resultados das pesquisas que os tentavam classificar em Advérbios de Frase, de Predicado, de Verbo, de Adjetivo, etc... Em uma frase cujo Cômputo Inicial incluía um Advérbio, pelo menos uma dessas categorias tem de ter um traço que aqui provisoriamente se representará pela variável +M', isto é, capacidade de conferir o traço +M ou a derivação colidirá. Não mais do que uma categoria +M' será necessária, entretanto.

376. Se o Advérbio se move, então fá-lo depois de terem subido o sujeito e o Verbo. Gerado como adjunto do Verbo, mover-se-á antes do objeto, por conta da questão do menor elo. Se v tiver o poder de lhe conferir o traço +M ocorrerá o seguinte:

$$a) \quad v''[t_1 V''[Adv'' V'[t_1 D'']]] \Rightarrow v''[Adv''_2 v'[t_1 V''[t_2 V'[t_1 D'']]]]$$

Em seguida subirá o D_{objeto} que será então o segundo especificador de v'':

$$b) \quad \dots v''[Adv''_2 v'[t_1 V''[t_2 V'[t_1 D'']]] \Rightarrow \dots v''[D''_3 v'[Adv''_2 v'[t_1 V''[t_2 V'[t_1 t_3]]]]]$$

377. Destarte, o objeto nunca pode estar abaixo do Advérbio em nenhuma das três Línguas focadas, quando o v verificar os traços do Advérbio.

378. Para que o Advérbio se preponha ao objeto é preciso que T confira o traço +M, isto é, seja +M':

$$a) \quad \dots T''[T^\circ v''[t_1 V''[Adv'' V'[t_1 D'']]]] \Rightarrow \dots T''[Adv_2 T' \left\{ \frac{t_1}{V_1 T^0} \right\} v''[D''_3 v'[t_1 V''[t_2 V'[t_1 t_3]]]]]$$

379. No caso anterior há uma opção que varia de acordo com a Língua. Se a opção de cima for o caso, isto é, se o verbo subir a T° e depois para τ° o resultado será uma ordem V+ Adv + O. É o caso do Português e do Francês. Entretanto, se o Verbo subir até T° mas não a τ° antes da lida, o resultado será uma ordem Adv + V + O. Esse é o caso de uma ordem como a do Inglês em que não há ordem V+ Adv + O.

380. Se o τ° for +M' e atrair o Sintagma Adverbial ocorrerá algo inverso em uma Língua como o Francês. No Francês o sujeito é o primeiro elemento que se torna especificador de τ° . Se τ° puder atrair o Sintagma Adverbial, este será o segundo a adjungir-se e ipso facto acabará como o especificador mais alto:

$$a) \quad \dots \tau''[D'' \tau^\circ[\dots V''[\dots Adv'' V'[\dots]]]] \Rightarrow \dots \tau''[Adv_2 \tau'[D'' \tau^\circ[\dots V''[\dots t_2 v'[\dots]]]]]]$$

381. Assim, no Francês será impossível uma ordem S+ Adv + O, porque sempre o Advérbio atraído para τ será o especificador mais alto.

382. O Português difere do Francês nesse aspecto: o sujeito da frase acaba como especificador de F. Se é o τ quem atrai o Advérbio então este acabará como um especificador de τ' , posição que está entre o F^o e o complexo $V^o + \tau^o$:

a) ...F''[D'' F'[F°[τ''[Adv'' τ'[τ°[...]]]]],

O que corresponde a ordem:

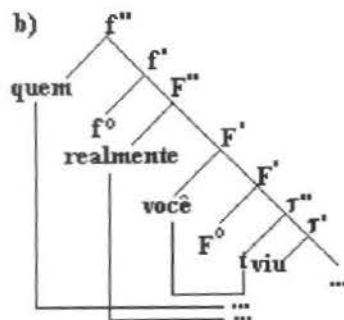
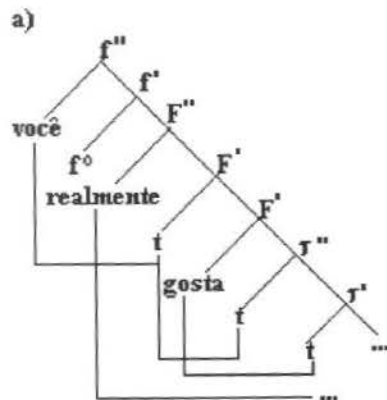
b) S+ Adv + V

Se o F atrair o Adv", então é que se obterá em Português a ordem Adv+ S+ V.

383. Agora expliquem-se os seguintes fenômenos com interrogativas:

- a) **Quem realmente você viu?**
- b) Quem você realmente viu?
- c) **Você realmente gosta disso?**
- d) Você gosta realmente disso?
- e) ***Realmente você gosta disso?**

384. Já se disse que em Português ou o sujeito ou objeto/adjunto *wh* subirá ao spec de F' . Os objetos/adjuntos *wh* subirão sempre. Se a pergunta não contiver nenhum desses objetos então subirá o sujeito. O Verbo português subirá a F° ou não dependendo do sujeito subir ou não. Se subir o sujeito ao spec de F' , o Verbo subirá ao F° . Se o adjunto ou o objeto *wh* subir, ficará o verbo em τ° . Vejam-se as representações dos trechos em **negrito** das frases dadas:



385. O *f* não tem traço nenhum que possa atrair os Advérbios, portanto não pode haver Advérbio nenhum em um único *spec* seu, nem muito menos em seu *spec* mais alto. O *spec* mais alto que o Advérbio pode estar em Português é o segundo de *F''* que fica logo acima do vestígio deixado pelo sujeito quando este sobe ao *spec* de *f''*.
386. Até agora diz-se que o *F''* é capaz de atrair os Advérbios em Português. Nem todas as Línguas do mundo terão um *F''* capaz de atrair os Advérbios, é o caso do Inglês e do Francês. Assim, quando o sujeito em uma interrogativa do Inglês sobe ao *spec* de *F''* vai para uma posição dentro de um Sintagma para o qual não irá o Advérbio. O próprio Modal do Inglês (ou o Verbo do Francês) estará em *f'*, outro Sintagma para onde não irá o Advérbio.
387. A ordem:
- a) Adv. + S + V
- em Inglês e Francês é, portanto, criada pela atração exercida pelo *τ''*, enquanto que em Português essa ordem é criada pela atração exercida pelo *F''*. Desta forma, as seguintes frases tornam-se impossíveis em Inglês e Francês:
- b) *Really will you do it?
 - c) *Will really you do it?
 - d) *What really will you do?
 - e) *What will really you do?
 - f) *Savez réellement vous son nom?
 - g) * Réellement savez vous son nom?
388. Eis a explicação das diferenças do comportamento dos Advérbios nas interrogativas das diferentes Línguas.
389. Nas negativas a coisa será mais simples. O sujeito em Português permanecerá no mesmo lugar que nas afirmativas e idem o Verbo. Ocorrerá que os Negadores estarão afixados aos Verbos e entre eles nada haverá senão afixos o que exclui os Advérbios:
- a) *Eu nem francamente gosto desse monstro idiota.
 - b) *Eu não francamente gosto desse monstro idiota.
390. Em outros contextos haverá um Quantificador negativo e entre este e um Determinante não poderá haver nenhum Advérbio:
- a) *Nem francamente eu gosto desse monstro idiota.
 - b) Nem eu francamente gosto desse monstro idiota.
 - c) *Nem recentemente uma idéia democrática surgiu na cabeça do Franco.
 - d) Nenhuma idéia democrática surgiu recentemente na cabeça do Franco.
391. O fato das formas modais negativas do Inglês serem palavras explicará fatos como esses:

- a) *Franco would humanly not act in any situation.
- b) Franco would not act humanly in any situation.

Das frases anteriores na primeira se inseriu um Advérbio dentro de uma palavra *would not* e por isso a seqüência ser agramatical.

392. O Francês deveria seguir mais ou menos o mesmo esquema do Português, porém supõe-se que o comportamento dos Advérbios em negativas esteja mais dentro ainda de um molde pollockiano.
393. As imperativas em Português são um caso a parte, já se disse, pelo fato de no cerne da gramática as construções imperativas não exclamativas não apresentarem um sujeito explícito. A colocação dos Advérbios nelas de se verificar é difícil por não se detectar prontamente a colocação do Advérbio com relação ao sujeito e ao Verbo. Há, contudo, construções imperativas exclamativas e mesmo outras periféricas que apresentam as formas explícitas de sujeito. Não fossem esses contextos reveladores, a ordem dos Advérbios em imperativas seria um arcano hediondo.
394. Em uma frase puramente imperativa a ocorrência de um sujeito explícito é periférica, portanto. No cerne da gramática está a obrigatoriedade de um sujeito oculto. Vejam-se as frases:
- a) Tempera(-a) levemente pro, senão o Frankenstein não come essa sopa envenenada.
 - b) Tempera(-a) tu pro levemente, que eu cozinho do meu gosto!
 - c) *Tempera(-a) levemente tu pro, que eu cozinho do meu gosto!
 - d) *Levemente tempera tu essa sopa (que eu cozinho do meu gosto).
395. O que ocorre com essas frases é simples: saturação da capacidade de haver especificadores em F". Quando só há um *pro* em F" há espaço para mais um especificador e o Advérbio para ali se pode mover. Mas, nenhum Sintagma tem mais de dois especificadores e quando se derivam as imperativas esdrúxulas aparecem dois sujeitos, os dois ocupando as posições de especificadores que seriam as únicas que os Advérbios poderiam ocupar. Os Advérbios em construções assim não têm outro sítio mais alto para ir que o segundo especificador de τ'' que fica mais abaixo de *pro*.
396. Observem-se dados do Inglês:
- a) *Drop slowly your gun.
 - b) Drop your gun slowly.
- Larga tua arma devagar.
397. Nas imperativas do Inglês o único lugar possível para os Advérbios é a posição de spec do v" que é a única ao mesmo tempo disponível e capaz de atrai-lo. Como o Advérbio se move antes do objeto e se torna o primeiro especificador, a ordem resultante tem sempre que ser O+ Adv. O Advérbio não sobe para o spec de F" porque nesta Língua este tipo de categoria não pode atrai-lo.

398. O fato de em Português o Advérbio sempre suceder um infinitivo é sinal de que mesmo em infinitivos o Verbo sobe ao v^o e em seguida a um T^o depois a um f^o que os toma como complemento diretamente:
- a) *Totalmente odiar o Carlos é normal.
 - b) Odiar totalmente o Carlos é normal.
399. Em Francês os movimentos a v^o e a T^o ocorrem mas não há um terceiro para f^o de modo que se o Advérbio é atraído para v^o pode suceder o Verbo e se para T^o pode anteceder-lo:
- a) Complètement perdre la tête por les belles étudiantes c'est dangereux!
 - b) Perdre complètement la tête por les belles étudiantes c'est dangereux!
Perder totalmente a cabeça por alunas bonitas é perigoso!
400. A subida de Verbos para T^o mesmo se infinitivos é uma característica geral das Línguas Românicas cuja morfologia é bem poderosa. As Línguas Românicas geralmente têm um sistema de concordância até para o infinitivo, sendo que em Português mesmo pode haver um infinitivo com concordância manifesta, o infinitivo pessoal.
401. Em Inglês tal não ocorre e o V^o fica dentro de outro Sintagma cujo núcleo parece ser a própria palavra *to*:
- a) To hardly speak Italian is normal.
 - b) *To speak hardly Italian is normal.
Falar Italiano com dificuldade é normal.
- Daí emergir o fato do Advérbio permanecer na sua posição original de adjunto, isto é, antes do Verbo infinitivo.
402. Por fim, reabordem-se casos mencionados no primeiro Capítulo. São frases cuja anomalia normalmente se atribui ao fato de o Advérbio estar longe do seu escopo. Vejam-se dois casos distintos manifestos em três frases diferentes:
- a) %A dona Hambúguer acha que ignorantemente_F a Ilha de França fica no Mediterrâneo t_F .
 - b) A dona Hambúguer acha ignorantemente_F [que a Ilha de França fica no Mediterrâneo] t_F .
 - c) *A dona Hambúguer acha t_F que ignorantemente_F a Ilha de França fica no Mediterrâneo.
403. A primeira frase é perfeitamente gramatical, pois o *ignorantemente* bem se poderia inserir no Cômputo inicial da oração subordinada e ser atraído para a posição anterior à *Ilha de França*. Mas uma frase assim não faz sentido porque a localização de nenhuma parte da Terra se dá de maneira ignorante.

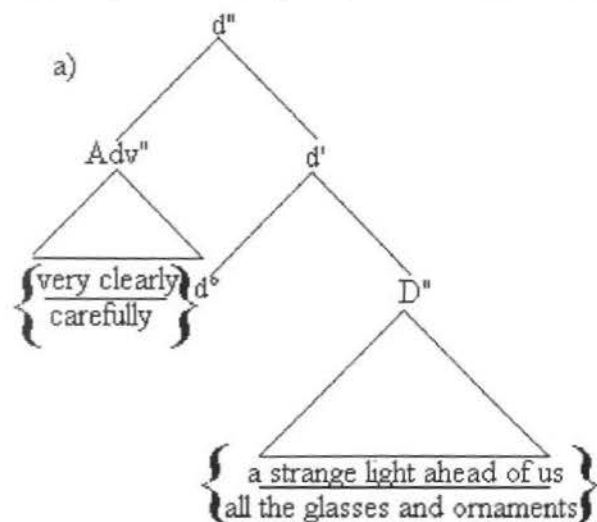
404. Entretanto, o sujeito da oração principal pode ser ignorante o bastante a ponto de pensar o que dizem as três frases, mas nesse caso *ignorantemente* não poderia vir no cômputo inicial da oração subordinada. Por questões de economia e de respeito a condição do menor elo *ignorantemente* não poderia sair de dentro da subordinada, daí a segunda frase ser agramatical.
405. Viesse *ignorantemente* no cômputo inicial da oração principal a frase poderia fazer sentido, mas este teria de subir e não descer como ocorreu na terceira frase.
406. Assim, esses problemas de escopo na verdade ou são questões da frase ter sentido ou não ou são questões de derivações incorretas, mormente por violação dos requisitos de economia das derivações.

Subseção 4. Os Longos Objetos

407. Haverá um caso que escapa a qualquer uma das duas hipóteses anteriores que é o fato de Inglês haver a opção entre as ordens V + O + Adv e V + Adv + O quando o objeto é longo. Vejam-se os exemplos:
- a) We could see a strange light ahead of us very clearly.
 - b) We could see **very clearly a strange light ahead of us**.
 - c) Podíamos ver muito claramente uma luz estranha à nossa frente.
 - d) I wrapped all the glasses and ornaments carefully.
 - e) I wrapped **carefully all the glasses and ornaments**.
 - f) Embrulhei cuidadosamente todos os vidros e ornamentos.
408. Se existe uma diferença de ordem entre os constituintes é porque necessariamente algo já vem de um diferente no Cômputo Inicial. A idéia intuitiva é de que há a opção se os objetos do Verbo forem longos. Ora, duas perguntas se há de fazer:
- a) o que afinal é curto ou longo em Sintaxe?
 - b) porque isso alteraria as opções de ordem?
409. Falar em coisas mais longas ou curtas é relativo, quando não subjetivo. Deveras alguns falantes de Inglês rejeitarão uma ou ambas as frases com os elementos pòsposos ao verbo em negrito marcados. Mas o que há por de trás dessa idéia de tamanho? A resposta está alhures, em um contexto em que o Advérbio sucede ao Verbo e antecede o complemento deste: quando há um caso clássico de ligação. Exemplos:
- a) I am extremely gorgeous!
Sou extremamente lindo!
410. Esse é o caso mais clássico de ligação, aquele que se efetua através de um verbo de ligação. Na verdade o Advérbio está dentro do que é o complemento do Verbo. O que isso tem de ver com os

objetos longos. A idéia subjacente é de que se trate de um objeto de “tamanho” grande o bastante para abarcar o Advérbio. Que coisa seria esta?

411. Vê-se que o complemento de um verbo nem sempre é um Sintagma Determinante ou um Quantificado ou coisa parecida. Às vezes, o complemento é toda uma frase ou em alguns casos o que certas pessoas chamam de mini-orção. Digamos que toda frase e toda mini-orção sejam um d'' . Uma frase inteira ou “maxi-orção” é um f'' que em seu complemento traz um F'' e todo o resto do esqueleto funcional. Uma mini-orção é algo que consiste só de um d'' e um complemento que pode ser um D'' ou um Q'' , etc... Se no Cômputo Inicial o que vem é uma mini-orção como complemento do verbo, os objetos dos exemplos apresentados assim ficariam:



412. Se a hipótese de que os Advérbios não se movem for a correta, dir-se-á que a ordem Adv+O interna desses objetos se preserva ao se mover toda a mini-orção. Se, entretanto, se aceitar a idéia de que os Advérbios se movem, tampouco fará diferença: no caso, todo o d'' se move e o Advérbio vai de carona com tudo o mais que está dentro de d'' que fica conferido. Nesse caso, a verificação dos traços do Sintagma Adverbial dar-se-á internamente a d'' . Esse processo interno dentro do d'' obrigaria a um estudo mais aprofundado das mini-orções que ficará de fora daqui.
413. Em qualquer uma das duas hipóteses anteriormente verificadas, será a mesma a explicação de porque em Inglês um objeto longo permite o Advérbio anteceder-lo e suceder ao Verbo.
414. Bem, algumas críticas se fariam a esta solução, não fossem explicações anteriores. Uma crítica possível seria a de que os Advérbios não estariam dentro da oração principal⁶⁸ onde parece estar o escopo delas. Visto que a relação entre o escopo e o Advérbio não representa grande coisa numa abordagem minimalista, tal crítica seria inválida. Outras críticas seriam a cerca da postulação e

⁶⁸ Se se adota o pressuposto de que uma mini-orção é no fim das contas uma oração à parte e distinta da oração principal.

representação de uma figura chamada mini-orção, principalmente quando em frases como as analisadas o sentido do predicado não sugere haver nele uma mini-orção. As mini-orções são uma idéia discutível e pouco clara na pesquisa contemporânea. Casos exemplares sempre se dão para explicar que diferenças de sentido existiriam entre uma mini-orção e uma outra estrutura qualquer. Em tantos outros casos menos ou nada exemplares não se sabe quando diferenças de sentido indicam ou não haver uma mini-orção em determinada situação dentro da frase.

SEÇÃO III. O BALANÇO

415. Neste Capítulo verificaram-se duas hipóteses mui distintas e divergentes sobre qual operação se efetua para a colocação dos Advérbios, uma de que os Advérbios não se movem e ipso facto se inserem nos lugares apenas por casamento e outra de que estes se movem de fato.
416. A primeira hipótese provou-se boa até certo ponto, mas deixa de lado vários fenômenos e entrega a outras hipóteses a responsabilidade de explicar fenômenos específicos de algumas línguas. Mesmo com essas hipóteses auxiliares, muitos fenômenos ficam inexplicados.
417. A segunda hipótese parece ter um poder explicativo maior e não precisa de outras hipóteses auxiliares. O único inconveniente possível da segunda hipótese é o sistema de traços à primeira vista complexo cuja existência ela obriga supor. Porém, isso não se trata propriamente de uma deficiência da hipótese em si mas de uma relativa ignorância dos fenômenos pertinentes às diferenças entre afirmativas, interrogativas, exclamativas e imperativas. Interrogações e negações sempre foram um assunto complexo para os estudos sintáticos e semânticos.
418. O balanço das coisas indica que há é uma hipótese com maior capacidade explicativa do que outra. Portanto, o presente teste pende para o lado da segunda hipótese. Qualquer que seja das duas, uma mesma explicação se dará para os objetos longos do Inglês precedidos de Advérbios e tão somente nesse caso nenhuma das duas hipóteses fará muita diferença. Qualquer que seja das duas hipóteses, o que parece estar mais em ação são operações envolvendo outras categorias, a posição dos Advérbios é muito mais reveladora dessas operações do que as que ocorrem com eles mesmos.

Último Capítulo

Conceber & Conceituar

*Mais à part ça, madame la Marquise, tout va très bien*⁶⁹.

SEÇÃO I. ASPECTOS EPSITEMOLÓGICOS DA TEORIA DOS ADVÉRBIOS

419. Em um momento da Sintaxe o emprego de noções importadas da Lógica e da Matemática alterou o modo da abordagem dos objetos em estudo. Essas noções começam em Saussure com a adoção do conceito de estrutura, de redes de oposição, de rotulação de entidades levantadas e outros mais. Com Chomsky tais noções se tornaram ainda mais fortes e presentes, não quando moldaram a Sintaxe atual.
420. As noções começaram bem matemáticas e lógicas e com o tempo ganharam especificidades dentro da Lingüística tendo diferenças sensíveis com seu estado original. A noção Saussureana dos eixos paradigmático e sintagmático encontraram na teoria dos grafos um modo conveniente de se expressarem e se evidenciarem.
421. Tal qual em seu estado inicial e bruto, a teoria dos grafos admitia vários tipos de representações. Dentre essas, as arborescências foram as que melhor se ajustaram aos propósitos de modelos sintagmáticos. Uma arborescência em Matemática, entretanto, representa apenas um conjunto de entidades marcadas por pontos e ligadas por linhas. Essas linhas significam que algumas entidades simplesmente prevalecem sobre outras.
422. A teoria sintagmática atual deriva da dos grafos mas dela difere em alguns aspectos. Um aspecto importante é que os pontos que prevalecem sobre os outros não são entidades diferentes, mas expansões de uma mesma entidade cujo núcleo é um dos pontos sobre o qual a expansão prevalece. Não é somente uma questão de hierarquia mas de hegemonia, ou melhor, de endocentricidade.
423. Em uma teoria como a dos grafos em Matemática poder-se-ia pensar em três pontos distintos um deles prevalecendo sobre dois e rotulado de Advérbio. Os outros dois se poderiam rotular como Preposição e Substantivo. Em uma teoria sintagmática, principalmente depois do advento de X-linha, tal idéia será inconcebível. As noções lógicas e matemáticas aplicadas à Lingüística já ganharam contornos próprios.
424. Uma teoria específica dos Advérbios antecede mesmo a era Saussureana e volta às raízes da Filosofia grega. Da distinção entre essência e acidente ou da entre substância e atributo veio o molde

⁶⁹ De uma canção francesa: “Mas, exceto por isso, senhora Marquesa, tudo vai muito bem.”

epistemológico categórico, a base da divisão das categorias. Essa distinção pode fazer sentido quando se interpretam as idéias veiculadas por itens do Léxico, mas não quando se examinam as categorias e o quadro delas. Não há sentido em se dizer que uma categoria é apenas o atributo de outra. Na verdade, duas categorias são entidades distintas e independentes. Haverá sim sentido em se dizer que traços são atributos de categorias. Pelo menos alguns traços o serão. Outros hão de ser a própria “substância” de uma categoria. Dentre os traços alguns serão essenciais e outros acidentais. Ora, dos acidentais a Linguística não cuida: toda ciência se ocupa da essência de seus objetos. Assim, não haverá categoria nem traço que seja lingüístico apesar de acidental. Seguindo uma oposição hegeliana, as Línguas constituem-se de entidades abstratas, os objetos concretos não fazem parte dela, nem poderão fazê-lo. Assim é que um Advérbio não é nem atributo nem acidente, embora um Sintagma Adverbial bem possa transmitir o significado de algo que seja um atributo ou um acidente.

425. Durante algum tempo se colocou aos estudos lingüísticos a necessidade e mesmo a premência de buscarem definições apropriadas às categorias. Dado que definições herdadas da era filológica não eram nem coesas nem empiricamente verdadeiras, novas definições se tentaram. Houve quem discutisse o conceito de palavra, de morfema, de Semântica etc... Na era gerativa adotou-se uma estratégia um pouco diferente, isto é, procurou-se tomar um quadro inicial de categorias como um conjunto de primitivos sem definição e a partir daí elaboram-se conceitos mais complexos. Se esse tipo de abordagem será o melhor ou o pior ou se mesmo fará alguma diferença é um debate que se vem realizando nos últimos quarenta anos e ninguém se aventurou a ocupar o posto de mediador para dar a martelada de encerramento. Portanto, não há uma definição gerativista de Advérbio como não há uma de Adjetivo, Substantivo etc... Haverá, contudo, instrumentos razoavelmente acurados para verificar se se lida com um mesmo primitivo não-definido ou com vários primitivos mui distintos.
426. Jung já postulava que todos os seres humanos nascem com arquétipos em suas mentes e que esses arquétipos já estavam no universo ab aeterno. Não deverá ser grande escândalo pensar que já nascem também com categorias sintáticas em uma parte da dita mente.
427. Leibiniz em sua obra a cerca das idéias dizia que se deve distinguir entre cérebro ou qualquer parte deste e mente. Os Advérbios como partes integrantes de um sistema chamado Linguagem que por sua vez compõe a mente não se confundiram com nenhuma manifestação física a eles associada ou com nenhum substrato material. Isso não será privilégio deles apenas, mas de suas irmãs categorias também.
428. As questões suscitadas nos planos filosófico e meta-teórico são muitas e não se enumerarão todas aqui.

429. Essa dissertação deve fechar-se com um panorama geral de seus pensamentos. Há outras coisas mais que não foram ditas anteriormente e à dissertação presente agora se somam. Passe-se às outras seções, portanto.

SEÇÃO II. OS HORIZONTES E OS VÉRTICES

Subseção 1. Das Idéias Derrubadas

430. Conceber e conceituar para muitos e se os preciosismos convierem hão de ser assaz dissimilares. Indagações deslocadas levam a formulações impróprias e não assiste a nenhuma teoria respondê-las.
431. Dos fenômenos observados na bibliografia extensa consultada alguns são artefatos das suposições ligeiramente equivocadas. Outros deles, entretanto, pertencem ao mundo dos Advérbios de fato e de direito. Parte desse trabalho consistiu em identificar os pseudo-fenômenos baseando-se numa teoria gerativa e minimalista. Outra parte foi conceber um aparato que governasse esse conjunto de fenômenos verdadeiros.
432. O conjunto de deduções principais obtidas a enumerar-se traz em si várias negativas:
- Os Advérbios em Português são apenas dois: *mente* o feminino e $\emptyset$ o masculino e não outros mais;
 - Os Advérbios não são categorias inflexivas;
 - A noção de escopo não é útil para uma Sintaxe minimalista, nem pode predizer nenhum fenômeno, nem sequer pode ser predita por nenhuma relação sintática;
 - Um Advérbio não modifica o outro;
 - Os Advérbios não são fixos, eles movem-se carregando todo seu Sintagma.

Subseção 2. As Indagações Respondidas

433. Ditas as conclusões negativas dessa dissertação, faça-se um panorama geral de seus apanhados. Para tal repetir-se-ão aqui as questões formuladas no Intróito, cada uma agora com sua resposta respectiva. Tais perguntas aqui aparecerão em negrito.
434. **Até que ponto as diferenças de ordem dependem de diferenças categóricas e até que ponto dependem das condições de movimento de α ? Quais fatores determinam a ordem dos Advérbios?** Essas são duas perguntas cujas respostas se completam. O que determina a ordem dos Advérbios são três fatores distintos:
- a atração que uma ou outra categoria do esqueleto funcional exerce sobre pelo menos um dos traços do Advérbio que será por ela conferido;

- b) o caráter ativo ou inerte dos traços das categorias que provoca ou não o movimento das outras categorias vizinhas do Advérbio
 - c) e as condições de economia que se impõem a toda a derivação da frase.
435. O segundo fator varia de Língua para Língua e está de algum modo ligado a maior ou menor riqueza morfológica das mesmas. Em todas as línguas analisadas o primeiro fator não parece variar, pois o traço que atrai o Advérbio antes da lida parece ser ativo nas três. O traço que atrai os Advérbios só será inerte nas Línguas que só os admitirem em posição final de frase. De forma que tudo o que diz respeito ao movimento de α diz respeito numa maneira geral à ordem dos Sintagmas Adverbiais. O problema da diferença entre as categorias leva a essa outra indagação:
436. **Porque alguns Advérbios têm ordem mais livre e outros mais rígida?** Na verdade, alguns dos tradicionalmente chamados Advérbios não o são. São outras categorias e a sua colocação dá-se de modo diferente dos Sintagmas Adverbiais verdadeiros. Os Pseudo-Advérbios têm uma ordem mais rígida e os Advérbios verdadeiros gozam de uma mais livre.
437. **As diferentes ordens indicam/refletem o fato do Advérbio estar como adjunto a Sintagmas Temporais, Sintagmas de Concordância, Sintagmas Verbais, etc.?** A resposta é não exatamente. Todo Advérbio nasce adjunto do Sintagma Verbal e depois sobre para alguma posição mais alta onde terá seus traços conferidos.
438. **A possibilidade de alguns Adjetivos virem antepostos aos Substantivos e outros não, por exemplo:**
- i) **Bela menina a Priscila!**
 - ii) **Menina Bela a Priscila!**
 - iii) **Velha briga a dos Montéquios e Capuletos!**
 - iv) **Briga velha a dos Montéquios e Capuletos!**
- tem correlação com a maior liberdade ou rigidez da ordem dos vários Advérbios?** Até onde se investigou a resposta é não, pois os Adjetivos e os Advérbios são categorias diferentes e de comportamento mais desigual ainda. O Advérbio não é nem se compara a uma espécie de Adjetivo do Verbo.
439. **Porque as ordens diferem nas frases afirmativas, negativas, interrogativas, exclamativas e imperativas, se em Português, ao contrário de em Francês e em Inglês, não se faz a distinção Afirmativa versus Interrogativa normalmente pela mudança de ordem?** Em Português o sujeito das frases sempre se encontra mais alto que nas demais Línguas analisadas. O que se dá com os Verbos e Modais nas outras Línguas também se dá em Português, apenas a posição mais alta do sujeito em Português mascara o fenômeno. Disso decorre que algumas categorias por vezes vão a uma

posição muito alta para qual o Advérbio não é atraído. Daí que o Advérbio em certos tipos de frase não pode ocupar todas as mesmas posições superficiais que ocupa em uma afirmativa.

440. **Valerá a pena multiplicar-se o número de Categorias para dar conta de questões distributivos e posicionais?** Sim, pelo menos em parte. Na verdade uma economia do quadro reunindo muitos itens sob uma mesma categoria obriga o reconhecimento de inúmeras subcategorias. O número de subcategorias não é menor do que se se mantiverem as categorias maiores com que atualmente trabalham os lingüistas. Portanto, não há propriamente uma multiplicação, mas uma recolocação das categorias. Mais a mais, será um quadro adequado às precisões teóricas e às evidências empíricas.
441. **Quais traços definem a Categoria Advérbio?** Nesses trabalho três tipos de traços se vislumbraram. Um é o traço +M do Advérbio que precisa de ser conferido. Outro é o traço de gênero do Advérbio que confere os do Adjetivo em seu especificador. Um terceiro traço terá de ver com a atribuição do caso ablativo⁷⁰.
442. Com isso se fecha o panorama geral do percurso dessa dissertação até aqui percorrido. As colocações feitas nos capítulos anteriores forçam a uma revisão de uma parte da História da Língua e deixam umas questões em aberto. Empreendam-se tais tarefas.

SEÇÃO III. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DIACRÔNICAS ADICIONAIS

Subseção 1. Do Latim Ao Português

443. De análises sincrônicas constituído não apenas, implícitas outrossim implicações de ordem diacrônica tinha este trabalho, em reconsiderando o próprio quadro morfológico sincrônico e obrigando à revisão da História da Língua. Façam-se algumas considerações de ordem diacrônica adicionais.
444. A mudança histórica notável que do Latim ao Português houve um sufixo *mente* não criou a partir de um substantivo, antes tal substantivo se reanalisou como uma palavra funcional. Desapareceram os sufixos adverbializantes do Latim como *-ter* em
- a) *constanter* e
 - b) *firmiter*.
445. Uma possibilidade que tinha o Latim de expressar sentido igual a de um Advérbio era através do caso ablativo que não desapareceu do Português. O caso ablativo em Português manifesta-se morfológicamente nos pronomes dentro de Sintagmas Preposicionados como:

⁷⁰ Ver a seguir.

- a) dentro de ti;
- b) para mim;
- c) em si.

Ipsa facto dir-se-á que os substantivos recebem caso ablativo em expressões como:

- d) de marcha à ré;
- e) sob certo prisma;
- f) com cuidado e precisão.

446. As construções ablativas em Português ainda pelo menos dão a idéia de instrumentalidade, mas não se constituem Locuções (ou Sintagmas) Adverbiais como quer a tradição. Quiçá o Adjetivo especificador de *mente* ou de *Ø* também receba caso ablativo. Porém, a questão da ablatividade em Português é tópico para outra pesquisa mais geral e não para uma mais focada nos Advérbios. Em nenhum momento se deve confundir um tópico com outro.

447. Daí tem-se de falar de outras falsas Locuções Adverbiais. Do Latim ao Português vieram e incluem-se entre os Pseudo-Advérbios expressões que originalmente eram grupos de várias palavras livres e hoje se comportam como uma única palavra, dada a cristalização. Por exemplo:

- a) Ipso facto,
- b) Ipsis litteris,
- c) Ad hoc,
- d) Et cetera,
- e) Post hoc propter hoc,
- f) Ad kalendas graecas,
- g) Ex post facto,
- h) Exempli gratia.

448. Obviamente, nem todos latinismos se cristalizaram. Há ainda Sintagmas Preposicionados Latinistas que se comportam como grupos de palavras e não se cristalizaram tais como:

- a) A grosso modo,
- b) A priori,
- c) A posteriori e vários outros.

Uma evidência de que estes não se cristalizaram está no fato de que se pode inserir algum outro termo dentro de um deles:

- d) A muito grosso modo,
- e) A bem priori,
- f) A bem posteriori.

Ou invertê-los:

- g) A modo grosso,
- h) A modo muito grosso.

Subseção 2. Do Português Arcaico

449. A propósito de preocupações mais diacrônicas há de se fazer um breve comentário sobre supostos Advérbios ditos arcaicos, como a palavra arcaica *er* e outras mais. Exemplos:
- a) Meu pai *er* pode carregar qualquer um.
O sentido de uma frase assim é aproximadamente o de:
 - b) Meu pai *ben/muito* pode carregar qualquer um.
450. *Er* também se grafava *ar* e às vezes *par* ou *per*. Como a grafia fosse duvidosa, não se pode traçar o percurso tomado por tal palavra até os dias de hoje. Provavelmente desapareceu do dialeto padrão. Em virtude disso não se analisará tal forma, nem se arriscará tentar precisar a qual classe pertenceria. De resto, alguns supostos Advérbios considerados extintos por alguns Filólogos, como Said Ali⁷¹, nem se extinguíram nem são Advérbios, por exemplo:
- a) a fundo, em fundo;
 - b) acima, em cima;
 - c) estonce, entonces, entom;
 - d) a for;
 - e) desi;
 - f) tamalavez.
451. O problema desses primeiros exemplos é somente uma questão de campo semântico e de alomorfia. Provavelmente Said Ali não notara ou não quis admitir que os campos semânticos deles ainda abarcam as significações antigas. *Estonce, entonces, então*, etc... são casos de alomorfias de *então* que não ficaram nos dialetos mais cultos mas persistem em alguns dos populares, principalmente os rurais. *Desi* e *tamalavez* são apenas alomorfes desaparecidos de *depois* e *talvez*, mas os limites de seus campos semânticos até hoje incertos obnubilaram o Sintaticista. *A for* lembra expressões comuns com a forma *for* do verbo *ser* que denotam o que esteve corrente em lugar ou época determinados.
452. Um caso afim a todos os supracitados é também o da expressão *caso haja uso*. Esta pode significar por acaso e quem textos mais antigos por vezes aparece escrita como numa pronúncia bem rápida o que dá *cajuso*. Said Ali pensou que esta fosse igualmente um Advérbio desconhecido de nossos dias.

⁷¹ Ver a sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*.

453. Já *inde*, *ende*, *en* poderiam ter sido alomorfes cujo campo semântico era ligeiramente diferente do atual, vendo-se os exemplos citados por Said Ali:

- a) Filaram-lhes eles *inde* seis casais que desfrutaram e que lhes nunca *inde* deram quinhões.

Said Ali interpretou-os como:

- b) Tiraram-lhes disso seis casais que desfrutaram e que lhes nunca disso deram quinhões.

Bem, rescritos os exemplos com *ainda* o sentido não fica muito longe, embora pouco um estranho:

- c) Filaram-lhes eles ainda seis casais que desfrutaram e que lhes nunca ainda deram quinhões.

Os campos semânticos de *ainda* e *daí/disso* têm fronteiras por vezes nebulosas, Suspeita-se que em por ventura em tempos idos houvesse uma interseção entre eles. Todavia, dizer que o *inde* cedeu lugar para o *ainda* é duvidoso, mesmo que ambos tenham uma etimologia comum. O mais certo é dizer que eles correspondiam ao que o *en* do Francês hoje corresponde.

454. *Asinha* é o exemplo mais clássico de Advérbio arcaico, mas não o é tanto: por ser muito citado pelos filólogos, acabou bem conhecido entre os nossos contemporâneos e ficando com emprego literário. Nos dialetos populares ou na linguagem coloquial sobrevivem reanálises deste:

- a) Vá comprar pão numa asinha.

455. *Bofé* é um caso parecido com *Asinha*: é citado demais, embora nem todos os dicionários o registrem.

456. Por fim, *samicas* e *toste* parecem ter realmente desaparecido, pelo menos da linguagem culta. Desconhece-se, contudo, algum dialeto no qual se preservaram, ainda que uma alomorfia deles.

457. O problema maior tanto das expressões supostamente mortas quanto das realmente é que não se podem fazer exames seguros para se precisar se se trata de Advérbios ou de outra Categoria.

458. Até aqui se falou dos Advérbios mais dentro do cerne da Gramática e do Léxico. Há outro fato da periferia interessante relacionado à diacronia sobre o Advérbio *mente* este pode ter em seu especificador um Adjetivo feminino numa forma fóssil, o que resulta em exemplos como:

- a) Burguesmente;
- b) Portuguesmente.

Em fases anteriores da Língua, os Adjetivos terminados em *-es* tinham homófonas as formas de ambos os gêneros. Essas formas não existem mais no Léxico senão para servirem de especificadores do Advérbio *mente*. Eis um idiotismo de explicação um bocado difícil e que para já escapa ao campo desta tese; respeitando a uma teoria dos fenômenos diacrônicos mais complexa.

SEÇÃO IV. QUESTÕES EM ABERTO

Subseção 1. X' Versus X'

459. Nesta seção abordar-se-ão outras questões que os Advérbios colocam à teoria sintática, principalmente a um modelo minimalista, ou pelo menos questões mais teóricas que têm relação com os Advérbios. Também se mencionarão outras questões mais empíricas para as quais essa tese não apresentou nenhuma solução direta. São questões difíceis cuja resposta não está nehuces nesta tese. Comece-se pelo problema da sobriedade das estruturas sintagmáticas.
460. Em primeiro lugar supõe-se que uma estrutura sintagmática **realmente parca** tem um número reduzido de acessórios, sendo apenas um de cada tipo. Para fins de uma intelecção plena, tais acessórios do núcleo hão de ser os mais distintos os possíveis. Como se definirão tais acessórios senão pela posição? Ao redor do núcleo existem apenas duas posições sintaticamente possíveis: uma anterior e outra posterior. Exclui-se portanto uma terceira posição, a não ser que haja uma diferenciação na operação envolvida. Assim por definição todo núcleo só pode ter três tipos distintos de acessórios e não mais. Sejam esses o adjunto e o especificador) que se antepõem ao núcleo e o complemento (também às vezes dito objeto) que se pospõe ao mesmo. Esboce-se a estrutura sintagmática assim:
- a) $X''[W X'[K X'[X^\circ Y]]$
461. Em uma estrutura totalmente parca não deveria haver mais de um complemento, nem de adjunto. Qualquer complemento que estiver dentro de Y será complemento de Y e não de X. E se houvesse uma estrutura assim $X^\circ[X^\circ Z]$, Z seria um sufixo e não um complemento. Do mesmo modo seria lógico pensar que não há mais de um adjunto.
462. Já Chametzky (1993) provara que é impossível a adjunção de Chomsky por motivos puramente teóricos dentro de uma abordagem pré-minimalista. Não haverá motivos para crer-se que uma abordagem minimalista seja menos econômica do que as anteriores. Kayne (1994) chega mesmo a propor que não há diferença entre um adjunto e um especificador, de forma que se um Sintagma já tem um adjunto, não deveria ter um especificador além disso. Os motivos da argumentação de Kayne não caem tão bem dentro dos moldes minimalistas por motivos que Chomsky (1995) expõe quase que exaustivamente. Aqui, o problema que se detecta na postulação da existência de mais de um elemento pré-nuclear vai por outro lado.
463. Não adiantará recorrer-se a uma notação em que o primeiro adjunto seja irmão de X' e filho de X'. Uma estrutura assim desrespeita a noção de c-comando que é:
- a) A c-comanda B se e somente se todo nó que domine A também dominar B e A não dominar B nem vice-versa.

Ora não pode o mesmo nó que domina o adjunto c-comandá-lo. Por outro lado, se se disser que tudo não passa de uma simples notação, em dois problemas incorrerá isso. Primeiro que dentro de uma abordagem gerativa não há “simples notações”, no sentido de que nenhuma notação seja desprovida de capacidade preditiva e num aparato minimalista o que é impotente se descarta, isto é, não se explicita na notação. Segundo que na verdade se dirá que o que de fato existe é uma estrutura do tipo: $X^3[\text{adjunto}_1 X^2[\text{adjunto}_2 X^1[X^\circ \text{Complemento}]]]$, a qual a notação com linhas apenas disfarça. Essa, aliás, era uma das idéias de Jackendoff. Porém, isso contradiria o pressuposto minimalista de que só existam expansões máximas e mínimas, para além de um nó X' intermediário obviamente necessário. Em havendo algo acima de X^2 (ou $X^{\max}$) não será portanto máxima tal expansão. Além do que, todos os n adjuntos estarão numa mesma posição, isto é, antepostos ao núcleo, o que para efeitos de intelecção os torna indistintos e ipso facto um mesmo acessório. De forma que não haverá mais do que um adjunto possível, se seguida a lógica estrita do modelo.

464. Isso dito, importa dizer que dentro de X° não haverá uma estrutura $X^\circ[X^\circ Z]$. O que haverá ao invés disso não será assunto para a Sintaxe, mas para a Morfologia, embora a afixação seja um tipo de movimento na estrutura sintática. A afixação é possível em Sintaxe justamente por haver outro nível abaixo dela que é a Morfologia, daí poder-se postular a existência de categorias negativas que são menores do que as expansões mínimas da Sintaxe. Mas como não há outro nível acima da Sintaxe na frase, então não existirão categorias maiores do que uma expansão máxima.
465. Esse problema colocado destruiria tudo o que se expôs atrás, não fosse o fato de que ainda não há uma resposta satisfatória para ele. Recolocaria pelo menos a questão de outra forma mais radical. Saber onde se encontrariam os Advérbios ao longo da frase ficaria muito mais difícil.
466. Não há uma resposta imediata para esse paradoxo exposto, nem se saberia como localizar os Advérbios a partir de uma lógica assim tão extremista.

Subseção 2. O Menor Elo

467. Outra noção parcialmente em jogo será a condição do menor elo. A investigação que se fez nas seções anteriores e as objeções apresentadas no Segundo Capítulo recolocam o papel de tal noção.
468. Originalmente a idéia era de que a condição do menor elo explicaria porque determinadas escolhas e casamentos no Cômputo Inicial fariam colidir a derivação ou a impediriam de se completar. Entretanto, a condição do menor elo não explicou exatamente a colisão das derivações nos casos estudados.
469. O que melhor a condição do menor elo explica parece ser que elementos se devem mover antes de outros e que ordens resultam do fato de quem primeiro se moveu. Nesse sentido e em tais casos, a condição do menor elo mostra-se bastante produtora e uma explicação eficiente.

470. O tipo primeiro de agramaticalidade que ela prediz não é a colisão da derivação, mas a impossibilidade de se proceder ao movimento pulando nós do indicador, isto é, torna inexistente o longo movimento. Portanto, não é que a derivação colida ou não se complete por um longo movimento, mas sim que não chega a haver nenhuma derivação com movimento longo.
471. Portanto, a condição do menor elo é muito mais primitiva do que o texto de Chomsky sugere.
472. A questão que fica aberta nesta subseção é a seguinte:
- a) Até que ponto a condição do menor elo, sendo tão importante quanto é no modelo, não se autodestrói ao derrubar as bases que levaram à sua própria formulação?
- Aplique-se essa pergunta a um exemplo, refazendo-a de modo um pouco mais concreto:
- b) Sendo falho o exemplo de Chomsky de como funcionaria a condição do menor elo, mostrando equivocadamente como um Advérbio por causa dela estorvaria o movimento do complemento do Verbo, que evidências empíricas se arrumarão para se continuar a postulá-la nos termos que vem sendo?
473. Talvez se trate de uma pseudo-questão. Talvez todos os exemplos dados ao longo dessa tese corroborem empiricamente tal idéia. Certamente, está-se diante de uma idéia verdadeira cujo futuro pode ser lamentavelmente incerto e cuja exclusão do modelo num estágio futuro poderia acarretar um grande retrocesso.
474. Eis um questionamento difícil que demanda mais investigação e elaboração de um ou mais trabalhos específicos a respeito. Nesta tese, contudo, ficará sem solução.

Subseção 3. As Classes de Advérbios após o Ocaso do Escopo

475. Essa parte da dissertação é desaconselhável aos que bem entenderam a parte do intróito sobre os problemas taxionômicos e a seção do primeiro capítulo que trata do escopo. Esses poderão e deverão passar à próxima subseção, pois a questão em aberto aqui ser-lhes-á irrelevante.
476. Partindo-se, pois, do preceito de que os Advérbios se movem também, como ficaria a classificação⁷² dos tipos de Advérbio segundo o escopo e a posição que tomam ou não de modo a fazer ou não sentido a frase? Eis uma questão que esse trabalho não responderá. Contudo, alguns aspectos dela aqui hão de se sondar.
477. De acordo com classificações do gênero, como a de Jackendoff, existem os seguintes grupos de Advérbios:
- a) Grupo I
- figuram nas extremidades de uma frase ou antes (ou após conforme a Língua) do predicado sem alterar sentido com isso, por exemplo:

⁷² Ver Jackendoff (1972).

- i) *cleverly,*
- ii) *clumsily,*
- iii) *carelessly,*
- iv) *happily,*
- v) e outros;

b) Grupo II

figuram nos mesmos lugares que os do anterior mas alteram o sentido conforme o local exato, por exemplo:

- i) *quickly,*
- ii) *slowly,*
- iii) *reluctantly,*
- iv) *sadly,*
- v) *quietly,*
- vi) *frequently*
- vii) e outros;

c) Grupo III

figuram somente em início de frase e antes (ou após conforme a Língua) de predicado, por exemplo:

- i) *evidently,*
- ii) *probably,*
- iii) *certainly,*
- iv) *unfortunately,*
- v) *naturally*
- vi) e outros;

d) Grupo IV

figuram somente antes (ou após conforme a Língua) de predicado e no final de uma frase, por exemplo:

- i) *completely,*
- ii) *easily,*
- iii) *totally,*
- iv) *handily,*
- v) *badly,*
- vi) *mortally*
- vii) e outros.

478. Essa classificação encontraria os seguintes exemplos em Português que poderiam encaixar-se nela:

- a) Grupo I:
 - i) O Popeye da Silva fuma espinafre na Marinha desajeitadamente.
 - ii) O Popeye da Silva fuma espinafre desajeitadamente na Marinha.
 - iii) O Popeye da Silva fuma desajeitadamente espinafre na Marinha.
 - iv) O Popeye da Silva desajeitadamente fuma espinafre na Marinha.
 - v) Desajeitadamente o Popeye da Silva fuma espinafre na Marinha.
- b) Grupo II:
 - i) O Popeye da Silva fuma espinafre na Marinha estranhamente.
 - ii) O Popeye da Silva fuma espinafre estranhamente na Marinha.
 - iii) O Popeye da Silva fuma estranhamente espinafre na Marinha.
 - iv) O Popeye da Silva estranhamente fuma espinafre na Marinha.
 - v) Estranhamente o Popeye da Silva fuma espinafre na Marinha.
- c) Grupo IV:
 - i) O Marmo numa luta de boxe acabou com o Mike Tyson totalmente.
 - ii) O Marmo numa luta de boxe acabou totalmente com o Mike Tyson.
 - iii) %Totalmente o Marmo numa luta de boxe acabou com o Mike Tyson.

479. Os elementos que se encaixariam nos Grupos I e II não apresentam diferenças brutais entre si. Deveras, as frases dos exemplos com *estranhamente* que ficaria no Grupo II podem ter sentidos diferentes ou não. Veja-se a frase:

- a) O Popeye da Silva estranhamente fuma espinafre na Marinha.
que se pode entender tanto
- b) É um fato estranho o Popeye fumar espinafre.
como
- c) O modo como o Popeye fuma espinafre é estranho.
ou ainda
- d) A coisa estranha que fuma o Popeye é espinafre.
ou mesmo
- e) A Marinha é lugar estranho para o Popeye fumar espinafre.

480. Igualmente uma frase como

- a) O Popeye da Silva fuma estranhamente espinafre na Marinha.

admitiria as mesmas interpretações. As demais frases idem. O que pode ocorrer nessas frases é que conforme a ordem alguns falantes tendam a interpretá-la primeiramente de um modo e não de outro. Mas a mudança de sentido não é obrigatória.

481. Além do que, poder-se-ia pensar em várias interpretações para frases com *desajeitadamente* que supostamente estaria no Grupo I. Veja-se a frase

- a) O Popeye da Silva fuma desajeitadamente espinafre na Marinha.
que poderia receber várias interpretações:
- b) O modo dele fumar espinafre é desajeitado.
- c) A Marinha é lugar desajeitado para ele fumar espinafre.
- d) O que há de desajeitado no fumar dele é que o que ele fuma é espinafre e não cigarro ou charuto.

E assim por diante. Talvez sejam sentidos que não ocorram facilmente, mas são possíveis. Não seria verdade, então, que houvesse um grupo de Sintagmas Adverbiais cuja presença numa oração sempre traz o mesmo sentido.

482. O Grupo III parece não existir em Português. O que certos Sintagmas Adverbiais finais podem exigir é uma entoação diferenciada, uma mudança de ritmo ou uma pausa antes, como em:

- a) O Bigodudo é um idiota, evidentemente.
- b) O Bigodudo não leu nada do que lhe passei, provavelmente.
- c) Há gente que leva a sério o Bigodudo, infelizmente.
- d) O Bigodudo nunca escreveu nenhum livro, certamente.
- e) Ninguém entende o que o Bigodudo escreve, naturalmente.

Mas nem sempre essa entoação, pausa ou ritmo diferente será estritamente necessário⁷³:

- f) O Bigodudo é um idiota evidentemente.
- g) O Bigodudo não leu nada do que lhe passei provavelmente.
- h) Há gente que leva a sério o Bigodudo infelizmente.
- i) O Bigodudo nunca escreveu nenhum livro certamente.
- j) Ninguém entende o que o Bigodudo escreve naturalmente.

483. De qualquer modo classificações deste tipo recaem no esquema geral já mencionado no Intróito, segundo o qual há Advérbios:

- a) de Frase,
- b) de Predicado,

⁷³ Convirá lembrar-se que na época de sua proposição, pensava-se que todo e qualquer Sintagma como AUX (mais tarde rebatizado de Infl) poderia ter tanto adjuntos à esquerda quanto à direita e essa pausa ou mudança entoacional interpretava-se como evidência de que o Advérbio final fosse um adjunto à direita de AUX. Daí a classificação de então diferenciar final de Aux e final de V".

- c) de Verbo
- d) e de Constituinte.

484. Essa é um tipo de classificação que organiza os Advérbios em função de seu escopo. Há vários pontos em contrário a fazer-se uma organização assim, se se seguem as linhas de raciocínio e descoberta desse trabalho. Um deles é que de fato não há um espaço para o escopo no programa minimalista. Mesmo que houvesse, ainda não se poderia fazer uma classificação nesses termos porque o escopo não é nenhum traço nem qualquer conjunto de traços. Além do mais, essas não são classificações do Advérbio em si, já que Advérbios só há dois: *Mente* e *Ø*. São classificações dos Adjetivos dentro dos Sintagmas Adverbiais. Então, no caso do Inglês não é o elemento *ly* que é do grupo I, II ou III ou é de Verbo, de constituinte ou de frase. São os Adjetivos *sad*, *unfortunate*, *mortal* etc. que se podem enquadrar nesse tipo de classificações.

485. O que se deverá fazer então com esses tipos de classificação baseadas no escopo? Bem, não se pode dizer o que fazer com elas aqui. Pode-se, contudo, dizer que na verdade elas equivocada ou ingenuamente levantaram problemas semânticos que não se restringem à categoria dos Advérbios. Vejam-se as frases a seguir do Português e do Inglês:

- a) %O Jorge leu o livro completamente.
- b) George read the book completely.
- c) O Jorge leu o livro todo/inteiro.

A primeira frase não faz sentido em Português apesar de gramaticalmente possível e a segunda é perfeitamente interpretável em Inglês. Isso, entretanto, terá de ver com o comportamento das formas verbais e adjetivas correspondentes em Português:

- d) %O Jorge completou a leitura do livro.
- e) O Jorge terminou a leitura do livro.
- f) %Completada a leitura do livro o Jorge foi matar cachorro a grito.
- g) Terminada a leitura do livro o Jorge foi matar cachorro a grito.
- h) %Matar cachorro a grito exige a leitura completa do livro.
- i) Matar cachorro a grito exige a leitura do livro todo/inteiro.

Ora, ocorre que em Português não se dizem coisas como *completar a leitura* ou *ler completamente*. Existe *completar o percurso* e *terminar a leitura* ou *ler tudo/ o livro inteiro*. Portanto, é uma questão que tem a ver com o valor semântico de *completar* e dos seus cognatos que se encontra registrado dentro do verbete de cada um desses itens.

486. As frases com *totalmente* tem o mesmo problema, embora em um grau menor, porque parte da falta de sentido terá de ver também com o Verbo *acabar* e seus cognatos, ou seja, é um problema entre as famílias das palavras *total* e *acabar*:

- a) %O acabamento do Mike Tyson foi total.
- b) %A totalidade acabada do Mike Tyson deu a vitória ao Marmo.
- c) %Ele totalizou o acabamento do Mike Tyson.

Ou seja, nem toda combinação entre os membros das famílias de *total* e *acabar* resulta em algo que faça sentido. No caso de *totalmente* não é o sentido que permite ou não a ordem, mas a ordem que pode dificultar o relacionamento de sentido coma família de *acabar* que já não é fácil em uma ordem mais direta.

487. O mesmo caso é o da família de *parte*. Vejam-se os exemplos:

- a) O legista entendeu parcialmente os argumentos do alagoano.
- b) %Parcialmente ele entendeu os argumentos do outro.
- c) %O Entendimento do legista foi parcial.

488. Mas, afinal de contas o que terão em comum as famílias de *parte*, *acabar*, *total*, *terminar* e *completo*? Que propriedade semânticas são essas? As famílias mencionadas estão semanticamente ligadas a idéia de quantidade, de todo e fração. É, portanto, uma questão semântica geral: a da quantificação (e/ou da totalidade). Uma questão semântica e não sintática e que transcende as fronteiras da categoria dos Advérbios. Uma questão que também tem de ver com as especificações de sentido, de significado em cada um dos verbetes dessas famílias.

489. Casos considerados similares que não envolvam quantificação estarão relacionados a outras questões semânticas gerais. Algumas dessas questões poderiam ser a focalização, a aspectualização *latu sensu*, a emotividade, o espaço e muitas outras mais.

490. Esses últimos dados colocam a questão para fora da idéia de escopo de uma vez por todas. O problema de sentido em frases como as mencionadas não tem nada de ver com escopo, nem é algo exclusivo dos Advérbios, ou melhor, dos Adjativos dentro dos Sintagmas Adverbiais. É algo que tem de ver também com os Verbos, com Substantivos e com todas as categorias que às vezes se confundem com Advérbios, isto é, os Sintagmas Preposicionados, Quantificados, etc. Ou melhor, tem de ver com todas as categorias do Léxico. Portanto, classificações como as mencionadas podem servir, dando-se um enorme desconto ao ignorar-se sua gênese na velha idéia de escopo, para organizar semanticamente quase todos os itens do léxico. Ou seja, trata-se de uma empresa taxionômica maior a ser realizada que não se restringiria aos Advérbios.

491. A ordem do Sintagma Adverbial não é determinada por questões de sentido e sim as questões de sentido que podem ser ajudadas ou atrapalhadas por ela, já se disse aqui. Em parte isso dar-se-á porque toda e qualquer ordem indireta em Português, Inglês e Francês dificulta o processamento da informação veiculada pela frase. Quando, entretanto, ocorre uma inversão ou hipérbato com categorias cuja ordem não varia muito, o leitor ou ouvinte atrapalha-se menos porque logo percebe

que a ordem é indireta. Quando, por outro lado, há uma categoria cuja liberdade de ordem é maior, como é o caso dos Advérbios, o leitor ou ouvinte custa a perceber que o que se passa é que a ordem está “trocada” e daí o processamento fica muito mais difícil.

492. Casos em que o Advérbio atrapalha o processamento da informação bem servem ao registro poético, já que induzem à alteração do processamento da informação. Veja-se o caso da primeira estrofe de um poema de João Cabral de Melo Neto:

a) *Enquanto com Max Bense eu ia
como que sua filosofia
mineral, toda esquadrias
do metal-luz dos meios-dias,
arquitetura se fazia:
mais um edifício sem entropia,
literalmente⁷⁴, se construía:
um edifício filosofia.*

A presença de *literalmente* no lugar que está obriga o leitor a ler e reler o poema várias vezes e assim imaginar várias combinações possíveis de sentido entre as palavras. A inversão

b) *como que sua filosofia mineral, toda esquadrias do metal-luz dos meios-dias arquitetura
se fazia:*

no lugar da ordem

c) *fazia-se arquitetura como que sua filosofia mineral, toda esquadrias do metal-luz dos
meios-dias*

não induz o leitor a reler o poema tanto quanto a posição de *literalmente* entre *sem entropia* e *construía*.

493. Bem, o mesmo há de se dar com frases fora do registro poético:

a) De cabeça baixa pela rua ia parecendo chorar a Ana Carolina quando lhe disse que tinha de voltar para o computador.

b) %Totalmente o Marmo acabou com o Tyson.

Além dos já mencionados problemas entre as famílias de *total* e *acabar*, há uma dificuldade de processar a segunda frase maior na primeira. Na primeira o ouvinte ou leitor já percebe que a frase está na ordem indireta logo em *de cabeça baixa*, pois os Sintagmas Preposicionados não têm uma liberdade de ordem canônica muito grande. Já os Sintagmas Adverbiais têm uma liberdade de ordem enorme, quase nem tendo uma ordem canônica e por isso o ouvinte ou leitor não percebe na segunda

⁷⁴ O Sintagma Adverbial está em negrito para melhor localização em meio aos versos.

que pode haver uma inversão na ordem, processando-a como se estivesse na ordem direta, sem, por isso mesmo, conseguir entendê-la. Isso obriga-o a reprocessar a frase até entendê-la.

494. Eis que três coisas distintas podem ocorrer, portanto, com os fenômenos ligadas a uma classificação originalmente baseada no escopo. Uma terá de ver com características semânticas gerais dos vários itens de várias categorias constantes no léxico da Língua, ou seja, serão questões de comportamento semântico que se anotarão em cada verbete especificamente e que ao mesmo tempo abrangerão famílias e famílias de verbetes. Outra terá de ver com sistemas de desempenho, abarcando questões de memória, identificação, referência, etc... A terceira é relativamente uma incógnita para o minimalismo na fase atual: como se dá a derivação das inversões e hipérbatos. Por esse motivo, um aspecto da questão aqui abordada permanecerá obscuro.

495. Entretanto, sendo verdade que os Advérbios se movem atraídos por uma determinada categoria o que fará um Advérbio ser atraído para τ ou T ao invés de v ou F ? Não será uma questão de classe de Advérbios? Não. O que atrairá o Advérbio para uma categoria e não outra será o fato de que apenas uma categoria do esqueleto funcional precisará ser capaz de conferir o traço +M. Se nenhuma categoria puder fazê-lo e se se escolher um Advérbio no cômputo inicial a derivação colidirá porque o Advérbio permanecerá sem seu traço +M conferido. Bastará, ao contrário, apenas uma para conferi-lo e fazer a derivação convergir. O Advérbio mover-se-á rumo a categoria que o atrair e uma vez movido poderá fazer ou não sentido para quem ouvir e interpretar a frase. Tome-se o exemplo de uma frase como:

- a) O Bigodudo não foi ao encontro propositadamente.
que admite duas leituras:
- b) O Bigodudo faltou ao encontro de propósito.
- c) O Bigodudo compareceu ao encontro por um acaso.

496. O Sintagma Adverbial *propositadamente* foi atraído para v porque no caso aconteceu de v ser a categoria capaz de conferir-lhe o traço +M. A partir daí a frase poderá receber qualquer interpretação dentre as inúmeras possíveis que não se darão propter hoc. Isto é, o movimento feito nada terá de ver com a ambigüidade da frase. Uma vez movido o Advérbio, será o contexto da conversação, isto é, o ambiente extra-lingüístico ou ainda o entendimento do ouvinte que decidirá entre uma interpretação ou outra, ou mesmo nenhuma das duas ou perceberá a ambigüidade. A ambigüidade poderá existir ou não independentemente do movimento e dos traços que o provocam.

497. Enfim, a atração de um Advérbio para determinada categoria não se deve a nenhuma leitura, nenhuma interpretação da frase, nem garante qualquer ambigüidade de leitura ou a exclui. Daí não haverá motivos sintáticos para se falar em classes de Advérbios.

498. Eis que se vislumbra a ponta de um assunto semântico bem complexo que foge aos limites de qualquer trabalho sobre Advérbios e que por isso mesmo não se abordará aqui.
499. No mais, se esta consideração ou divagação aqui não calhar, o que se deve fazer com as ilusórias classes de Advérbios após o ocaso do escopo e demais implicações decorrentes continuarão a ser questões que estão em aberto.

Subseção 4. Demais Questões

500. Por fim, enumerem-se outros assuntos pendentes e que ficarão de lado.
501. Por fim, há uma relação mais forte suspeita e inesperada entre o processo de derivação das interrogativas e os Advérbios. Dessa relação aqui só se vislumbrou um pedaço assaz diminuto. A lógica entre ambas classes de traços de categorias distintas não se intui prontamente. O que mais haverá nesses traços interrogativos e o que mais se passará com eles não se investigará aqui.
502. O fato de não poder haver um Advérbio entre o *não* e o Verbo de uma frase provavelmente deve-se à suposta natureza de afixo do primeiro. Todavia, será complicado postular essa suposta natureza para um elemento como *não*. Essa problemática fica, entre outras, suspensa aqui. Às estruturas negativas de coordenação *não...nem* não se forneceu aqui nenhuma análise igualmente.
503. Também não se dirá nada com relação ao *pas* do Francês e a possibilidade ou impossibilidade de um Advérbio o rodear em determinados casos, com determinada entoação. Como de resto não se abordaram nem se abordarão as negativas francesas
504. A segunda hipótese ao explicar porque não há ordem S + Adv + V em Francês também prevê que em Inglês a ordem S + Adv + M seja agramatical, visto que o Modal estará em τ^o e o Advérbio será o segundo especificador de τ ". Bem, isso será verdade para a maioria dos casos:
- a) *The news evidently will be out of date.
Para outros casos mais isso não será verdade, todavia:
 - b) The judge certainly ought to dismiss the case.
O juiz certamente precisa encerrar/ impronunciar o caso.
 - c) It probably doesn't matter very much.
Provavelmente não importa muito.
- São casos que dependem (segundo se pensa tradicionalmente) do sentido do Advérbio, da frase ser negativa ou não e do tipo do Modal. Para esses casos aqui não se dará nenhuma explicação.
505. Quanto a frase
- a) John reads often to his children
O João sempre lê para os seus filhos.

que em Chomsky (1995) analisa como tendo um objeto indireto *to his children*. Essa é apenas uma possibilidade de análise. Podia-se pensar que haja um Verbo intransitivo *to read* na frase e *to his children* seja um adjunto. Poder-se-ia até conjecturar se em Inglês existem ou não objetos ocultos etc... Não há nenhuma análise definitiva para frases assim, pelo que se saiba.

506. Há uma idéia de que dentro do Português um dos fatores de variação seja a concordância, ou seja, de que a concordância é mais forte em alguns dialetos do que em outros. Tal idéia está expressa em vários dos trabalhos de Charlotte Marie Chambelland Galves, os quais se preocupam muito com diferenças entre o Português do Brasil e o de Portugal. Dentro do Brasil há certamente uma variação que diz respeito à distinção entre segunda pessoa direta e indireta. Peguem-se, por exemplo, dois dialetos do Brasil, os de Belém do Pará e do Rio de Janeiro:

- a) Belém do Pará
 - i) Tu compras.
 - ii) Você compra.
- b) Rio de Janeiro
 - i) Tu compra.
 - ii) Você compra.

507. Diante de fatos como esses perguntar-se-ia se se pode dizer que o dialeto carioca tenha um sistema morfológico mais pobre que o belenense e se assim for será que os Sintagmas Adverbiais cariocas não tenderiam a ter um comportamento parecido com os do Francês ou do Inglês? Se tal não se der que implicações haverá para as idéias da presente dissertação? Esse tipo de pergunta não se contemplou aqui porque a dissertação optou por não considerar as variações internas dentro das Línguas. Há uma grande diferença entre a comparação de Línguas e a comparação de dialetos e os mesmos instrumentos de análise nem sempre servem às duas. As idéias desta dissertação só se prestam a tentar explicar as semelhanças e diferenças entre o Inglês, o Francês e o Português e não se aplicam nem se podem aplicar ao estudo de quaisquer diferenças dialetais dentro de qualquer Língua. Como se explicarão, então, essas diferenças dialetais será outra questão que fica em aberto.

508. Esta dissertação omitir-se-á de sondar mais profundamente os Pseudo-Advérbios.

509. Há muitas outras questões que permanecerão em aberto e que nessa seção não se repetirão, pois os capítulos anteriores já as mencionaram.

EPÍLOGO DA DISSERTAÇÃO

510. Em meio a indagações consideradas cruciais para a humanidade como se estamos melhor ou pior sem Deus, ou se haverá propósito para a existência ou qual será o papel da razão no universo, perguntar o que é um Advérbio é algo bem inocente e bem pequeno. Perguntar que posições podem

ocupar ao longo de um frase, como se explicam essas possibilidades e o que há por trás delas será menor ainda. Quiçá não terá valido a pena discorrer sobre isso. Porém, se debates maiores permanecem inacabados sem consenso, porque não pensar em uns temas mais simples? Não poderão fazer bem à ciência mais do que outros? Não serão menos bizantinos? Certamente os Linguistas crêem que suas discussões são bem mais produtivas do que qualquer bizantinice, ainda que para muitos pareçam os tópicos sem importância.

511. Sem mais, acabam aqui as considerações e ponderações dessa dissertação.

Apêndice:

A Síntese Do Modelo Empregado

This is, of course, not a logical necessity; Martian could be different.

Rather it is an assumption how human

language works...

Noam Chomsky(1995)⁷⁵

O MINIMALISMO E O MINIMALISMO

512. O modelo teórico que se emprega aqui é uma nova vertente da Gramática Gerativa⁷⁶ que se chama *Minimalismo*. Em se tratando de uma novidade, fez-se este apêndice para as pessoas que por ventura ainda não o conheçam e que venham a ler esta tese. A leitura deste apêndice, entretanto, não será fácil aos que pouco ou nada conheçam de Sintaxe moderna, nomeadamente a Sintaxe Gerativa. Para facilitar a leitura destes, algumas notas de rodapé explicam conceitos mais elementares. Todavia, será necessário que o leitor pelo menos ou conheça o básico da Lingüística Moderna ou domine bastante a Gramática Tradicional das Línguas Vernácula e Clássica. Estudantes dos cursos de Lingüística em Graduação e pós-graduação conseguirão entendê-lo se fizerem um maior esforço.
513. Antes de mais nada, é preciso distinguir-se o programa minimalista da Lingüística do movimento minimalista na Arte. Ambos terão muito em comum, como a idéia de se usar sempre um número mínimo de recursos. Chomsky viveu as décadas de cinquenta e sessenta e pode ter recebido alguma influência desses movimentos que só manifeste agora, muito tardiamente. De qualquer forma, as diferenças existem e é bom acabar com qualquer confusão. Comece-se falando um pouco do que foi o Minimalismo na arte.
514. O Minimalismo na Arte foi uma corrente que teve manifestações diferentes em cada tipo de arte.
515. Chamado também de Arte Mínima em pintura e escultura, este é um movimento que começou primeiramente nos Estados Unidos durante as décadas de cinquenta e sessenta do século XX. Em pintura, o movimento caracterizou-se principalmente pela presença mínima dos tais recursos artísticos canônicos como forma e cor, como nas pinturas *all-black* de Robert Rauschenberg, por exemplo, além do uso de componentes que em si não têm nenhuma significação emotiva ou estética. Como outros pintores adeptos de movimentos da mesma época, os minimalistas repudiaram como funções

⁷⁵ “É claro que isso não é uma necessidade lógica. Em Marciano poderia ser diferente. Antes, é uma suposição de como funcionam as Línguas humanas.”

⁷⁶ Gramática Gerativa é toda e qualquer Gramática que seja tão explícita quanto for possível e que para se explicitar usa de uma meta-linguagem formal como a da Lógica ou da Matemática.

expressivas e emocionais do começo da arte moderna e romperam com como noções tradicionais de arte como trabalho de uma natureza única e complexa.

516. Na escultura, o movimento minimalista perdurou até a década de 1990. A escultura mínima sempre se constitui de outras, usando de materiais industriais tais como plástico ou concreto. Tais trabalhos não pretendem encarnar nenhuma qualidade representativa ou emotiva, mas simplesmente aquilo com que parecem. Alexander Calder, que se pode considerar como um primeiro minimalista, usava formas orgânicas para suas estruturas, mas escultores posteriores tal como Carl Andre, Anthony Caro, Dan Flavin e Tony Smith ocuparam-se com formas arquitetônicas, cubos, esferas, vigas e barras. Outros, tais como Donald Judd e Robert Morris, usam de objetos manufaturados arranjados simplesmente para enfatizar sua presença física concreta.
517. O movimento musical norte-americano chamado Minimalismo é como que uma reação à excessiva complexidade da música moderna. Seu princípio básico é a repetição da frase musical com tonalidades crescentes e sutis e uma estrutura rítmica que se mantém o mesmo por longos períodos. Pelo menos quando há uma estrutura rítmica, já que certas músicas minimalistas se escrevem sem batida. Os recursos eletrônicos possibilitam ao músico minimalista experimentar novos sons e técnicas para produzir a repetição. Muito da inspiração minimalista advém da música asiática e da africana. Entre os maiores expoentes do Minimalismo se encontram La Monte Young (*Trio for Strings*, 1958), Terry Riley (*In C*, 1964), Steve Reich (*Drumming*, 1971), Philip Glass (*Akhnameon, an opera*, 1984) e John Adams (a ópera *Nixon in China*, 1987).
518. O Minimalismo na Lingüística tem um desenvolvimento próprio e separado. Deve-se contar a história do mesmo. Para tal, será necessária uma visão analítica assentada numa percepção filosófica (ou meta-científica) da natureza das discussões e teorias envolvidas e do rumo dos fatos.

HISTÓRICO

519. Cabe, portanto, situar-se o advento do Minimalismo lingüístico dentro de um contexto filosófico e histórico.
520. É inegável que vários vem sendo os modos de abordar questões lingüísticas ao longo dos últimos anos. Terão antes sido importantes algumas generalidades a mencionarem-se.
521. Muitas foram as voltas e reviravoltas na Lingüística. Tais revoluções parecem gravitar em torno de um problema que foi bem expresso por Kant. Existiu, é claro, durante algum tempo um pêndulo na Lingüística que ora ia de uma visão Kantiana a outra Schopenhaueriana que se manifestou numa posição mentalista defendida por alguns gerativistas. Poucos atinaram para o conflito entre as duas

visões de modo que em muitos escritos elas aparecem fundidas como parte da defesa de uma só idéia, esquecidas ou ignoradas as incoerências ou contradições decorrentes.⁷⁷

522. Contudo, vá-se ao problema que Kant colocou no seu prefácio à Segunda Edição de *Crítica da Razão Pura*:

- a) *Se a elaboração dos conhecimentos pertencentes ao domínio da razão segue ou não o caminho de uma ciência, isto deixa-se julgar logo a partir do resultado. Quando após muito preparar-se e equipar-se esta elaboração cai em dificuldades tão logo se acerca do seu fim ou se, para alcançá-lo, precisa freqüentemente voltar atrás e tomar um outro caminho; quando se torna igualmente impossível aos diversos colaboradores porem-se de acordo sobre a maneira como o objetivo comum deve ser perseguido; então se pode estar seguro de que tal estudo se acha ainda bem longe de ter tomado o caminho seguro da ciência, constituindo-se antes um simples tatear e já é um mérito para a razão descobrir porventura tal caminho, mesmo que se tenha de abandonar muita coisa vã contida no fim anteriormente proposto sem reflexão.*

523. A posição de Kant é hoje bem discutível, mas não deixa de ser interessante. Não esclarece ele o que são essas idas e voltas. Quiçá a Linguística moderna bem se enquadrasse no tipo de domínio que Kant classificou como fora do caminho científico. Mais intrigantes ainda são suas colocações sobre os objetos das ciências:

- a) *A Lógica deve a vantagem de seu sucesso simplesmente à sua limitação, pela qual está autorizada e mesmo obrigada a abstrair de todos os objetos do conhecimento bem como das suas diferenças, de modo a que nela o entendimento de lidar apenas consigo mesmo e sua forma. (...)*
- b) *Na medida em que deve haver razão na Ciência, algo tem de ser conhecido nelas a priori e o conhecimento da razão pode-se referir de dois modos ao seu objetivo: ou meramente para determinar este e seu conceito (que se precisa dar alhures) ou também para **torná-lo real**. O primeiro é o conhecimento **teórico**, o outro o **prático da razão**. Não importa quão grande ou pequeno seja o seu conteúdo, a parte pura de ambos, ou seja, aquela em que a razão determina o seu objeto de modo completamente a priori tem de ser exposta antes sozinha. Mas, aquela que provém de outras fontes não se deve mesclar com ela; pois constitui péssima economia gastar cegamente todos os ganhos sem poder distinguir depois, quando ela*

⁷⁷ Confrontem-se as citações a seguir com passagens do livro *O Mundo Como Vontade e Representação*.

emperra, qual parte dos rendimentos pode arcar com a despesa e de qual parte tem de cortá-la.

- c) *Matemática e Física são dois conhecimentos teóricos da razão que devem determinar os seus objetos a priori, a primeira de modo inteiramente puro, a segunda de modo pelo menos em parte puro, mas tomando ainda como medida outras fontes de conhecimento que não as da razão.*

524. As colocações de Kant hoje em dia poderiam servir tanto aos opositores quanto aos defensores do programa minimalista. O interessante é de como Kant pensa ser mais correta a caracterização das Categorias ou Entidades de uma Ciência (aqui chamadas de objetos). As posições de Kant são importantes a uma abordagem Gerativa, porque ele é um racionalista e inatista. Citem-se também alguns trechos da Introdução da mesma obra:

- a) *De que todo o nosso conhecimento começa com a experiência não há dúvida alguma, pois, do contrário, por meio do que a faculdade do conhecimento deveria ser despertada para o exercício senão através de objetos que tocam os nossos sentidos e em parte produzem por si próprios representações, em parte põem em movimento a atividade do nosso entendimento para compará-las, conectá-las ou separá-las e desse modo assimilar a matéria bruta das impressões sensíveis a um conhecimento dos objetos que se chama Ciência. Segundo o tempo, portanto, nenhum conhecimento em nós precede à experiência e todo ele começa com ela.*
- b) *Mas embora todo ele comece com ela, nem por isso todo ele justamente dela se origina. Pois bem poderia acontecer que mesmo o nosso conhecimento de experiência seja um composto daquilo que recebemos por impressões e daquilo que a nossa própria faculdade de conhecimento (...) fornece de si mesma.*
- c) *(...) Com efeito, de muito conhecimento derivado de fontes da experiência costuma-se dizer que somos capazes ou participantes dele a priori, porque o derivamos não imediatamente da experiência, mas de uma regra geral que, não obstante, tomamos da emprestada da experiência. Assim, diz-se de alguém que solapou os fundamentos de uma casa: ele poderia saber a priori que a casa se desmoronaria, quer dizer, não precisava esperar pela experiência de seu desmoronamento efetivo. Contudo, mesmo assim não podia sabê-lo inteiramente a priori, pois tinha de tornar-se antes conhecido pela experiência o fato dos corpos serem pesados de portanto caírem quando se lhes tiram os sustentáculos.*

- d) *No que se segue, portanto, por conhecimento a priori entenderemos não os que ocorrem de modo independente desta ou daquela experiência, mas independente de todas elas. (...)*
- e) *(...) Se um juízo é pensado com universalidade rigorosa, isto é, de modo a não lhe ser permitida nenhuma exceção como possível, então não é derivado da experiência, mas vale absolutamente a priori.*

525. As palavras de Kant colocam um problema para o que desde *Aspects* se chama de universal substancial em oposição ao formal. Poder-se-á dizer que a criança adquire os traços $\pm V$ e $\pm N$ e mais outros pela experiência? Será que já não estavam de todo prontos lá na Faculdade da Linguagem? Deveras, não parece ser claro até que ponto os universais substanciais são apriorísticos ou não. O conceito de Princípios encaixa-se melhor na visão Kantiana de apriorístico e universal, pois não há exceções aos mesmos. Já os valores dos Parâmetros por serem variáveis não se enquadrariam. Porém, em toda a obra de Kant há essa busca inacabável da fronteira entre o apriorístico e o aposteriorístico e certamente não será a Lingüística Gerativa que há de resolver o problema deixado por Kant.

526. O problema geral da descrição da Língua que pressupõe a dissecação de uma massa caótica de impressões acústicas e sua divisão e classificação em segmentos associados a categorias já está de certo modo enunciado no primeiro Capítulo da obra Kantiana referida:

- a) *Denomino puras (em sentido transcendental) todas as representações em que não for encontrado nada pertencente à sensação. Conseqüentemente, a forma pura de intuições sensíveis em geral, na qual todo múltiplo dos fenômenos é intuído em certas relações, será encontrada a priori na mente. Essa forma pura de sensibilidade também se denomina ela mesma **intuição pura**. Assim, quando separo da representação de um corpo aquilo que o entendimento pensa a respeito, tal como a substância, força, divisibilidade, etc., bem como aquilo que pertence à sensação, tal como impenetrabilidade, dureza, cor, etc., para mim ainda resta algo dessa intuição empírica, a saber, extensão e figura. Ambas pertencem à intuição pura que mesmo sem um objeto real dos sentidos ou da sensação ocorre a priori na mente como uma simples forma de sensibilidade.*

527. A reflexão de Kant tem muitos paralelos com a questão da aquisição geral de uma Língua. Todavia, Kant examina a Faculdade da Razão e não a da Linguagem. Os problemas e soluções que Kant aponta se endereçam mais ao Lingüista enquanto pesquisador do que à criança aprendendo uma Língua. A descoberta de Categorias pelos Lingüistas tem muito da tão referida mescla entre conhecimento oriundo da razão e da experiência de que tanto fala Kant.

528. A Lingüística tem segundo essa visão Kantiana de como a Física determinar suas categorias com base na razão e em outras fontes. Dentro da Lingüística, as representações sintáticas e semânticas são o que Kant chama de pura, em contraposição às representações fonológicas que dependem da sensação. Entre o fonológico ou fonético que é o material e o sintático e semântico que é a forma, ambos no sentido Kantiano, existe uma terceira coisa que é a substância, algo excluído ou não previsto pelo sistema Kantiano. Essa substância pertence ao Morfológico. A Morfologia por um lado parece menos universal do que a Fonética ou a Fonologia, já que lida com as irregularidades e idiossincrasias de cada Língua. Por outro, alguns dos traços substanciais que definem a natureza dos morfemas e das Categorias aonde se encaixam parecem ser rigorosamente universais.
529. Uma idéia cara aos Lingüistas anula a oposição entre o prático e o teórico, segundo a qual não existe descrição atórica, nem teoria lingüística sem embasamento prático. Nisso, a Lingüística foge do esboço geral Kantiano que atua em vários dos seus aspectos.
530. No século XX, a Lingüística foi uma das Ciências que mais discutiu e rediscutiu o seu projeto geral. Após muito preparar-se e equipar-se caiu diversas vezes em dificuldades tão logo se acercava do seu fim. Para alcançá-lo, precisou freqüentemente voltar atrás e tomar um outro caminho. Hoje talvez se tenha tornado igualmente impossível aos diversos pesquisadores porem-se de acordo sobre a maneira como o objetivo comum deve ser perseguido. Por tudo isso, a Lingüística não seria uma Ciência Kantiana.
531. Entretanto, parece ser verdade que ela progrediu mais na América e no Reino Unido do que em outros países europeus. Coincidentemente, os países norte-americanos e o Reino Unido não devotaram muito do seu tempo rediscutindo o projeto geral da Lingüística, antes preocuparam-se em aplicá-lo para ver os seus resultados. Já na Europa houve a maior multiplicação de escolas e teorias lingüísticas, todas elas muito mais ocupadas em refazer o projeto original atribuído a Saussure do que aplicar qualquer modelo. Isso perfeitamente cumpre as predições kantianas referentes ao maior ou menor sucesso das Ciências.
532. Nos Estados Unidos só nasceu uma única grande escola que é a do Gerativismo. Antes dela lá não se criou nenhuma outra escola, mas apenas uma versão própria do Estruturalismo. Pretensas escolas novas, ou nada mais eram do que vertentes dentro de escolas maiores, tais como a Gramática de Montague que é um ramo do gerativismo, ou, de fato, eram novas disciplinas, como por exemplo a Sociolingüística. Obviamente essa visão da História dependerá do que cada um entender por *escola* e *vertente de uma escola*. Interessantemente, como há décadas atrás todos os Lingüistas reivindicavam ser estruturalistas, com vergonha de se chamarem por outro nome mais arcaico, hoje em dia a expressão Lingüística Gerativa parece ser redundante. Não é mais uma visão nova e particular de Lingüística e sim o que se chama de **ortodoxia** da mesma.

533. Ter propriedades as teorias gramaticais devem, tal que sejam suas predições sobre as línguas testáveis. Desde o alfa da escola Gerativa se vem indagando qual é o menor conjunto destas propriedades que permitirá fazer teorias sobre as ditas línguas e daí permitir predições que se possam mostra falsas colocações sobre as estruturas de todas as línguas. Dois avanços alcançados nesse sentido, foram por um lado a formalização ou matematização dos estudos gramaticais e por ou outro o reascender do debate sobre os fundamentos da lingüística enquanto ciência. Os dois avanços estão interrelacionados, visto que se rediscute a conexão inter-disciplinar dos estudos lingüísticos com a lógica, matemática, outras ciências exatas e as ciências humanas.
534. Na verdade, o período gerativista foi uma continuação de uma tradição de séculos. Nessa tradição as gramáticas eram conjuntos de regras meramente. De Port Royal até a década de setenta do século XX, esse modo gerativo de se abordarem as Línguas procurava uma meta-linguagem formal inspirada na Lógica para se explicitarem tais regras. O uso de uma meta-linguagem formalizada não foi exclusividade do Gerativismo. Já o Estruturalismo usava de uma notação formal, de inspiração bem matemática, como se pode verificar em qualquer trabalho fonêmico ou morfêmico. Essa era uma formalização bem incipiente e de algum modo incompleta. A partir de *Syntact Structures* e de outros trabalhos, nomeadamente *Aspects of the Theory of the Syntax* e *The Sound Pattern of English* essa formalização se tornou mais abrangente, consistente e constante, ou melhor, mais completa e mais próxima da lógica e da matemática. Deixou de ser uma meta-linguagem meramente rotuladora e passou a ser expressão de uma maquinaria conceitual capaz de predizer fenômenos lingüísticos.
535. Idéia primeiro colocada por Harris e desenvolvida por Chomsky, a inclusão de um elemento **transformador** nas Gramáticas foi a marca considerada distintiva desse período e encarada como um instrumento onipotente para bem da verdade. Sofrendo várias reformulações, a idéia de transformação se tornou bem mais precisa do que era então. Outros módulos foram pouco a pouco se aduzindo ao modelo, tais como os filtros, as condições, a teoria dos casos e a dos papéis temáticos, o emprego de matrizes de traços, a teoria do X-linha⁷⁸, a notação indexada, etc...
536. Ainda assim se estava num sistema de regras. Uma grande ruptura veio lá pelos anos oitenta quando se passou a buscar um sistema de princípios com parâmetros e não de regras. A universalidade da linguagem deriva dos princípios e as particularidades de algumas Línguas dos parâmetros.

⁷⁸ A representação sintagmática visa mostrar que as palavras ao longo da frase se agrupam formando certas unidades maiores e menores. Tais grupos chamam-se Sintagmas e representam-se por meio de uma letra seguida de um expoente ou uma linha. Por exemplo, o Sintagma Verbal é representado por um V' ou um V², já outro Sintagma Verbal dentro do mesmo compartilhando o núcleo será um V' ou V¹. A representação da estrutura sintagmática total normalmente faz-se com um indicador na forma de árvore genealógica. Mais adiante esclarecer-se-ão demais detalhes a respeito deste módulo da teoria sintática.

537. Ao longo dessa busca muitas soluções se apresentaram aos mistérios dos fenômenos das diversas Línguas, algumas delas pouco ou nada econômicas. Daí por esses anos noventa ter vindo essa ruptura minimalista que sob outro olhar nada mais é do que retomar uma idéia de décadas mais anteriores: a de se achar um mínimo conjunto de meios finitos os quais se usam para formar um conjunto de enunciados potencialmente infinito. Entretanto, dessa vez os meios não só são poucos, mas são em si econômicos e obrigam que os enunciados igualmente se formem do modo mais barato.
538. O programa minimalista teve uma primeira versão num artigo de Chomsky que já foi amplamente discutido no círculo lingüístico do Massachussetes ainda quando era um rascunho e cujo nome era justamente *A Minimalist Program For Linguistic Theory* (“Um Programa Minimalista Para A Teoria Lingüística”). Mais tarde com *Bare Phrase Structure* (“Estrutura Sintagmática Comedida”) houve a reformulação do esquema X-linha dentro da nova visão o que acarretou também a do próprio arcabouço minimalista. Por fim, veio Chomsky(1995) que até à presente época era última versão do Minimalismo.
539. O que é esse programa minimalista em sua fase mais recente, isto é, por quando da elaboração deste trabalho, expor-se-á na seção seguinte.

ELEMENTOS NORTEADORES

Uma Metáfora

540. Primeiramente tome-se uma metáfora para se entender como a Lingüística moderna entende e procura representar a **Linguagem**. A Linguagem é como uma empresa multinacional cujas fábricas pelo mundo são as **Línguas**. Essas fábricas produzem palavras novas, frases novas e textos e discursos além de tantas outras coisas imagináveis. O processo de fabricação das frases recebe um nome próprio: **derivação**. O conjunto de máquinas de qualquer uma dessas fábricas recebe o nome de **Gramática**. Dentro dessa empresa existe uma fábrica que faz as máquinas que as outras usarão. Essa fábrica central é a **Gramática Universal**. As máquinas da fábrica central que fabricam outras máquinas são chamadas princípios e parâmetros. Os princípios fabricam os componentes que toda e qualquer máquina terá e os parâmetros aqueles que serão peculiares à alguns grupos de máquinas. Os empregados dessa empresa são as **operações**, entre as quais se incluem as **transformações**. As várias seções de uma mesma fábrica são os **módulos da teoria gramatical**.
541. A visão moderna dessas fábricas trouxe-lhes duas inovações. A primeira é a introdução de computadores nas máquinas. A segunda é uma redução geral dos custos para conter despesas, evitar desperdícios e prejuízos e assim tornar a fábrica mais eficiente e lucrativa. É isso mais ou menos o que representa a visão minimalista dentro do panorama atual da Lingüística.

542. Uma das medidas da contenção de despesas foi reduzir o número de empregados, isto é, de operações e diminuir o número de seções de cada fábrica, isto é, de módulos da teoria gramatical. Outra medida foi cortar as horas extras dos empregados e proibir-lhes de fazer outro trabalho que não o estritamente necessário. Essa segunda medida é o que se chamou de **economia das derivações**.
543. Em cada uma dessas fábricas alguns trabalhadores encarregam-se de pegarem componentes e toda a matéria-prima necessária no depósito (chamado Léxico) e de montarem os produtos que vão sair. Acima desses trabalhadores há um supervisor que se encarrega da supervisão, que confere peça por peça e diz se estão ou não bem encaixadas nos lugares devidos. Sob a supervisão deste, os empregados então vão arrumando e rearrumando os componentes, montando a peça até que o supervisor aprove o serviço. Se ele não aprovar o serviço, o produto não sai da fábrica de modo algum. Quando ele aprova o produto, este recebe o selo de garantia que diz “**gramatical**” ou “**bem-formado**” e então pode sair da fábrica. O supervisor não permite desperdícios nem de material nem de trabalho e certifica-se de o serviço é feito do modo mais barato para a empresa.
544. Eis uma metáfora que dá com certa didática o contorno do que é a Teoria Minimalista. Deve-se, pois, adentrar os detalhes. Tendo-se esta parábola em mente, pode-se enunciar os conceitos do Minimalismo de uma forma mais rigorosa.

Os Níveis de Interface e o Sistema Computacional

545. Seja, portanto, a Linguagem o **sistema computacional** C_{HL} e uma Língua uma instância deste sistema, a qual determina coordenadas do tipo (π, λ) que se interpretam nas **interfaces perceptiva-articulatória** (diz respeito ao som) e **intencional-conceitual** (respeita ao significado (literal) basicamente). O sistema computacional C_{HL} é estritamente derivativo e somente as condições para a saída se determinam pelo ambiente exterior às interfaces, isto é, conformações do aparelho fonador, características do cérebro humano, outros módulos da mente, etc..
546. Esse sistema computacional C_{HL} constitui-se de uma parte determinante e auto-reguladora que são os princípios e os parâmetros e uma parte obediente e agente que são as operações. Os princípios são as leis da Linguagem e não variam de Idioma a Idioma. Os parâmetros já tem seus valores marcados diferentemente de Língua a Língua. As operações são ações que se desenrolam dentro e com as estruturas. As operações podem-se efetuar a qualquer momento e em qualquer elemento sem nenhuma estipulação prévia, porém, se se efetua erradamente não se poderá prosseguir a derivação. Todas as chamadas regras e suas exceções, bem como as várias construções na verdade são efeitos das operações e do poder dos princípios e parâmetros.
547. Os fenômenos de som e significado de uma dada Língua L determinam-se respectivamente pelas coordenadas π, λ que se formam pelas derivações **convergentes mais econômicas** que satisfaçam as

condições para a saída. A Computação (ou Processamento) C_{HL} da qual se derivam (π, λ) segue princípios **minimalistas**, os quais são **econômicos** em si e também impõe condições de economia às derivações. Os níveis de interface são apenas π e λ e constituem-se de combinações entre os traços dos itens lexicais. Os princípios da Gramática Universal envolvem apenas os elementos que funcionam nos níveis de interface.⁷⁹

548. A convergência das derivações depende da satisfação do **Princípio da Intelecção Plena**, isto é, de que em cada nível só existam objetos que se possam ali mesmo interpretar, sendo tais objetos denominados **lídimos**. Se tanto λ quanto π satisfizerem tal princípio, então a derivação **convergirá**. De outro modo, não se podendo interpretar qualquer um dos objetos de algum nível, a derivação **colidirá**.⁸⁰

As Derivações e a Economia

549. Uma expressão linguística (π, λ) de uma Língua L satisfará as condições à saída nas interfaces sobreditas, igualmente chamadas **Forma Fonética e Lógica**. De modo idêntico, π e λ hão de ser **compatíveis** (ou **afins**) e ipso facto de advir das mesmas alternativas escolhidas no **Léxico**, já que não é que qualquer som signifique qualquer coisa. C_{HL} relaciona às coordenadas (π, λ) um **Cômputo Inicial**, isto é, um arranjo A de eleitos dentre os itens lexicais. A eleição dos itens lexicais de um Cômputo Inicial é arbitrária. O Cômputo Inicial indicará quais são esses eleitos e quantas vezes se elegeu o mesmo item, ou seja, será um Elenco de coordenadas (LI, i) sendo LI um item lexical e i seu índice de ocorrências. A derivação colidirá a não ser que todos os índices no Cômputo Inicial sejam zero.
550. Dado o Cômputo Inicial A, as operações de C_{HL} constróem recursivamente objetos sintáticos de itens em A e de outros objetos sintáticos já formados. Os objetos sintáticos são combinações e recombinações das propriedades dos itens lexicais dos quais se constituem. Chegando a derivação a um estágio $\Sigma = \{so_1 \dots so_n\}$, uma operação reduzirá o índice de um LI a 1 e o introduzirá à derivação como so_{n+1} . A tal operação chamar-se-á de **escolha**. Em λ , Σ só se pode interpretar como se constituindo de um único objeto. Assim, um segundo processo combinará objetos sintáticos já formados, sendo este processo uma operação que combina so_j e so_k formando so_{jk} . Executar-se-á várias vezes tal operação até que reste um único objeto sintático, engolindo-se também o Cômputo

⁷⁹ Isso implica excluir-se os níveis da estrutura e da estrutura superficial. A postulação desses dois níveis encontra-se em trabalhos anteriores das fases da teoria padrão, da padrão alargada e da regência e da ligação.

⁸⁰ Todavia, ainda pode ocorrer que uma derivação não se complete apesar de convergente, diz-se aí que a derivação é **incompleta**.

Inicial. A esta operação chamar-se-á de **casamento**. Ambas operações de escolha e casamento são grátis e ipso facto não respeitam às questões de economia e convergência.

551. O que será custoso é outra operação que se pode chamar de transformação ou **movimento**. O movimento de α à posição de especificador de δ chama-se **adjunção** e o ao próprio núcleo de δ **afixação** (ou ainda simplesmente **junção**)⁸¹.
552. Ao gerar-se uma derivação, a operação de escolha deve pegar LI um número i de vezes para o introduzir na derivação. São distintos os objetos sintáticos formados pelas várias execuções da operação de escolha com LI. Por exemplo: duas ocorrências do Determinante o podem ter propriedades bem diferentes em Forma Lógica. Em outras palavras, os índices 1 e $1'$ serão diferentes para a C_{HL} se se executam diversas da operação de escolha, pegando-se várias vezes o mesmo item lexical do Cômputo Inicial A.
553. Para se calcular qual derivação possível é a mais econômica, consideram-se apenas as possibilidades existentes dado o mesmo Cômputo, isto é, o mesmo elenco de itens lexicais escalados disponível. Sendo possível processar-se uma derivação sem se executar uma operação O em um estágio Σ , então não se fará a operação O , ou seja, a operação está dispensada.

A Sintaxe Oculta e a Explícita

554. Dado Cômputo A, C_{HL} processa-o até o plano da Forma Fonética e o da Lógica convergirem-no com as coordenadas (π, λ) e reduzindo A a zero. Toda e qualquer estrutura que a computação formar se constituirá dos elementos já constantes em A. Ao longo da derivação, nenhum outro objeto haverá que não recombinações das propriedades lexicais. A derivação inicia-se tomando A e computando-o até obter a Forma Lógica. Antes de se atingir o plano da Forma Lógica, uma operação chamada **lida** se executa em um estágio Σ já formado. A operação de lida pega somente os elementos relevantes ao π e deixa um resto Σ_L que se leva a λ por operações do mesmo tipo das que formaram Σ . O subsistema que continua a computação de Σ_L à Forma Lógica é o **componente oculto** (ou **elíptico**) e o que faz a computação antes da lida é a **sintaxe explícita**, já o que leva Σ à π é o **componente fonológico**. A operação de lida entrega Σ ao módulo da **morfologia** que o aponta em vocábulos e depois o sujeita a processos fonológicos, levando-o finalmente a π . Por outro lado, após a lida nem o componente fonológico poderá apanhar quaisquer itens com traços semânticos, nem a sintaxe elíptica poderá trabalhar com nada que tenha traços fonológicos.

⁸¹ Fique o leitor avisado, para o caso de consultar a bibliografia utilizada, que há aqui um problema de ideossincrasia terminológica usada por certos autores em Inglês, tal qual Chomsky, que pelo menos em alguns textos (como Chomsky (1995)) chamam de *adjunction* o que é afixação e *substitution* o que é adjunção. *Adjunction* é um cognato verdadeiro de *adjunção*. Em Inglês chama-se o movimento ao núcleo de *attachment* ou mesmo de *affixation*.

A Conferição e os Traços

555. Uma outra operação central do C_{HL} é a da **Verificação** (ou **Conferição**) dos traços. É de certo modo uma eliminação dos traços não mais importantes à computação. Há dois tipos de traços lexicais que são disjuntos: os que podem ter uma intelecção somente fonológica e os que só se interpretam no nível conceitual-intencional. Dentre estes últimos há os formais e os substanciais. Só se percebem os formais ao longo da computação, como por exemplo os traços $[\pm N]$, $[\pm V]$, $[\pm \text{plural}]$, enquanto os substanciais não, tal como o traço semântico [artificial]. Obviamente, o punhado de traços formais é um subcomplexo do item lexical LI e vem a siglar-se como FF_{LI} , englobando todos os traços que atuam na computação $\overline{A\lambda}$, mas excluindo os fonológicos e os puramente semânticos. Dos em FF_{LI} alguns já vem com o LI, quer porque sejam especificações já colocadas em seu **verbete**, quer porque as propriedades do item os determinem. Outros, contudo, se aduzem ao entrar no Cômputo o LI. Assim há em FF_{LI} os obrigatórios e os eletivos. Tome-se o exemplo de *azuleiro* cujos traços obrigatórios incluem o categórico [nominal], o pessoal $[3^a]$ e o de gênero [feminino]⁸² e cujos eletivos são os de número e caso⁸³. As propriedades intrínsecas de *vender* incluem o traço categórico [verbal] e o poder atribuir caso acusativo a um Substantivo, mas os seus traços ϕ e Tempo lhe são eletivos. Num Cômputo inicial a ocorrência de um LI como *azuleiro* deve carregar tanto os traços obrigatórios [nominal], [feminino] e $[3^a]$ quantos os eletivos [plural] e [acusativo] de modo a poder configurar a derivação convergente para uma frase como “Venderemos azuleiros”.
556. Os traços ainda se agrupam em **ativos** e **inertes**, a atividade ou inércia dos traços varia de Língua a Língua. Ativo é o traço que obriga haver movimento e impedindo a **procrastinação**. Seja t o traço de uma Categoria c , sejam c e k duas Categorias, k a ter conferido um traço categórico t' por c e excluído que c seja substancial, t será ativo. Disso decorre que o movimento explícito de β a α só será possível se α não for substancial e houver um traço categórico de β implicado na operação. Os traços de Categorias como Substantivos e Verbos são inertes, já Tempo e Complementador têm traços ativos.
557. Tome-se como exemplo a subida de *quem* para C° numa frase como:
- a) $[\text{Quem}_i, T^*[\text{o Dracula}_L \text{ atacou } t_L t_i?]]$

⁸² Em Línguas de Concordância mais forte ou simplesmente diferente do Português o gênero manifesta-se tanto no Substantivo quanto no Verbo que com ele Concorda. É o caso do Tempo Pretérito Hebraico em que há uma forma verbal distinta para gêneros diferentes, ainda que a pessoa e o número sejam o mesmo. Em Português a Concordância do Sujeito e do Verbo é uma relação manifesta na coincidência dos traços número-pessoais, o traço de Gênero aí é meramente abstrato, malgrado em outras relações de Concordância tenha plena manifestação morfológica.

⁸³ Em Gramática Gerativa reconhece-se a existência universal do caso, embora não seja em todas as línguas dotado de uma marca morfológica evidente.

Suponha-se que C assim como T tenham um traço D ativo e por isso sejam capazes de conferir Sintagmas Determinantes. Isso explicaria o porque de *o Drácula* se adjungir a T e *Quem* ir ao Núcleo de C (segundo se supõe normalmente).

558. Um traço ativo há de ter duas propriedades:
 - a) aciona uma operação explícita antes da lida;
 - b) produz o encadeamento e fá-lo uma única vez.
559. A operação acionada pelo traço é para eliminá-lo o mais rápido o possível a fim de que a derivação não colida.
560. Entre os vários tipos de traço cabe notar ainda alguns mais, mencionados já ou ainda não:
 - a) os categóricos,
 - b) os casuais,
 - c) os traços- ϕ .
561. Os traços categóricos parecem existir em todas as Línguas. Entretanto, há quem suponha que determinadas categorias não pertencem a esta ou aquela Língua e por isso que certos traços categóricos não existe em uma Língua quando ocorrer de esta não ter determinada categoria. Supõe-se que as categorias lexicais, isto é, Verbo, Substantivo, Adjetivo e Preposição sejam universais e que as funcionais (pelo menos algumas) não se encontrem em todas as línguas. Admite-se amplamente que seja universal a distinção entre o caso reto e o oblíquo. Já a universalidade dos diversos tipos de caso oblíquo é mais discutível. Nesta tese optou-se supor a existência nas Línguas analisadas dos casos dativo, ablativo, acusativo e genitivo.
562. A universalidade e a relevância desses traços bem como a manifestação fônica dos mesmos são pertinentes à discussão do que motiva o movimento explícito. Pensa-se geralmente que os traços- ϕ se manifestam explicitamente quando o movimento for explícito.
563. Que todas as distinções feitas anteriores mais importa saber-se se será ou não um traço inteligível à Forma Lógica. Sempre que for possível, após a conferição, efetua-se uma outra operação que é a de **delir** o traço conferido. O traço delido ainda continua disponível à computação mas será imperceptível à Forma Lógica. Já os traços inteligíveis à Forma Lógica não se delem, sejam conferidos ou não. Tais traços são geralmente os categóricos e os ϕ s dos substantivos. Não existe nenhuma relação biunívoca entre conferição e inteligibilidade.
564. A operação de escolha não se efetua no nível fonológico e se efetuada no componente elíptico pode provocar a colisão na Forma Lógica. A escolha tem de ser explícita, ainda que o item não tenha traços fonológicos. No caso, pode-se escolher explicitamente um LI e casar-se ocultamente o mesmo. Não é de se esperar que, entretanto, se escolha ocultamente um item elíptico com um dos traços ativo e ainda assim a derivação convirja, uma vez que um traço forte não se procrastina.

565. À conferição dos traços até aqui exposta está implícita a idéia de que a convergência carece de que os traços sejam **compatíveis**. Um evento em que a derivação não se completará será a ocorrência de um **solecismo**, isto é, quando os traços conferidos são incompatíveis⁸⁴. Distinto do solecismo é falta de comparação entre os traços. Por exemplo, o traço de se atribuir nominativo é incompatível com o do caso acusativo, mas ambos são comparáveis. Já o traço de terceira pessoa não pode ser nem compatível nem incompatível com o caso acusativo, porque entre ambos não há termos de comparação.
566. Um caso de solecismo é sempre econômico e impede qualquer outra alternativa menos econômica. Solecismos ocorrem quando dois termos estão numa configuração de conferição, mas a relação de conferição em si não se dá por causa da incompatibilidade entre os traços, resultando que a derivação não se completa. Eis um exemplo de solecismo:
- a) *Mim_i se_i vestes_i de negro luto.
567. O solecismo desta frase deve-se às muitas incompatibilidades de traços. O T atribui ao especificador um caso nominativo e a forma pronominal é dativa. O sujeito é um pronome de primeira pessoa e o verbo vem na segunda, além do reflexivo ser da terceira. Todas essas incompatibilidades entre os traços geram solecismos. Voltar-se-á a falar dos solecismos mais adiante.

Estruturas Sintagmáticas Mais Econômicas

568. Há o que se dizer sobre as estruturas sintagmáticas. Alguns dos pressupostos mais básicos da teoria dos indicadores sintagmáticos do tipo X-linha se hão de preservar no presente modelo, a saber:
- a) Toda e qualquer ramificação do indicador é binária;
- b) Não pode haver mais de um núcleo por Sintagma;
- c) Nenhum núcleo pode ter mais de um complemento;
- d) Todo Sintagma é da mesma natureza que o seu núcleo, isto é, é uma expansão deste;
- e) Nenhuma expansão do núcleo pode dominar mais de um Sintagma⁸⁵.
569. Numa abordagem minimalista não podem ser supérfluas, mas frugais, isto é, simples e sem maiores complicações ou adornos, somente com o estritamente indispensável. Uma estrutura sintagmática parca não se expande à toa e nenhuma categoria nela é exclusiva e inerentemente

⁸⁴ O solecismo é um fenômeno já conhecido desde tempos mais remotos e sempre teve como conceito subjacente a idéia de incompatibilidade entre os traços. Todavia, dado que as antigas Gramáticas não adotavam um sistema formalizado, não o expressavam em termos de traços. Casos de variedades dialetais não são solecismos, mas, simplesmente sistemas cuja manifestação dos traços difere da variedade padrão. A diferença básica entre solecismo e silepse é que a última é gramatical e possível dadas algumas escolhas bem-feitas já no cômputo inicial.

⁸⁵ Domina um nóculo N^{x+1} a outro N^x se o último descender do primeiro, isto é, for uma ramificação do primeiro. Dizer-se que A domina B ou que B é filho de A é a mesma coisa.

máxima ou mínima. O fato de se ser um mero núcleo ou um Sintagma inteiro e maior dependerá do relacionamento entre as categorias da estruturas. Uma estrutura como

a) [X° Y"]

não deriva de um princípio primitivo que obrigue o núcleo a simplesmente se expandir e deixar lugares vagos para depois se preencherem. Tal estrutura se formou casando-se X com Y e é no relacionamento entre ambos que se definiu quem tem o papel de complemento e quem o de núcleo. Fosse diferente o relacionamento, X poderia desempenhar o papel de especificador dentro de um Y. Em qualquer um dos casos apenas uma categoria se expande e a natureza categórica do Sintagma é igual ao do termo expandido, não sendo nem a união nem a interseção entre X e Y. Se X simplesmente não se expande mais do que já se expandiu é máximo, mas se não se expande de jeito nenhum é mínimo. Assim o esquema X-linha não é um primitivo dentro de uma teoria minimalista, mas efeito de causas mais profundas. Nem um princípio nem muito menos um parâmetro de ordenação do núcleo, de forma que não há Línguas de núcleo final ou inicial, nem especificador à direita e à esquerda. Toda Língua segue o esquema de ordem com o adjunto (ou "o especificador" conforme o dizer de cada um) antes do núcleo e este seguido do complemento.

570. Desenvolva-se um pouco melhor tal idéia. Existem as definições mais tradicionais das posições dos elementos dentro de um Sintagma:

- a) Especificador é todo nóculo N que é dominado por um outro M" e c-comandado de M⁸⁶;
- b) Adjunto é todo nóculo N que é filho de M' e irmão de M⁸⁷;
- c) Complemento é todo nóculo N que é Filho de M' ou M" e irmão de M°.

571. Essas definições ainda que fracas determinam um tanto das ordens possíveis. Não explicam se os adjuntos, complementos e especificadores ficam à esquerda ou à direita. Entretanto, predizem alguns fatos como: se um Adjunto e um Especificador ficarem ambos antepostos ao núcleo, será impossível o Adjunto preceder o Especificador, uma vez que o Especificador por definição é mais alto do que o núcleo. De forma que a ordem dos elementos advém da definição das posições que ocupam. Como se redefiniriam tais posições de modo a mais precisamente estabelecer as ordens dos elementos?

572. Examine-se o quadro de possibilidades. Existem logicamente somente duas posições possíveis dentro do Sintagma ao redor do núcleo: a posição pré-nuclear e a pós-nuclear. Kayne (1994)⁸⁸

⁸⁶ C-comando ou comando-c são modos um tanto abreviados para se referir ao comando categórico. Em um S, todo nó X e todo Y se c-comandam, se ambos forem dominados pelos mesmos nós e se X não dominar a Y, nem Y a X. Uma outra maneira de se dizer que A c-comanda B é dizer-se que ou ambos são irmãos ou B é sobrinho de A; entretanto, dois irmãos se c-comandam um ao outro, enquanto que um tio c-comanda o sobrinho e o sobrinho não c-comanda o tio.

⁸⁷ Alguns autores, entretanto, representaram o especificador como dominados por X" e c-comandados por outro nó X" e até chegaram a chamá-lo de Adjunto.

chegou a propor que só houvesse um único elemento pré-nuclear e um único pós-nuclear. Entretanto, há de se distinguir entre um elemento que se moveu a uma posição e outro que se casou ao Sintagma, daí o número de possibilidades lógicas aumenta para quatro, havendo os seguintes tipos de elementos:

- a) anteposto ao núcleo por movimento;
- b) anteposto ao núcleo por casamento;
- c) posposto ao núcleo por casamento;
- d) *posposto ao núcleo por movimento.

573. Dessas quatro possibilidades inicialmente pensadas tem-se de descartar a última, pois o movimento nunca é uma descida, o que as reduz só a três que se definem a seguir:

- a) Especificador é um elemento anteposto ao núcleo de um Sintagma por movimento;
- b) Adjunto é um elemento anteposto ao núcleo por casamento;
- c) Complemento é um elemento posposto ao núcleo por casamento.

574. Nesses três enunciados algo escapou: a idéia original de que o especificador é por definição mais alto do que o Adjunto. O enunciado da definição de especificador deve dizê-lo também. Se não o disser ocorrerá a multiplicação das possibilidades de posições:

- a) *Anteposição de um elemento E ao núcleo por movimento em um sítio abaixo de um outro O casado com o Sintagma;
- b) Anteposição de um elemento E ao núcleo por movimento em um sítio a cima de um outro O casado com o Sintagma.

575. Ora, essa multiplicação de possibilidades acaba com a idéia de que a ordem dos elementos de se dá por definição das posições que ocupam e daí perde-se o poder de se predizer as ordens das Línguas. Portanto, à distinção chomskyana entre especificador e adjunto aduza-se o seguinte:

- a) Especificador é um elemento anteposto ao núcleo de um Sintagma S por movimento que sempre fica acima de qualquer adjunto do mesmo.

576. Desse esclarecimento resulta o seguinte:

- a) Nenhuma adjunção deixa de causar a expansão do Sintagma ao qual esta se dirige.

577. Pode ser, entretanto, que alguém prove a existência de elementos antepostos por movimento que fiquem abaixo dos Adjuntos. Mas, então, tais elementos não serão especificadores e sim ocupantes de outra posição que teria outro nome mais adequado.

578. Em Chomsky (1995) estipula-se que pode haver ainda dois especificadores, isto é, $spec_1$ e $spec_2$. Se pode haver mais de um especificador, então é de se pensar que poderão dois adjuntos se casarem com uma categoria X. Isso não caberá discutir-se aqui. Note-se, todavia, que em várias alturas de

⁸⁸ A visão chomskyana é a adotada ao longo de quase todos os capítulos e a kayneana vem a entrar na discussão quando se abordam questões em aberto.

Chomsky (1995) também se chama ao D''_{sujeito} no cômputo inicial de especificador de v , quando este se inseriu lá por casamento e não por movimento. Seria correto dizer-se que o Sujeito é, pois, um adjunto in situ e um especificador no supremo de uma cadeia.

579. O relacionamento das categorias consoma-se nas próprias estruturas sintagmáticas por ele mesmo estabelecidas. Dentro de um quadro econômico, os relacionamentos são todos **íntimos** (ou **estreitos**) e nenhum **distante**, sendo a relação entre o núcleo e o complemento a mais íntima de todas. Todos os outros relacionamentos serão relações entre um núcleo e um adjunto ou especificador.
580. De tudo isto conclua-se que não há no léxico de uma Língua verbetes que sejam X° e outros X'' , mas sim verbetes do tipo X que é ao mesmo tempo máximo e mínimo.

O Movimento das Categorias

581. Discorra-se agora um tanto a respeito do movimento, comparando-o se possível com o casamento. Poderia ser que só existe a operação de casamento, sem a de movimento. Não obstante, evidências empíricas apontam ao fato de que os termos de uma frase se interpretam como se por vezes estivessem alhures.
582. Ao longo da Lingüística recente procurou-se introduzir o elemento transformador na Gramática. Em fases anteriores esse elemento correspondia a todo e qualquer tipo de operação. Por propostas feitas reduziu-se o elemento transformador a um único tipo que é o mover α , sendo α uma categoria. Entretanto, poder-se-ia redefinir mover- α como mover- f , isto é, o traço pura e simplesmente, se e apenas se houvesse um princípio que obrigasse f a mover-se explicitamente carregando todo o restante necessário à convergência, pois se só se movesse o traço a conferir poderia ocorrer a colisão. Razões de ordem fonética são os primeiros e melhores exemplos disso. Do ponto de vista empírico pouca diferença fará em se dizer *mover- α* ou *mover- f* .
583. Informalmente, poder-se-ia rascunhar agora um princípio para definir o que seja ou o que cause o movimento:
- a) O fenômeno do movimento de uma categoria é decorrência das necessidades impostas e oportunidades criadas por fatores endógenos à estrutura sintática.
584. A operação de movimento só ocorre antes da lida se for absolutamente necessária, de outro modo é procrastinada. Isto porque todo movimento é custoso e nenhuma derivação converge a não ser que seja a mais econômica a possível. De qualquer modo, nunca haverá um movimento que não seja estritamente necessário, valendo, portanto, o princípio do **mínimo esforço**. A necessidade que o impele é a de conferir os traços.

585. A situação do casamento é diferente do movimento. Além das diferenças de custo, há uma importante: ao casar-se X com Y opta-se entre qual dos dois se expandirá e formará o Sintagma que os abarcará, sendo quatro as possibilidades lógicas:
- a) X é o núcleo e Y o complemento;
 - b) X é o núcleo e Y o adjunto;
 - c) Y é o núcleo e X o complemento;
 - d) Y é o núcleo e X o adjunto.
586. Já no caso do movimento importa qual expande e não há opção. Se se move α com destino a δ , então é δ quem se expande e não α .
- a) Todo α movido deixa um vestígio imóvel em cada lugar por onde passou de forma que o movimento cria uma cadeia cujo **supremo** é o último lugar aonde estiver α e o **ínfimo** o primeiro vestígio. For o termo movido um substantivo, então o supremo da cadeia é aonde o substantivo recebe caso e o ínfimo aonde recebeu seu papel temático (também dito θ).
587. Outras condições também se impõem à ocorrência do movimento:
- a) Todo α movido c-comanda o seu vestígio;
 - b) A cadeia formada pelo movimento é para ter os elos de tamanhos sintagmáticos uniformes;
 - c) Nenhum α pula um elemento que lhe sirva de destino;
 - d) O movimento nunca se dirige a uma posição de atribuição de papel temático;
 - e) Nenhuma categoria se adjunge ou se afixa a si mesma.
588. A primeira condição obriga que todo movimento seja uma subida. As duas seguintes têm nomes próprios: da **uniformidade das cadeias** e do **menor elo (ou respeito à vez na fila)**.

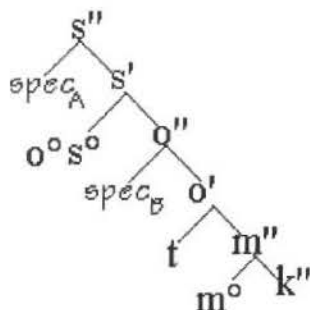
A Uniformidade das Cadeias

589. O princípio da uniformidade das cadeias diz que se α é uma expansão mínima in situ, então deverá permanecer como tal por todo lugar por onde passar. Em sendo um Sintagma, sê-lo-á por todos os sítios percorridos. Ou, traduzindo-se isto em termos mais diretos:
- a) somente um X° pode juntar-se a um Y° ;
 - b) sempre é um X'' que se adjunge a um Y'' ;
 - c) todo movimento oculto é puramente de traços.
590. Um X° se pode juntar a um Y° se ou X° for um afixo e Y° uma palavra ou radical ou Y° for um afixo e X° for uma palavra ou um radical.

591. Nunca é um núcleo que sobe à posição de especificador, é todo um Sintagma, ainda que seja um de uma só palavra. Afixos e radicais não sobem a tal posição.
592. A última conclusão diz que na sintaxe elíptica os traços se movem sem carregarem toda uma categoria junto, coisa somente possível após a operação da lida.

O Elo da Cadeia é Sempre o Menor

593. A condição do menor elo tem a ver com o que por um bom tempo se chamou de **restrição ao movimento do núcleo**. Se calhar, é a mesma coisa, porém repensada e aperfeiçoada. A condição do menor elo poder-se-ia redefinir melhor assim:
- a) Em havendo μ c-comandado por σ e c-comandando α , então α não subirá a σ a não ser que o movimento de μ a σ seja impossível.
594. De modo que qualquer que seja o termo movido, o movimento será sempre o mais curto o possível dentro das necessidades. Seguindo tal risco, poder-se-ia retomar uma idéia da Gramática Tradicional muito pertinente e falar-se em **atração** em lugar de movimento:
- a) Uma categoria σ atrairá um ψ com traço ϕ se ψ lhe for o termo **mais chegado** e ϕ for conferido por alguma sub-etiqueta de σ .
595. Quiçá outra vez se trate de mais uma questão de rótulos do que de conceitos a redefinirem-se. O uso de uma ou outra dição em qualquer parte desta obra será mera alternância de sinônimos técnicos.
596. Imagine-se agora um Sintagma qualquer chamado S'' contendo ψ , que pode estar in situ ou mesmo ser o supremo de uma cadeia. Tudo o que houver dentro de S'' será o campo de ψ exceto o próprio ψ e seus vestígios. Represente-se o campo de ψ por $\delta(\psi)$. Dentro de $\delta(\psi)$ haverá um subconjunto chamado campo mínimo ou $\delta_0(\psi)$. Qualquer elemento que houver em $\delta(\psi)$ dominará todo elemento que houver em $\delta_0(\psi)$. Se um μ que c-comande um α não estiver em $\delta_0(\alpha)$, então entre a μ e α o mais chegado a σ será μ .
597. No fundo tudo isso dito não passa de outro modo de se enunciar com mais complicação ao respeito à vez na fila. Tudo repousa no fato de qual é o móvel que a categoria conferidora primeiro c-comanda. Poder-se-ia falar em termos de atração que a condição do menor elo prediz que
- a) σ atrai o seu primeiro elemento c-comandado e móvel cujos traços confere.
598. Mas seria apenas outro modo imperfeito de se dizer a condição do menor elo a partir da perspectiva da atração.
599. Pense-se numa estrutura assim:



600. Existe *s* ao qual se afixou *o*. Antes desse movimento ocorrer nenhum outro elemento poderia mover-se a posição de afixo a *s* além de *o*, a menos que nenhum dos traços de *o* tivesse de ser conferido. A vez era de *o* portanto. Mas ao mover-se *o* deixou um vestígio que por definição é imóvel. Daí a categoria logo c-comandada por *s* e móvel é *m''* que se pode mover ao spec de *s''*. Diz-se que *o* gerou um campo mínimo que permite a *m''* pular o spec de *o''*. Mas a subida de *m''* ao spec de *o''* ainda continua possível. Em tal caso, o jargão minimalista também classifica tanto o spec de *s''* quanto o de *o''* como equidistantes de *m''*. Tal equidistância pouco tem a ver com a distância entre os galhos, entenda-se bem. Suponha-se que *m''* se adjungisse a *s''* e deixasse um vestígio no seu berço. Então *k''* se poderia adjungir tanto a *m''* quanto a *o''*. Assim sucessivamente respeitando-se sempre a vez na fila.

601. O que geralmente se pensa é que todo D'' se movimenta entre outros motivos para satisfazer o **filtro de caso**, isto é, de receber o caso, operação esta que é mesma que confere a concordância. Haverá, todavia, alguns expletivos que não recebem nem caso e nem têm traços- ϕ , por exemplo *there* em Inglês, são os **silépticos**: só conferem o traço +D. Já outros como *it* têm tanto caso quanto traços- ϕ . Vejam-se alguns casos de **silepse**⁸⁹ em Português:

- a) pro é cinco horas. (silepse superficial)
- b) pro são cinco horas. (silepse genuína)

602. No primeiro exemplo o *pro* não é siléptico, tem traços- ϕ e recebe caso. Portanto, a concordância do verbo *ser* faz-se com este e não com *cinco horas*. Já o *pro* siléptico do segundo exemplo nem recebe caso, nem tem traços- ϕ e ipso facto a concordância faz-se com o termo ao qual se co-indexa que é *cinco horas*. É também com um *pro* siléptico que se constrói determinada ordem passiva:

- a) pro_K foram encontrados eles_K.
- b) *pro_K foram-nos_K encontrados.

⁸⁹ É claro que existem outros tipos de silepse em Português os quais não serão abordados profundamente, tais como o da frase:

- O exército tentava defender-se e atacavam a esmo.

Em um caso assim não há propriamente um *pro* siléptico, mas, a silepse ocorre por outros motivos que não cabem aqui.

- c) *pro_K os_K foram encontrados.
- d) *pro_K foram encontrado-los_K.
603. Como se vê, além da concordância se fazer com o sucedente de *pro* este recebe o caso que caberia ao sujeito da frase, isto é, um nominativo e não acusativo. Portanto, os silépticos sobem apenas para conferirem o traço D.
604. Pode ser, entretanto, que o traço D seja a causa de um solecismo. Suponha-se que num cômputo inicial houvesse um D''_{acusativo} como especificador de um v e um D''_{nominativo} como complemento do V''. Um T'' poderia atrair o traço D do D''_{acusativo} para a posição de especificador, o que faz todo o D''_{acusativo} subir, formando-se uma configuração de conferição. Mas como o traço acusativo não é compatível com o nominativo de T'', logo se dá um solecismo. Em um caso como este vê-se que os solecismos impedem derivações alternativas menos econômicas. Veja-se que T'' poderia ter atraído o D''_{nominativo} e tê-lo conferido inteiramente, sem cair em qualquer solecismo, mas a presença do D''_{acusativo} fez com que tal alternativa violasse o princípio do menor elo, pois a vez na fila era do D''_{nominativo} e não do D''_{nominativo}.
605. Eis exemplos concretos como o movimento se orienta por razões morfossintáticas.

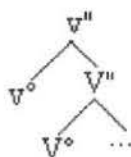
O Papel Temático

606. A cadeia forma pelo movimento de um D'' tem seu supremo numa posição onde se lhe atribui o caso e o ínfimo numa posição θ . Fale-se um tanto dos **papéis- θ** ⁹⁰.
607. O **critério de atribuição temática** foi um dos principais conceitos do qual se podem inferir as restrições ao movimento dos D''s. Diz ele:
- a) Todo papel temático se atribui a um único Substantivo e nenhum Substantivo recebe mais de um papel temático.
608. Deste critério se depreende que um Substantivo nunca vai de uma posição temática (ou θ) a outra. Entretanto, não impede que o mesmo vá de uma posição atemática ($\sim\theta$) a uma temática (θ). Então, resta explicar-se porque o movimento nunca é em direção a uma posição θ .

⁹⁰ A Gramática Tradicional confundia caso com papel temático. As coisas são bem diferentes. Não é verdade, por exemplo, que o Substantivo que venha no caso nominativo seja sempre o agente da frase, como o mostram as frases na voz passiva. Em estágios anteriores da Linguística Gerativa a idéia de papel temático se usou amplamente. Em um primeiro momento do programa minimalista chegou-se a propor a exclusão destes da Gramática. Posteriormente, todavia, retomaram-se os mesmos e ipso facto estes continuam fazendo parte da Gramática. Os papéis temáticos reconhecidos pela teoria até agora são:

- Agente
- Tema (paciente)
- Meta
- Experienciador
- Instrumento

609. Por definição, os papéis não são traços. Portanto, não se atribuem papéis através da verificação, mas no campo interno de uma categoria in situ. Dito de outro modo, os papéis- θ atribuem-se numa dada configuração. Não estando as cadeias formadas por movimento em nenhuma configuração, então não se lhes atribui nenhum papel- θ . Não é o vestígio no ínfimo da cadeira que propriamente recebeu o papel- θ , ele apenas o reteve. O papel- θ se atribuiu a uma categoria qualquer quando esta ainda não formava uma cadeia.
610. Os papéis- θ atribuídos por um verbo estão previstos já no seu verbete no léxico. Isso implica a necessidade dos receptores também de algum modo estarem “previstos” no verbete. Os únicos termos previsíveis a um verbete são os **acessórios**. Como o supremo de uma cadeia nunca é um acessório da categoria que foi o alvo do movimento, então nunca receberá um papel- θ . Assim o movimento é sempre de uma posição θ a outra não θ .
611. A falta de um papel- θ atribuído viola o princípio da intelecção plena e faz com que colida a derivação.
612. Os vários papéis e os vários acessórios do verbo levam a postular-se a existência de uma **casca larsoniana** que se constitui de um verbo simbolizado por V dentro de um **Exo-verbo** cujo símbolo é um v . Os acessórios internos do verbo estão na posição de especificador de V e os externos no especificador de v , de forma que se tem a seguinte configuração:



613. Parecem ter os verbos inacusativos uma estrutura de um só V'' e não uma como a mostrada acima. Faz esse raciocínio concluir que um verbo transitivo atribui um papel- θ externo por definição. Entre o verbo e o Exo-verbo não haverá nenhum terceiro Sintagma, tal qual um AGR'' ou nada parecido.
614. Essa casca larsoniana explica melhor a generalização de Burzio que diz o seguinte:
- a) Não atribuindo um papel- θ a um acessório exterior, o verbo fracassará ao tentar atribuir o caso acusativo ao seu objeto.
615. A generalização de Burzio é de um tempo quando se pensava que o verbo atribuía caso acusativo via **regência**⁹¹, isto é, do que durante os anos oitenta se chamava regência. Já se abandonou tal idéia,

⁹¹ O conceito de regência adotado no modelo de princípios e parâmetros era o de que um núcleo de uma categoria lexical rege todos os nós que c-comanda, desde que não haja entre o primeiro e os últimos um outro núcleo lexical c-comandando os últimos também. Tal conceito não faz sentido dentro do atual modelo, já que a relação de regência se dava entre termos tanto próximos quanto afastados. Segundo o atual modelo, toda relação tem de ser íntima. Ipso facto, o conceito de regência foi abandonado no presente modelo.

adotando-se um novo conceito segundo o qual todo caso se atribui a um especificador. Ora, dentro do Exo-verbo é justamente onde se atribui um papel- θ ao sujeito da frase. Outrossim, o especificador do Exo-verbo recebe caso acusativo. Suponha-se que no cômputo inicial não se escolha um Exo-verbo, nem muito menos um D" para ser seu adjunto. Assim, o verbo não transmitirá via o Exo-verbo um papel- θ a nenhum D" que seja adjunto do Exo-verbo. O D" complemento do verbo não poderá receber caso acusativo porque não há um Exo-verbo aonde possa subir. Daí o complemento do verbo alçar-se-á até a posição de especificador de T onde receberá caso nominativo. Isso é mais ou menos o que ocorre nas orações passivas.

Nunca a Si

616. Das várias impossibilidades de movimento restou a do movimento a si próprio. Vários são os motivos para que essa impossibilidade:
- a) uma estrutura assim formada é ambígua e para que haja uma estrutura Gerativa é preciso que a mesma seja tão explícita quanto possível;
 - b) o movimento é causado por fatores morfológicos, se os traços de uma categoria podem conferir a si próprios ou uns aos outros, então não é preciso o movimento porque já in situ estão todos conferidos;
 - c) a categoria que se expande é sempre o alvo do movimento, nunca a movida, para ser o alvo do próprio movimento, uma categoria teria de se expandir e não se expandir ao mesmo tempo, o que é contraditório.

As Categorias

617. Apresentadas as operações de casamento, movimento e lida, bem como abordados os temas correlatos dos traços e dos papéis temáticos, a exposição subentendeu um grupo de categorias na estruturação da frase. Digam-se quais são estas categorias de modo mais declarado. Existem dois bandos de categorias:
- a) lexicais;
 - b) funcionais.
618. As lexicais incluem as Preposições, os Adjetivos, os Verbos e os Substantivos. As funcionais são principalmente as do esqueleto da frase. Uma primeira visão já chegou a dizer que uma frase era algo como que:
- a) F [N" V"]
619. Nessa visão a frase em si era um grande Sintagma sem núcleo. Na busca do núcleo frásico propôs-se a existência de uma categoria funcional chamada Complementador cujo Sintagma (C")

seria a própria frase outra Flexão, sendo Sintagma Flexionado (I'') a própria oração, daí a configuração frásica assumiu o seguinte formato:

- a) $C''[C^\circ I''[N'' I'[I^\circ V'']]]$

Daí vieram as propostas de desdobrar a Flexão em duas categorias mui distintas: Concordância (AGR'') e Tempo (T):

- b) $C''[C^\circ AGR''[N'' AGR'[AGR^\circ T''[T^\circ V'']]]]$.

havendo alternativamente a tal configuração outra

- c) $C''[C^\circ T''[N'' T'[T^\circ AGR''[AGR^\circ V'']]]]$.

onde T'' dominava AGR. Dessas propostas todas surgiu uma síntese para elas que pareceu ser a forma consensual da estrutura da frase:

- d) $C''[C^\circ AGR_s''[N'' AGR_s'[AGR_s^\circ T''[T^\circ AGR_o''[AGR_o^\circ v''[V'']]]]]]$.

Nessa última havia um AGR para o sujeito e outro para o objeto da frase com uma casca larsoniana incluída.

620. O problema dessas quatro propostas com a Flexão desdobrada era que a Concordância era tratada como uma categoria quando de fato é uma relação. A partir de Chomsky (1995) o esqueleto funcional da frase se vem representando como algo assim:

- a) $C''[C^\circ T''[N'' T'[T^\circ v''[v^\circ V'']]]]$.

Que, por contas de outros detalhes que recebeu, é para muitos na verdade:

- b) $FO''[FO^\circ T''[D'' T'[T^\circ v''[v^\circ V'']]]]$.

621. T e v são as principais categorias funcionais da oração. C pode ser mais acuradamente chamado de Operador Funcional (FO) se isto fizer alguma diferença. Outrora já se pensou que o Determinante fosse o especificador do Substantivo, porém, já está provado, pelo menos para Línguas como o Português e o Espanhol, que o último é complemento do primeiro. Daí dizer-se que o sujeito e o objeto de uma frase são ambos Sintagmas Determinantes. Assim, basicamente se encontram quatro categorias funcionais que são as mais presentes em qualquer trabalho gerativista atual:

- a) Tempo;
- b) Complementador/Operador Funcional;
- c) Exo-verbo;
- d) Determinante.

De autor para autor tal quadro pode incluir umas categorias a mais ou classificar duas como sendo uma mesma. Por exemplo, para alguns o termo Determinante engloba:

- e) os Artigos;
- f) os Demonstrativos;
- g) os Pronomes Tônicos

- h) e os Clíticos.
622. Pode, todavia, ocorrer que outros prefiram distinguir os Pronomes dos Determinantes ou os Pronomes Tônicos dos Clíticos e assim por diante. Haverá, por exemplo, também quem postule a existência da categoria Aspecto como distinta de Tempo.
623. Existem também outras categorias funcionais além dessas mais citadas. São os Negadores, os Intensificadores, os Quantificadores e outras mais.
624. Nessa tese optou-se por uma generalização das cascas laronianas o que levou a formular-se o seguinte esqueleto:
- a) $f' [f^o F'' [F^o \tau'' [\tau^o T'' [T^o v'' [v^o V'']]]]]]]$
625. A letra grega τ é usada para não se confundir o Exo-tempo com os vestígios que se representam por t normalmente. As categorias f, F, τ , T e v têm a capacidade de conferir o traço +D e atribuem casos diferentes. Por exemplo, é o v quem atribui o caso acusativo. Já τ atribui caso nominativo.
626. A Teoria das Cascas Generalizada tem base em Larson (1988), sendo que a generalização da cascas laronianas é proposta do presente trabalho.

EPÍLOGO DESTE APÊNDICE:

O ARCABOÇO GERAL

627. O projeto minimalista que aqui se veio apresentando se apoia em um tripé otimista como a Engenharia. A Engenharia tem como base o princípio otimista que diz o seguinte:
- a) Toda construção se tem de fazer do modo mais econômico o possível dentro dos limites da funcionalidade e da estética;
- b) Todo objeto construído tem de ser o mais funcional o possível dentro dos limites da economia e da estética;
- c) Todo objeto construído tem de ser o mais estético o possível dentro dos limites da economia e da funcionalidade.
628. Analogamente, o programa minimalista diz que toda derivação se apoia num tripé cujos membros são:
- a) a economia;
- b) a convergência;
- c) a eufonia⁹².

⁹² O termo eufonia não tem conotações prescritivas aqui. Nem quer dizer necessariamente eufonia rítmica nem terá de ver estritamente com boas combinações segmentais, ou seja, o contrário da cacofonia.

629. Dentre esses três o menos abordado por Chomsky em seus trabalhos recentes é o último. Entretanto este está implícito ao longo de quase todas as discussões e reflexões. Agora se pode enunciar o princípio otimista da Gramática Universal:
- a) Toda derivação tem de ser a mais convergente, a mais econômica e a mais eufônica para ser possível e viável.
630. Eis a chave de todo o pensamento minimalista.
631. Versões anteriores ao Minimalismo que compuseram a Teoria da Regência e da Ligação (também chamada de Princípios e Parâmetros) já foram bem discutidas. Uma boa síntese (senão a melhor) delas se encontra em Raposo (1992). Paralela e contemporânea da Teoria de Princípios e Parâmetros é a Teoria da Estrutura Sintagmática Generalizada, descendente do pensamento montagueano e cujo livro básico de difusão é Gazdar et alii (1985). A quem possa interessar conhecer outras reformulações mais novas e um pouco diferentes do Minimalismo de Chomsky ver Lasnik (1995), bem como Ninio (1995). Paralelo ao Minimalismo há o Programa Antissimétrico em Cinque (1996b) que tem raiz em Kayne (1994).
632. Ambos programas, isto é, o minimalista e o antissimétrico são propostas bem recentes e ainda muito polêmicas no meio acadêmico. Essa dissertação é um dos poucos trabalhos feitos à luz do primeiro até o momento.

Glossário Técnico Português Inglês **Portuguese-English Technical Vocabulary**

Verbetes <símbolo> equivalente em Inglês

Lexical entry <symbol> English word

Ablativo ablative

Acessório argument

Acusativo accusative

Adjacência adjacency

Adjetivo <Adj> *noun* adjective,

Adjetivo<Adj> *adjective* adjectival

Adjunção adjunction (movement to spec position) *see in the Appendix “O Movimento das Categorias” and “As Derivações e a Economia”.*

Adjungir (or **Adjuntar**) to adjoin

Adjunto <X'> adjunct

Adverbial <Adv>adverbial

Advérbio <Adv> adverb *see “Intróito” and the first chapter “Fronti Nulla Fides”.*

Advérbio de comentário comment adverb

de afirmação adverbs of affirmation

de causa adverbs of cause or reason

de designação pointing adverbs

de dúvida adverbs of doubt

de exclusão exclusive adverbs, adverbs of exclusion

de inclusão inclusive adverbs, adverbs of inclusion

de intensidade degree adverbs, adverbs of degree, adverbs of intensity, intensifiers

de ligação connective or linking adverb

de lugar place adverbs, adverbs of place or location

de modo manner adverb, adverbs of manner

de negação adverbs of negation, negative adverbs

de opinião viewpoint adverbs

de ordem adverbs of number

de realce adverbs of enhancement

de Situação context adverbs, adverbs of context

de tempo time adverbs, adverbs of time, adverbs of frequency

veritativo or **de Retificação** truth adverb

Afinidade (or **compatibilidade**) **de traços** feature match

Afixação ou **junção** attachment, affixation *see in the Appendix “As Derivações e a Economia”*

Anteposição the insetion or movement of some element to the left ($\neq$ **posposição**)

Anteposto put at the left

Apagamento erasure

Apagar to erase

Arranjo array

Atração attraction

C-comando c-command

Cadeia chain

Campo $\langle \delta(\psi) \rangle$ domain

Campo conferidor checking domain

Campo mínimo $\langle \delta_0(\psi) \rangle$ minimal domain

Casamento merge *see in the Appendix “As Derivações e a Economia”*.

Casar to merge

Caso case

Casca larsoniana larsonian shell

Categoria category

Categórico categorial

Cerne da Gramática core grammar

Clivada (or **Pseudo-clivada**) cleft

Clítico (or **Sinclítico**) $\langle \text{Clit} \rangle$ clitic

Colidir to crash

Colisão crash *see in the Appendix “Os Níveis de Interface e o Sistema Computacional”*

Complementador $\langle C \rangle$ or $\langle F \rangle$ complementizer

Componente (or **módulo**) component

Computação (or **processamento**) Computation

Cômputo Inicial, Initial Numeration *see in Appendix “As Derivações e a Economia”*

Condição (or **Requisito**) Condition

Condição do menor elo (or **do respeito à vez na fila**) minimal link condition *see in the Appendix “O Elo da Cadeia é Sempre o Menor”*.

Condições para a saída output conditions

Conferir to check

Convergência convergence *see in the Appendix* “Os Níveis de Interface e o Sistema Computacional”

Convergente convergent

Convergir to converge

Coordenadas (π , λ) (π , λ) pairs *see in the Appendix* “Os Níveis de Interface e o Sistema Computacional”

Dativo dative

Delir to delete

Delitescência deletion

Derivação derivation

Derivativo derivational

Determinante<D> determiner

Diacronia diachrony

Diacrônico diachronic

Distante *see* **relacionamento íntimo**

Distributivo distributional

Ênclise enclisis

Enclítico enclitic

Entoacional (or **entoativo** or **intonacional**) intonational

Escolha ou **eleição** selection *see in the Appendix* “Os Níveis de Interface e o Sistema Computacional”

Especificador <Y"[W" Y"]>specifier *see in the Appendix* “Estruturas Sintagmáticas Econômicas”

Eufônico euphonic *see in the Appendix* “Arcaboço Geral”

Exo-determinante (=mini-oração)<d> light determiner

Exo-operador funcional (or **Exo-complementador**) <f>light functional operator, light complementizer

Exo-tempo < τ >light tense

Exo-verbo <v>light verb

Expansão <A"→A°> expansion, projection

Expletivo expletive

Explícito overt, visible

Filtro de caso case filter

Flexão <|nfl> or <|> inflection

Flexionado inflected, inflectional

Flexivo (or **flexionável** or **variável**) inflectional, inflected, a category that may be inflected

Foco focus

Fonologia phonology

Fonológico phonologic

Forma Lógica $\langle \lambda \rangle$ Logic Form *see in the Appendix “As Derivações e a Economia” and “Os Níveis de Interface e o Sistema Computacional”*

Forma Fonética $\langle \pi \rangle$ Phonetic Form

Frase sentence

Gana greed

Genitivo genitive

Grade (or **grelha**) gride

Gramática Universal Universal Grammar

Grátis costless

Idiotismo idiosyncratic characteristic of a particular language

Incompleta terminated, canceled (derivation)

Indicador Sintagmático phrase marker

Ínfimo the foot of a chain *this term is the same in mathematics*

Inflexivo (or **inflexionável** or **invariável** ($\neq$ **flexivo**)) some element that has no inflectional feature, that can not be inflected

Intelecção Plena full interpretation

Inteligibilidade (in)visibility *see the references to Watanabe (1993) made in the third chapter*

Inteligível visible to the computation *see the references to Watanabe (1993) made in the third chapter*

Intencional-conceitual $\langle \lambda \rangle$ conceptual-intentional

Interface interface

Ítem lexical lexical item

Leitura spell out, reading, interpretation

Ler to spell out, to read

Léxico lexicon

Lida (or **leitura**) spell out

Lídimo legitimate

Ligação (or **vinculação**) binding

Língua (or **Idioma**) a particular language

Linguagem the human faculty of language

Mais chegado closer

Mínimo esforço least resort

Minimalism minimalism

Minimalista minimalist

Minimidade relativa relativized minimality

Mini-orção <d> small clause

Mover- α move α

Mover-f. move f

Morfologia morphology

Movimento movement

Negador <Neg>the head of a Neg Phrase

Nominal nominal

Nominativo (or **reto**) nominative

Núcleo head of a phrase

Obliquo <X°> non-nominative

Oculto (or **elíptico**) covert, null, invisible, empty

Operação operation

Operador funcional (=Complementador) <F> or <C> functional operator, complementizer

Oração clause

Papel temático (or θ) θ -role

Parâmetro parameter

Parâmetro de ordenação do núcleo head initial/head final parameter

Perceptivo-articulatório < π > articulatorial-perceptual

Posposição the insertion or movement of some element to the right

Posposto put at the right

Preposição <P> preposition

Preposicionado <P> prepositional

Princípio principle

Proclítico proclitic

Próclise proclisis

Procrastinação procrastination

Procrastinar to procrastinate

Pronome pronoun

Pronominal pronominal

Quantificado <Q> quantifier *adjective*

Quantificador <Q> quantifier *noun*

Regência government

Reger to govern

Relacionamento (or **relação**) relation, relationship

Relacionamento íntimo (or **estreito** or **próximo**(≠**distante**)) local relation

Restrição ao movimento do núcleo head movement constraint

Silepse sillepsis

Siléptico silleptic

Síncrise synclisis, i.e., the order of the clitic elements in the sentence

Sincronia synchrony

Sincrônico synchronic

Sintagma<X"> phrase

Sintagma Focal focus phrase.

Sintagma Negativo<Neg"> Neg phrase

Sintaxe syntax

Sistema computacional computational system

Solecismo feature mismatch

Subida raising

Substancial substantive

Substantivo <N>noun

Supremo head of a chain *this term is the same in mathematics*

Tempo <T> tense

Teoria do X-linha X-bar theory, X-line theory

Teoria Padrão Alargada Extended Standard Theory

Transformação<=>> transformation

Transformador transformational

Traços features

Traços ativos strong features

Traços- ϕ ϕ -features

Traços inertes weak features

Unifimordidade uniformity

Verbete lexical entry

Verbo <V>verb

Verificação (or **Conferição**) feature checking

Vetícioo <t> trace

Outros símbolos other symbols

* forma ou frase agramatical *ungrammatical sentence or form*

? gramaticalidade duvidosa *uncertain grammaticality*

% não faz sentido apesar de gramaticalmente possível *it does not make sense, its grammaticality notwithstanding*

[...] representação sintática em colchetes *bracketed syntactic representation*; transcrição fonética *phonetic transcription*

{...} representação morfológica *morphologic representation*

Símbolos Fonéticos Adotados: I.P.A. (Alfabeto Fonético Internacional)

Adopted Phonetic Symbols: I.P.A.

Summary

This dissertation is on Adverbs. It examines their place among the categories of the grammar and their syntact behaviour in three languages: Portuguese, French and English. The framework assumed here is the minimalist program proposed by Chomsky (1995). It has been concluded that Adverbs do not violate the minimal link condition and do move along the sentential structure.

Key words: syntax, generative grammar, Portuguese.

Bibliografia

'Abdu'l-Bahá

(1907) O Esplendor da Verdade. Tradução de Leonora Stirling Armstrong. Quarta Edição, Editora Bahá'í, Rio de Janeiro.

Abe, Koo-ichi

(1994) Differences in Adverbial Behavior between English and French: A Minimalist Approach. Havard Working Papers.

Alexander, Louis G.

(1988) Longman English Grammar. Longman, London and New York.

Allerton, D.J. & Cruttenden, A.

(1973) English Sentence Adverbials: Their Syntax and their Intonation in British English. *Lingua*, Volume 34, Número 1.

Anscombre, Jean-Claude

(1990) L'opposition *longtemps/longuement*: durée objective et durée subjective. *Langue Française* número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbes organizado por Henning Nölke. Larousse, Paris.

Arnauld, Antoine & Lancelot, C.

(1660) Gramática Geral e Razoada. Tradução de Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Muarachco. Editora Martins Fontes, São Paulo 1992.

Azevedo, Álvares de

(1853) Lira dos Vinte Anos. Edição de 1994. Editora FTD, São Paulo.

Bach, Emmon

(1965) A Lingüística Estrutural e a filosofia da ciência. Tradução de Yonne Leite. In: Lemle, Miriam & Leite, Yonne (organizadoras) (1970), *Novas Perspectivas Lingüíticas*. Editora Vozes, Petrópolis.

Barboza, Jeronymo Soares

(1820) Gramática Filosófica da Língua Portuguesa. Segunda edição, 1830. Real Academia de Ciências, Lisboa.

Barros, João de

(1540) Gramática da Língua Portuguesa. Edição de 1957, Sociedade Astória, Lisboa.

Bastin, J.

(1896) Le verbe françois et les principaux adverbess. Trenké et Fusno, São Petersburgo. Apud Nölke (1990b).

Bellert, Irena

(1977) On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs. *Linguistic Inquiry*, volume 8, pp. 337 a 351. Apud Nölke (1990b) e Castilho & Castilho (1992)

Blumental, Peter

(1990) Classement des adverbess: Pas la Couleur, rien que la nuance? *Langue Française* número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbess organizado por Henning Nölke. Larousse, Paris.

Borba, Francisco da Silva

(1979) Teoria Sintática. T.A. Queiróz Editor & Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Borer, Hagit

(1984) Parametric Syntax: Case Study in Semitic and Romance Languages. Foris, Dordrecht. Apud Abe (1994)

Burington, Richard Stevens & Torrance, Charles Chapman

(1939) Higher Mathematics With Applications to Science and Engineering. Primeira Edição McGraw-Hill Book Company, Nova Iorque.

Câmara Jr., Joaquim Mattoso

(1970) Estrutura da Língua Portuguesa. Décima oitava edição, 1988. Editora Vozes, Petrópolis.

Castilho, Ataliba Teixeira de (organizador)

(1990) Gramática do Português Falado, Volume I: A Ordem. Editora da Unicamp & Fapesp, Campinas.

(1992) Gramática do Português Falado, Volume II: Os Níveis de Análise. Editora da Unicamp & Fapesp, Campinas.

Castilho, Ataliba Teixeira de & Castilho, Célia M.M. de

(1992) Advérbios Modalizadores. In Castilho (organizador) (1992).

Cervoni, Jean

(1990) La partie du discours nomée adverbe. *Langue Française* número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbess organizado por Henning Nölke. Larousse, Paris.

Chametzky, Robert

(1993) Chomsky-adjunction. *Lingua*, Volume 93, número 4, agosto de 1994.

(1995) Dominance, precedence, and parametrization. *Lingua* vol.96, pp163-178.

Chomsky, Noam

- (1957) Estruturas Sintáticas. Tradução Madalena Cruz Ferreira. Edições 70, Lisboa.
- (1965) Aspectos da Teoria da Sintaxe. Tradução de José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Segunda Edição, 1978. Arménio Amado Editor, Coimbra.
- (1975) Reflexões Sobre a Linguagem. Tradução de Carlos Vogt, Cláudia Tereza Guimarães de Lemos, Maria Bernadete Abaurre Gnerre, Clarice Sabóia Madureira e Vera Lúcia de Oliveira. Editora Cultrix, São Paulo.
- (1982) La Nueva Sintaxis. (título original: Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding). Tradução para o Castelhano de Santiago Alcoba e Sergio Balari. Primeira edição, 1988. Ediciones Paidós Ibérica, Barcelona.
- (1986) O Conhecimento da Língua: Sua Natureza, Origem e Uso. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Editorial Caminho, Lisboa.
- (1993) A Minimalist Program for Linguistic Theory. MIT Occasional Working Papers in Linguistics 1. Posteriormente publicado em Hale & Keyser (organizadores) The View from Building 20, 1-52, MIT Press, Cambridge.
- (1994) Bare Phrase Structure. MIT Occasional Working Papers 5.
- (1995) The Minimalist Program. MIT Press, Cambridge Massachussets.

Cinque, Guglielmo

- (1996a) Adverbs and The Universal Hierarchy of Functional Projections. Manuscrito.
- (1996b) The 'Antisymmetric' Program: Theoretical and typological Implications. Seminario di Linguistica, Università di Venezia. Manuscrito.

Cunha, Celso Ferreira da

- (1972) Gramática da Língua Portuguesa. Sexta edição, 1980. Editora da Fundação Nacional do Material Escolar, Rio de Janeiro.

Cunha, Celso Ferreira da & Cintra, Luís Felipe Lindley

- (1985) Nova Gramática do Português Contemporâneo. Segunda Edição, décima nona impressão. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Cyrino, Sonia Maria Lazzarini

- (1993) Observações sobre a mudança diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In Roberts & Kato (organizadores) (1993).

Dufresne, Monique

- (1993) L'Articulation Syntaxique et Phonologique de la Cliticisation: Le Cas des Pronoms Sujets en Moyen Français. Tese de Doutorado, Universidade de Quebec em Montreal.

Eastwood, John

- (1994) Oxford Guide To English Grammar. Oxford University Press, Oxforde.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda

(1975) Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Primeira Edição. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Galves, Charlotte Marie Chambelland

(1983) Algumas diferenças entre o Português de Portugal e Português do Brasil e a teoria da regência e da vinculação. Anais do Congresso sobre a Situação da Língua Portuguesa no Mundo, Lisboa.

(1989) O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Percurso de Uma Pesquisa. Cadernos de Estudos Linguísticos, número 17, organizado por Charlotte Marie Cambelland Galves, I.E.L. Unicamp.

(1993) O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. In Roberts & Kato (organizadores) (1993)

Gazdar, Gerald & Alii

(1985) Generalized Phrase Structure Grammar. Havard University Press, Cambridge Massachusêtes.

Greenbaun, Sidney

(1969) Studies in English Adverbial Usage. Longmanns, Londres. Apud Nölke (1990b)

Hall, Calvin S. & Gardner, Lindzey

(1966) Teorias da Personalidade. Tradução de Lauro Bretones. Editora Heder e Editora da Usp, São Paulo.

Huber, Joseph

(1933) Gramática do Português Antigo. Tradução de Maria Manuela Gouveia Delille. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Ida, Manuel Said Ali

(1921) Gramática Histórica da Língua Portuguesa. Terceira edição, 1964. Edições Melhoramentos, São Paulo.

(1930) Gramática Secundária da Língua Portuguesa. Edição de 1964. Edições Melhoramentos, São Paulo

Ilari, Rodolfo

(1992) Linguística Românica. Editora Ática, São Paulo.

(1992) Sobre Os Advérbios Aspectuais, in Castilho (organizador) (1992).

(1992) Sobre Os Advérbios Focalizadores, in Castilho (organizador) (1992).

Ilari, Rodolfo & Alii

(1989) Considerações sobre a Posição dos Advérbios. In Castilho (organizador) (1990).

Isidoro, Santo __ de Sevilha

(623) Etimologias. Edição de 1982. Biblioteca de Autores Cristianos, Madri.

Jacobson, Sven

(1964) *Adverbial Positions in English*. AB Studentbok, Estocolomo.

Jackendoff, Ray

(1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, Cambridge, MIT Press, Cambridge, Massachussetes.

(1977) *X-bar Syntax: A Study of Phrase Structure*. The MIT Press, Cambridge, Massachussetes.

Jaegli, Osvaldo

(1982) *Topics in Romance Syntax*. Foris, Dordrecht. Apud Abe (1994)

Kayne, Richard S.

(1975) *French Syntax: The Transformational Cycle*. MIT Press, Cambridge Massachussetes.
Apud Abe (1994)

(1994) *The Antisymmetry of Syntax*. The MIT Press, Cambridge Massachussetes.

Kant, Immanuel

(1787) *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. Terceira Edição 1987, Editora Nova Cultural, São Paulo.

Kato, Mary Aizawa & Castilho, Ataliba Teixeira de

(1991) *Advérbios Modalizadores: um novo núcleo predicador?* Delta, volume 7, número 1, Puc São Paulo.

Kato, Mary Aizawa & Nascimento, Milton do

(1993) *A Representação da Estrutura Sentencial do Português e a Posição dos Aspectuais e Quantificadores*. Anpoll.

Korzen, Hanne

(1990) *Pourquoi pourquoi est-il différent? L'adverbial de cause et la classification des adverbiaux en général*. Langue Française número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbes organizado por Henning Nölke. Larousse, Paris.

Larson, Richard K.

(1988) *On the Double Object Construction*. Linguistic Inquiry, volume 19, número 3.

Lasnik, Howard

(1995) *Case and Expletives Revisited: On Greed and Other Human Failings*. Linguistic Inquiry, volume 26, número 4, outono de 1995.

Leibniz, Gottfried Wilhelm

(1710) *O Que é Idéia*. In Newton, Leibniz, Os Pensadores. Traduções de Carlos Lopes de Mattos, Pablo Rubén Mariconda, Luiz João Baraúna e Marilena de Souza Chauí. Segunda Edição, 1983. Coleção os Pensadores. Editora Abril Cultural, São Paulo.

Lec, Seung-Hwa

(1995) Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

Lobato, José Bento Monteiro

(1934) Emília no País da Gramática. Décima terceira edição, 1966. Brasiliense, São Paulo.

Luft, Celso Pedro et alii

(1986) Novo Manual de Português. Quinta edição. Editora Globo, Rio de Janeiro.

Marsais, César Chesneau du

(1729) Les Véritables Principes de la Grammaire et autres textes. Editora Fayard, Paris.

Martin, Robert

(1973) Le mot puisque: notion d'averbe de phrase et de présupposition sémantique . Studia Neophilologica. Apud Nølke (1990b)

(1990) Pour une approche vériconditionnelle de l'adverbe bien. Langue Française número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbes organizado por Henning Nølke. Larousse, Paris.

Massini-Cagliari, Gládis

(1995) Cantigas de Amigo: do Ritmo Poético ao Lingüístico (um estudo do percurso histórico da acentuação em Português). Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

Melo Neto, João Cabral de

(1975) Museu de Tudo. Segunda Edição, 1976. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro.

Mioto, Carlos

(1989) Construções Interrogativas: elementos para uma análise do Português do Brasil. Cadernos de Estudos Lingüísticos, número 17, organizado por Charlotte Marie Chambelland Galves, I.E.L. Unicamp.

Molinier, Christian

(1990) Une classification des adverbes en -ment. Langue Française número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbes organizado por Henning Nølke. Larousse, Paris.

Morais, Maria Aparecida C. R. Torres

(1993) Aspectos Diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no Português do Brasil. In Roberts & Kato (organizadores) (1993).

Nef, Frédéric

, Problèmes de classification des adverbes d'un point de vue logique. Langue Française número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbes organizado por Henning Nølke. Larousse, Paris.

Neves, Maria Helena de Moura

(1992) Os Advérbios Circunstanciais (de Lugar e de Tempo), in Castilho (organizador) (1992).

Nilsson-Ehle, Hans

(1941) Les adverbos em -ment. Munksgaard, Copenhaga. Apud Nölke (1990b)

Ninio, Anat

(1995) Compiler Grammar: A Dependency-oriented Minimalist Approach. Theoretical Linguistics, Volume 21, número 2 e 3.

Nölke, Henning

(1983) Les adverbos paradigmatisants: fonction et analyse. Revue Romane, número especial 23. Akademisk Forlag, Copenhaga. Apud Nölke (1990b) e Castilho & Castilho (1992).

(1990a) Presentation. Langue Française número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbos organizado por Henning Nölke. Larousse, Paris.

(1990b) Recherches sur les Adverbos: bref aperçu historique des travaux de classification. Langue Française número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbos organizado por Henning Nölke. Larousse, Paris.

Nunes, José Joaquim

(1905) Compêndio de Gramática Histórica. Nona edição, junho de 1989. Clássica Editora, Lisboa.

Nunes, Jairo Moraes

(1993) Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em Português Brasileiro. In Roberts & Kato (organizadores) (1993).

Oiticica, José de

(1942) Manual de Análise (léxica e sintática). Sexta edição, refundida. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro. Apud Cunha & Cintra (1985).

Oliveira, Marco Antonio de

(1992) Algumas Notas Sobre A Colocação dos Advérbios Qualitativos no Português Falado, in Castilho (organizador) (1992).

Opdycke, John B.

(1941) Harper's English Grammar. Livros Warner, Nova Iorque.

Pagotto, Emílio G.

(1993) Clíticos, mudança e seleção natural. In Roberts & Kato (organizadores) (1993)

Peres, João Andrade

(1995) Tempo e Estrutura Temporal das Situações. Anotações de palestra conferida na Universidade de Campinas em 19 de Outubro do dito ano.

Perini, Mário A.

(1989) *Sintaxe Portuguesa, Metodologia e Funções*. Editora Ática, São Paulo.

Pollock, Jean Yves

(1989) *Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP*. *Linguistic Inquiry* Volume 20, número 3, Verão.

Possenti, Sirio

(1992) *Ordem e Interpretação de Alguns Advérbios do Português*, in Castilho (organizador) (1992).

Preti, Dino & Urbano, Hudinilson (organizadores).

(1988) *A Linguagem Falada Culta Na Cidade de São Paulo. Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo. Vol. III-Entrevistas (Diálogos entre informante e documentador)*. T.A. Queiroz, Editor-Fapesp, São Paulo.

Quirk, R. et alii

(1972) *A Comparative Grammar of English Language*. Longman, Londres. Apud Castilho & Castilho (1992).

Raposo, Eudardo Paiva

(1992) *A Teoria da Gramática- A Faculdade da Linguagem*. Editorial Caminho, Lisboa.
(1993) Apostilas e anotações de conferências proferidas na Unicamp naquele ano.

Reale, Giovanni & Antiseri, Dario

(1986) *História da Filosofia*. Tradução de Álvaro Cunha. Edições Paulinas, São Paulo.

Rey, Alain (organizador)

(1988) *Mirco-Robert. Dictionnaires le Robert*, Paris.

Ribeiro, Ernesto Carneiro

(1957) *Estudos Gramaticais e Filológicos*. Livraria Porgresso Editora, Salvador.

Roberts, Ian

(1993) *Verbs and Dyachronic Syntax*. Foris, Dordrecht.

Roberts, Ian & Kato, Mary Aizawa (organizadores)

(1993) *Português Brasileiro- Uma Viagem Diacrônica*. Editora da Unicamp, Campinas.

Rochette, Anne

(1991) *La Structure D'Arguments Et Les Propriétés Distributionnelles Des Adverbes*. *Revue Québécoise de Linguistique*, volume 20, número 1.

Rouveret, Alain

(1989) *Cliticização e tempo no Português Europeu*. Tradução de Carlos Mioto. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, número 17, organizado por Charlotte Marie Chambelland Galves. IEL, Unicamp.